



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

IMAGENS COMO PROCESSOS DOCUMENTAIS DOS CONTEXTOS
FUNERÁRIOS NA ARQUEOLOGIA NO CARIRI OCIDENTAL
PARAIBANO

MELBA GODOI VIEIRA

Laranjeiras/SE

2025

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA**

**IMAGENS COMO PROCESSOS DOCUMENTAIS DOS CONTEXTOS
FUNERÁRIOS NA ARQUEOLOGIA NO CARIRI OCIDENTAL
PARAIBANO**

MELBA GODOI VIEIRA

Dissertação apresentada como pré-requisito para obtenção do título de Mestra em Arqueologia pela Universidade Federal de Sergipe.

Orientadora: Prof^a Dr^a Olivia A. de Carvalho.

Laranjeiras/SE

2025

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DO CAMPUS DE LARANJEIRAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

V657i Vieira, Melba Godoi
Imagens como processos documentais dos contextos funerários
na Arqueologia no Cariri Ocidental Paraibano / Melba Godoi Viera;
orientadora Olívia Alexandre de Carvalho. - Laranjeiras, 2025.
150 f., il.

Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal
de Sergipe, 2025.

1. Arqueologia - Cariri, Região do (PB). 2. Antropologia visual.
3. Semiótica e arqueologia. 4. Arqueologia funerária. 5. Imagens.
I. Carvalho, Olívia Alexandre de, orient. II. Título.

CDU 902(813.3)

CRB-5/1343

MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA

**IMAGENS COMO PROCESSOS DOCUMENTAIS DOS CONTEXTOS
FUNERÁRIOS NA ARQUEOLOGIA NO CARIRI OCIDENTAL PARAIBANO**

MELBA GODOI VIEIRA

Dissertação apresentada à banca examinadora composta pelos Professores:

Profa. Dra. Olivia Alexandre de Carvalho
(UFS) Orientadora

Prof. Dr. Fernando José Ferreira
Aguiar (UFS) 1º Examinador

Prof. Dr. Carlos Xavier de
Azevedo Netto (UFPB) 2º
Examinador - Membro Externo

Laranjeiras/SE
2025

À minha mãe (*in memoriam*), amor da minha vida — daqui
até a eternidade.

AGRADECIMENTOS

A minha família nuclear pelo amor incondicional: minha mãe, Graça; meu pai, Arnaldo; meu filho, Bento; minha irmã, Raffaella; meus irmãos Gustavo, Victor Hugo, Pedro e José; minhas sobrinhas Raissa, Cecília, Daniela e sobrinhos Rudá e Pedro. Aos meus avós maternos e paternos.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio concedido para o desenvolvimento desta pesquisa. Meu reconhecimento ao professor Carlos Xavier e a todos os profissionais que integraram o Laboratório de Arqueologia da UFPB: Thiago, Chico, Conrad, Djiuliane e Silvana. Agradeço também ao Núcleo de Documentação Histórica Regional (NDHIR). Aos professores da Universidade Federal de Sergipe (UFS), minha orientadora Olivia de Carvalho, os professores Albérico de Queiroz, Fernando Aguiar e Lorena Garcia. Aos professores e professoras do curso de Antropologia do Campus IV da UFPB, em especial, João Martinho, Luziana e Ruth.

A Marlene, Lícia, Thauan, Jaciara, Karla, Manu, Gabriel e Roberto, obrigada pela troca e companheirismo ao longo do curso. Aos amigos e amigas: Cibeles, Ticianna, Tia Gorete, Tia Serly, Tereza, Lu, José Pedro, Rodrigo e Ignês. Ao meu namorado, Guto. Aos irmãos e irmãs da Barquinha, João Batista, Paola, Mel, Jairo, Cris, Cirdan, Sara, Leandro, Livia, Maria Clara e Erick.

A todas essas pessoas e instituições que me ensinam e inspiram, expresso aqui meu amor e meu agradecimento.

“Eu tinha vontade de fazer como os dois homens que vi sentados na terra escovando osso. No começo achei que aqueles homens não batiam bem. Porque ficavam sentados na terra o dia inteiro escovando osso. Depois aprendi que aqueles homens eram arqueólogos. E que eles faziam o serviço de escovar osso por amor. E que eles queriam encontrar nos ossos vestígios de antigas civilizações que estariam enterrados por séculos naquele chão. Logo pensei de escovar palavras. Porque eu havia lido em algum lugar que as palavras eram conchas de clamores antigos. Eu queria ir atrás dos clamores antigos que estariam guardados dentro das palavras [...]”

Manoel de Barros (1937)

RESUMO

As imagens desempenham um papel fundamental na produção do conhecimento científico. Na disciplina arqueológica, os registros imagéticos são imprescindíveis como documentação, tanto para analisar, interpretar, preservar a memória e informações, como também na comunicação e divulgação das pesquisas. Entretanto, existe uma lacuna considerável no tratamento, uso e divulgação das imagens na arqueologia. De acordo com Molyneaux (1997), até os anos de 1990, os registros visuais eram mal compreendidos ou simplesmente ignorados pelos pesquisadores. Nesse cenário, as imagens não eram percebidas como fonte valiosa de informação e documentação, bem como não eram objetos de estudo na disciplina arqueológica. Desta maneira, a presente pesquisa teve como propósito analisar e discutir a produção imagética (fotografias) enquanto formas de tratamento documental e de visualização do registro arqueológico, em especial dos contextos funerários e do trabalho arqueológico de escavação. Para isso, definiu-se como objetivo geral investigar a produção imagética produzida nas campanhas de escavação no sítio cemitério Parque das Pedras no Cariri paraibano, que faz parte do acervo digital do Laboratório de Arqueologia Brasileira, vinculado ao Núcleo de Documentação e Informação Histórica e Regional (LAB/NDIHR) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), para verificar se é possível realizar uma descrição dos contextos funerários com base nos signos contidos nas fotografias. Destaca-se que o estudo propõe uma abordagem inspirada no aspecto pós-disciplinar da arqueologia, como discutido por Fahlander e Oestigaard (2004). Para isso, a metodologia articula a semiótica peirceana, a arqueologia funerária e a antropologia visual. Assim, as fotografias são compreendidas não somente como um banco de dados, mas sim como arcabouço instrumental e de competências documentais e culturais salvaguardadas, visto que cada escavação é um evento único e irreversível (Pessis, 1982), as imagens são registros históricos do trabalho arqueológico.

Palavras-chave: Imagens; Contextos Funerários; Semiótica; Antropologia Visual.

ABSTRACT

Images play a fundamental role in the production of scientific knowledge. In the archaeological field, visual records are essential as documentation, both for analyzing, interpreting, and preserving memory and information, as well as for communicating and disseminating research. However, there is a considerable gap in the treatment, use, and dissemination of images in archaeology. According to Molyneaux (1997), until the 1990s, visual records were poorly understood or simply ignored by researchers. In this context, images were not perceived as a valuable source of information and documentation, nor were they objects of study in the archaeological field. Therefore, this research aimed to analyze and discuss the production of images (photographs) as a form of documentary processing and visualization of the archaeological record, especially in funerary contexts and archaeological excavation work. To this end, the general objective was to investigate the imagery produced during excavations at the Parque das Pedras cemetery site in the Cariri region of Paraíba, which is part of the digital collection of the Brazilian Archaeology Laboratory, affiliated with the Center for Historical and Regional Documentation and Information (LAB/NDIHR) at the Federal University of Paraíba (UFPB). This investigation aimed to determine whether it was possible to describe the funerary contexts based on the symbols contained in the photographs. It is noteworthy that the study proposes an approach inspired by the post-disciplinary aspect of archaeology, as discussed by Fahlander and Oestigaard (2004). To this end, the methodology articulates Peircean semiotics, funerary archaeology, and visual anthropology. Thus, photographs are understood not only as a database, but also as an instrumental framework for safeguarding documentary and cultural skills. Since each excavation is a unique and irreversible event (Pessis, 1982), the images are historical records of archaeological work.

Keywords: Images; Funerary Contexts; Semiotics; Visual Anthropology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Mapa de localização do município de Camalaú e do sítio Parque das Pedras	43
Figura 02 – Régua quadriculada para auxílio de observação da imagem.....	51
Figura 03 – Pannel de trabalho do <i>Adobe Lightroom Classic CC</i>	53
Figura 04 – Triângulo semiótico.....	57
Figura 05 – Equipe do LAB/NDIHR sob abrigo rochoso.....	79
Figura 06 – Delimitação das quadrículas.....	80
Figura 07 – Área de escavação e quadrículas delimitadas.....	81
Figura 08 – Profissionais em atividades.....	82
Figura 09 – Área de peneiração as margens do açude.....	83
Figura 10 – Profissional manuseando a peneira.....	84
Figura 11 – Pequeno fragmento ósseo.....	85
Figura 12 – Vestígios ósseos.....	86
Figura 13 – Vestígios ósseos longos.....	87
Figura 14 – Fragmentos de calota craniana.....	88
Figura 15 – Quadrícula apresentando material rochoso <i>in situ</i>	89
Figura 16 – Quadrícula coberta por plástico indicando a área para trabalhos posteriores.....	90
Figura 17 – Vista geral da área escavada sob o abrigo rochoso.....	91
Figura 18 – Vista geral do entono do sítio arqueológico.....	92
Figura 19 – Vista do açude formado pelo rio Monteiro.....	93
Figura 20 – Equipe em atividade de escavação.....	98
Figura 21 – Equipe em atividade e registro fotográfico.....	99
Figura 22 – Escavação sob abrigo rochoso.....	100
Figura 23 – Afloramento rochoso que compõe o abrigo.....	102
Figura 24 – Fragmentos ósseos dispersos.....	103
Figura 25 – Vestígio ósseo longo.....	104
Figura 26 – Vestígios ósseos acondicionados em papel alumínio.....	105
Figura 27 – Modelo de etiqueta de identificação do material do sítio Parque das Pedras.....	106
Figura 28 – Fragmento de mandíbula com dentes.....	107
Figura 29 – Limpeza do fragmento de um crânio e pequenos fragmentos dispersos.....	108
Figura 30 – Limpeza de fragmento ósseo.....	109
Figura 31 – Quadrícula com vestígios líticos e instrumentos de escavação.....	110
Figura 32 – Vestígio lítico e pequenos fragmentos ósseos dispersos em superfície escavada.....	111
Figura 33 – Vista geral do sítio Parque das Pedras.....	112
Figura 34 – Paisagem do entorno do sítio Parque das Pedras.....	113
Figura 35 – Equipe realizando a delimitação da área.....	119
Figura 36 – Área de escavação com as quadrículas delimitadas.....	120
Figura 37 – Equipe em atividade.....	121
Figura 38 – Primeiro sepultamento humano.....	122
Figura 39 – Delimitação de sepultura com blocos rochosos.....	123

Figura 40 – Contas de colar associadas ao primeiro sepultamento no momento da retirada.....	124
Figura 41 – Escavação em bloco.....	125
Figura 42 – Retirada em bloco do crânio e fragmentos de costelas.....	126
Figura 43 – Equipe em atividade.....	127
Figura 44 – Exumação de esqueleto humano em escavação arqueológica.....	128
Figura 45 – Segundo sepultamento identificado.....	129
Figura 46 – Adorno produzido em concha.....	130
Figura 47 - Fragmento de concha.....	131
Figura 48 - Vista da área escavada.....	133
Figura 49 – Vista do rio Monteiro.....	134
Figura 50 – Terceiro sepultamento humano identificado.....	136
Figura 51 – Vista geral do sítio Parque das Pedras e equipe.....	138

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Fluxograma representando o processo de produção, análise, interpretação e uso dos documentos fotográficos em arqueologia.....	49
Quadro 02 – Modelo de quadro para organização dos metadados, informações e descrições das fotografias.....	54
Quadro 03 - Fluxograma com as categorias no <i>Lighthroom Classic</i>	55
Quadro 04 - Relações entre signos como fundamentos gerais para interpretação.....	60
Quadro 05 - Esquema metodológico para o estudo da unidade funerária.....	67
Quadro 06 - Organização dos metadados, informações e descrições das fotografias da campanha de 2015.....	77
Quadro 07 - Organização dos metadados, informações e descrições das fotografias da campanha 2018.....	96
Quadro 08 - Organização dos metadados, informações e descrições das fotografias da campanha de 2019.....	117

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	14
2- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	21
2.1. A Semiótica.....	21
2.2. A Semiótica na Arqueologia.....	25
2.3. Os registros visuais na produção do conhecimento arqueológico.....	28
2.4. Processos documentais e representações visuais na arqueologia.....	33
2.5. Bioarqueologia e Arqueologia Funerária.....	37
2.6. Os contextos funerários no Nordeste e o sítio Parque das Pedras.....	41
2.7. Etnografia da Arqueologia.....	44
3- METODOLOGIA.....	47
3.1. Abordagens para a análise dos registros visuais nos contextos de escavação arqueológicas.....	47
3.2. Software de organização e análise das imagens.....	51
3.3. A abordagem semiótica na análise dos registros visuais.....	55
3.4. Arqueologia funerária na análise dos registros visuais.....	62
3.5. O trabalho arqueológico à luz da Antropologia Visual.....	69
4. ANÁLISES, RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	75
4.1. Análise dos registros visuais do trabalho arqueológico no sítio Parque das Pedras.....	75
4.2. Campanha de prospecção realizada em 2012.....	76
4.3. Campanha de escavação realizada em 2015.....	95
4.3. Campanha de escavação realizada em 2018.....	115
4.4. Campanha de escavação realizada em 2019.....	135
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	140
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	142

1-INTRODUÇÃO

O presente estudo teve o objetivo de lançar um olhar semiótico e etnográfico para as fotografias produzidas nas campanhas de prospecção e escavação arqueológica realizadas no sítio cemitério Parque das Pedras, com o propósito de analisar e discutir o acervo imagético produzido como formas de tratamento documental do registro arqueológico. A motivação para este estudo surgiu durante a graduação em antropologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), quando a autora participou da campanha arqueológica no sítio Parque das Pedras no ano de 2019, onde, na ocasião, foi realizada a exumação de um esqueleto humano. A experiência etnográfica de observação participante, aliada ao uso da câmera filmadora, resultou em seu trabalho de conclusão de curso¹.

Neste contexto, despertou sua atenção, o fato de que embora as fotografias e vídeos sejam indispensáveis na prática arqueológica, as imagens são raramente compartilhadas com o público, como também, são pouco exploradas como objetos de análise como apontou Molyneaux (1997) que até os anos de 1990, as imagens eram mal compreendidas ou simplesmente ignoradas pelos pesquisadores e não eram percebidas como fonte significativa de informação e documentação, assim como não eram entendidas como objetos de estudo da arqueologia. Assim, a partir da constatação, surgiu o interesse de investigar o potencial documental e interpretativo das imagens para a disciplina arqueológica.

Destaca-se que no presente estudo foram utilizados os termos: registros visuais e imagens, em que se apontam suas especificidades: os registros visuais, referindo-se às fotografias elaboradas durante as campanhas de prospecção e escavação como documentação, enquanto o termo imagens é utilizado abrangentemente, onde evidencia-se o caráter narrativo, interpretativo e simbólico, sobretudo na análise semiótica e etnográfica.

¹ O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “Eu tive uma intuição”: um filme etnográfico sobre o trabalho arqueológico no Cariri Ocidental Paraibano, foi apresentado no ano de 2022. Em seu trabalho, a pesquisadora acompanhou e registrou as minuciosas ações do grupo, observando a cultura material, o ambiente, o trabalho, os gestos e as transformações do universo arqueológico, onde foi realizada a exumação de um esqueleto humano completo. O conjunto do material filmado, foi inspirado na Antropologia Fílmica preconizada por Claudine de France e Anne-Marie Pessis, constituindo um exercício de etnografia da Ciência, com o propósito de formar um acervo imagético voltado à história e aos processos documentais da Arqueologia na Paraíba e Nordeste.

Para Aumont (2016), as imagens, a princípio, podem significar todas as informações que chegam através da luz aos nossos olhos - instrumentos da visão – e, por intermédio de processos ópticos, químicos e nervosos, formam um objeto e, em frações de segundos, conseguimos enxergar. Entretanto, a definição de imagem não se resume às informações que os olhos podem ver, já que criamos imagens mentais, *metafóricas, oníricas, táteis e olfativas*² que muitas vezes não se materializam. A gama de informações que chega à visão humana passa a ser entendida como imagem e, dessa maneira, compreendemos e significamos o mundo ao nosso redor. Já o universo das imagens abstratas é chamado de imaginação, o qual não versa a uma quimera, até mesmo porque as imagens criadas pelos seres humanos acabam por fazer a própria humanidade. “Assim, é a Imaginação criadora que autoriza o sujeito humano a seu poder infinito de fazer variar as imagens com as quais, e através das quais, ao moldar o mundo, molda-se a si mesmo”. (Eckert, Rocha, 2015, p. 29).

Segundo Manguel (2006, p. 21), as imagens “são a matéria do que somos feitos”. Bachelard (1988, *apud* Eckert; Rocha, 2015, p. 20) diz: “a imaginação que dá vida à causa material”. Diante das premissas, podemos compreender que as imagens e a imaginação são lugares de onde emergem os produtos culturais. As imagens desempenham um papel crucial na percepção de mundo e, enquanto objeto de cultura, “se apresentam como uma unidade complexa, de natureza narrativa, como um encadeamento de elementos que se dialogam, compondo uma história que lhe confere um sentido e uma função cultural” (Klein, 2005, p. 185). No ilimitado universo imagético material e/ou subjetivo, as imagens produzidas materialmente são das mais diferentes formas, conteúdos e de naturezas múltiplas, variam de acordo com o material e suporte tecnológico. Desta maneira, tem os desenhos, pinturas, esculturas, fotografias, vídeos, *grafittis*, iconografias, holografias, entre tantas outras formas variadas e criativas. Destaca-se:

De um ponto de vista da cultura e levando em consideração o aspecto material do objeto, imagens são textos culturais, construídos pelo homem, frutos de sua imaginação, que duplicam o seu mundo e seu imaginário, dando-lhes formas figurativas ou abstratas nos mais diversos suportes visuais (Klein, 2005, p. 186).

² Do ponto de vista do neurocientista português Antônio Damásio, as imagens mentais não se limitam à percepção visual, elas podem permear todo o espectro sensorial (Damásio, 2000).

Enquanto representações visuais, as imagens podem ser entendidas a partir de categorias anteriores, neste sentido remete-se aos seus primórdios, aos tempos pré-históricos, a partir das pinturas produzidas pelas populações humanas pretéritas, utilizando pigmentos naturais (argila, minerais, sementes, ossos), a fim de registrar eventos do cotidiano, em especial, cenas de caça e ritualísticas. Os sujeitos humanos pretéritos deixaram um vasto universo simbólico pintado e gravado no interior das cavernas, abrigos e paredes de rochas.

As interpretações arqueológicas apontam que os seres humanos do passado não estavam apenas reproduzindo imagens do cotidiano e/ou ritualísticas, estavam se comunicando. Segundo Laming-Emperaire (1973), o indivíduo do passado “ornamentou, pintou, esculpiu ou gravou e muito mais que experiências artísticas, são com as primeiras mensagens conscientes transmitidas a nós do âmago das épocas” (p. 07, tradução nossa). Para tanto, entende-se que a comunicação e o comportamento dos grupos humanos estão intimamente vinculados a estruturas simbólicas, forjando-se em sistemas semióticos, conforme sugere Simondon (2007) ao refletir sobre a relação indissociável entre técnica e estética. “A comunicação humana é um processo artificial. Baseia-se em artifícios, descobertas, ferramentas e instrumentos, a saber, em símbolos organizados em códigos” (Flusser, 2017, p. 85).

Desta maneira, o presente estudo tem o propósito de contribuir para a comunicação e o acesso à informação sobre o patrimônio arqueológico paraibano. Partindo do entendimento de que “o principal instrumento de preservação de que se pode dispor é a informação quanto ao patrimônio arqueológico, que tem como último recurso o tombamento” (Azevedo Netto, 2008, p. 08). Neste sentido, considera-se que os registros visuais, quando organizados, interpretados e compartilhados com o público em geral, assumem um papel fundamental na salvaguarda do patrimônio, tornando-se instrumentos de preservação da memória e promoção do conhecimento.

De acordo com Struever (1995), os registros fotográficos são detentores de dois importantes papéis: a *documentação* da pesquisa de campo e a *comunicação* das atividades e resultados das pesquisas. As imagens produzidas nos estudos arqueológicos de maneira sistemática enriquecem a documentação, facilitam a interpretação dos dados e tornam-se arcabouço instrumental no qual contém informações passíveis de serem recuperadas, que precisam ser estudadas, por existir um hiato considerável nas formas de tratamento, utilização e divulgação da documentação visual nas pesquisas.

Na prática arqueológica, as fotografias, vídeos, desenhos e croquis são de extrema importância documental e analítica, entretanto, podem não ter relevância para os processos de socialização do conhecimento arqueológico. Contudo, de acordo com a abordagem teórica e metodológica utilizada, os registros visuais podem ser significativos para outros estudos de ciências correlatas, como a antropologia visual e a história (Cisneiros; Mützenberg; Silva, 2012). Assim, como objetivo geral, foram analisados os acervos imagéticos das campanhas de prospecção e escavação arqueológica realizadas no sítio cemitério Parque das Pedras para investigar se é possível reconstruir as situações observadas em campo, tanto em relação às intervenções do trabalho arqueológico quanto na análise dos contextos funerários. Visto que cada escavação é um evento único por conta da destruição irreversível do objeto de estudo (Pessis, 1982), as imagens são consideradas registros históricos.

Em relação aos objetivos específicos, buscou-se investigar as seguintes proposições: É possível realizar uma descrição dos contextos funerários com base nas informações contidas nas fotografias produzidas nas prospecções e escavações do sítio Parque das Pedras? Dado o potencial das imagens na produção do conhecimento científico, qual o papel delas em uma etnografia da prática arqueológica de escavação?

Muito embora a escavação seja um dos métodos mais importantes da arqueologia, a técnica não deve ser entendida como o único e/ou principal método da disciplina. Neste sentido, entende-se que a arqueologia é um campo interdisciplinar (Fahlander; Oestigaard, 2004) que utiliza uma variedade de métodos que vão desde análises em laboratório, estudo de acervos e coleções, abordagens etnográficas, análise da paisagem, entre outros. Como discute Hodder (2000), a arqueologia deve ser concebida enquanto prática social e interpretativa, portanto a escavação é apenas uma das técnicas na produção do registro arqueológico. Deste modo, a antropologia, a qual pretende-se discutir no estudo, contribui com métodos qualitativos como a observação participante, análise e interpretações etnográficas, como também o uso de equipamentos audiovisuais para permitir uma melhor compreensão dos contextos culturais e simbólicos do trabalho arqueológico.

Neste sentido, destaca-se que o estudo propõe um exercício inspirado no aspecto pós-disciplinar da arqueologia, como discutido por Fahlander e Oestigaard (2004). De acordo com os autores, a arqueologia não deve ser apontada como uma disciplina isolada, pois seu desenvolvimento tanto teórico quanto metodológico está

intimamente relacionado a outros campos das ciências humanas e sociais. Os autores argumentam que, nas ciências pós-disciplinares, não são as disciplinas que unem os pesquisadores, mas sim os questionamentos e os temas que estudam (Fahlander; Oestigaard, 2004). Para tanto, são as questões as quais pretendemos investigar e não os limites disciplinares que permitem a utilização de diferentes metodologias.

“Boas ideias, abordagens e perspectivas não são exclusivas de uma disciplina específica, mas sim de conhecimento comum, uma vez que todos estudam os mesmos tópicos: seres humanos e sociedades” (Fahlander; Oestigaard, 2004, p. 05, tradução nossa). Portanto, ao articularmos a semiótica e a antropologia visual na análise das fotografias, estamos promovendo uma perspectiva interdisciplinar que nos permite examinar os contextos funerários e o trabalho arqueológico de maneira mais abrangente, promovendo diferentes significados na construção do conhecimento arqueológico. Para isso, a pesquisa propõe um estudo experimental para analisar as fotografias do acervo digital do sítio arqueológico Parque das Pedras, por meio da articulação de referências bibliográficas, documentais e etnográficas. Assim, o estudo se apoia nos métodos da semiótica e da antropologia visual, aliados aos conceitos da arqueologia funerária, utilizada como principal abordagem para observar os contextos funerários encontrados no sítio arqueológico.

No primeiro capítulo, dedicado à fundamentação teórica, são discutidas as referências que sustentam a análise das imagens enquanto processos documentais e de representações visuais na arqueologia. Para isso, são utilizadas abordagens, a partir dos referenciais que articulam a semiótica, os registros visuais (fotografias), a arqueologia funerária e a etnografia. Na primeira seção, são apresentados os fundamentos da semiótica concebida por Charles Sanders Peirce, cuja teoria sobre os signos apresenta os aportes necessários para compreender as formas como as fotografias se tornam mediadores na produção de significados da experiência arqueológica. Posteriormente, reflete-se sobre a semiótica no campo arqueológico, em especial, a partir das proposições de Preucel (2006), o qual discute a arqueologia enquanto um ato semiótico, sua perspectiva contribui significativamente para a interpretação dos registros arqueológicos.

Em seguida, é discutida a utilização das fotografias como documentos visuais na arqueologia. Neste caminho, autores como Shanks (1997) e Molyneaux (1997), Cisneiros, Mützenbergl e Silva (2012) são fundamentais para entender o papel dos registros visuais na prática arqueológica. A visualização arqueológica é abordada por

Llobera (2010) e Azevedo Netto, Matos e Souza (2024), em que dissertam sobre os desafios contemporâneos da arqueologia em relação ao armazenamento, interpretação e compartilhamento do conhecimento arqueológico de maneira pública. No que diz respeito aos contextos funerários, a fundamentação teórica parte dos pressupostos da arqueologia funerária e da bioarqueologia, considerando os remanescentes humanos como testemunhos bioculturais do passado. Para isso, são discutidos autores como Larsen (2002), Buikstra e Beck (2006), Cisneiros (2003) e Silva (2013). No recorte espacial do presente estudo, Silva (2023), entre outros, apresenta estudos sobre o sítio arqueológico Parque das Pedras. Por fim, reflete-se sobre a etnografia da arqueologia como abordagem que busca investigar a produção do conhecimento arqueológico no aspecto social, a partir de Geertz (1978, 1997), Hodder (1999, 2000), Latour (1994, 1997, 2000), Castañeda; Matthews (2008) e Silva (2024).

O capítulo dois apresenta o caminho metodológico da pesquisa, focando no *corpus* gráfico do acervo digital do Laboratório de Arqueologia Brasileira, vinculado ao Núcleo de Documentação e Informação Histórica e Regional (LAB/NDIHR) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Este *corpus* é formado por 47 imagens produzidas durante as campanhas arqueológicas realizadas entre os anos de 2012, 2015, 2018 e 2019, classificadas em três categorias temáticas: trabalho arqueológico, vestígios arqueológicos e ambiente.

Para tanto, Cisneiros, Mützenbergl e Silva (2012) apresentam abordagens essenciais para a análise dos registros visuais nos contextos arqueológicos de escavação. O tratamento das imagens foi realizado através do *software Adobe Lightroom Classic*, destinado à organização, visualização e análise das imagens. Na análise semiótica das imagens, buscou-se na tricotomia de Peirce os trabalhos de Santaella; Nöth (1997), Nöth (2003, 2012, 2013), Flusser (2017), entre outros autores, para examinar as fotografias como signos mediadores de significados através das categorias: ícone, índice e símbolo.

Nas análises dos contextos funerários, tem-se como principal aporte metodológico a arqueologia funerária, com base nos critérios propostos por Cisneiros (2003), na qual apresenta uma sistematização dos contextos funerários em três categorias: tratamento do corpo, estrutura da sepultura e cultura material associada. Com isso, tais características foram observadas a partir das fotografias, relacionando-as com informações de publicações, bem como a partir de entrevistas com

pesquisadores que participaram das escavações, através da etnografia visual reflexiva, proposta por Pink (2001, 2006) e da foto-elicitación por Banks (2009). As fotografias foram associadas a textos e legendas, de acordo com os pressupostos de Guran (2012) e Santaella; Nöth (1997).

No capítulo três, são apresentados os resultados e as discussões do presente estudo a partir das análises das fotografias produzidas durante as prospecções e escavações no sítio Parque das Pedras. Conforme o percurso metodológico, foi realizada no primeiro momento a análise semiótica das fotografias, em seguida foram aplicados os métodos da arqueologia funerária para identificar os contextos funerários, posteriormente, por meio da abordagem etnográfica reflexiva, foram realizadas as entrevistas semiestruturadas com os participantes do trabalho de campo.

Com isso, a proposta concentra-se na narrativa visual do registro arqueológico, analisando as fotografias selecionadas à luz da abordagem semiótica peirceana, com o objetivo de compreender as formas como os signos visuais, ícones, índices e símbolos, empreendem a construção dos significados sobre o trabalho arqueológico. Em seguida, os contextos funerários registrados nas imagens são analisados à luz da arqueologia funerária (Cisneiros, 2003) com a descrição dos sepultamentos, apresentando as informações sobre as estruturas, os vestígios ósseos, os acompanhamentos artefatuais e demais informações encontradas.

Os textos e as legendas que acompanham as imagens foram retirados dos encontros realizados por meio do método de foto-elicitación, com dois arqueólogos que participaram das pesquisas de campo. O objetivo foi aprofundar-se nas narrativas etnográficas, buscando refletir acerca dos significados atribuídos às imagens pelos sujeitos envolvidos, assim como sobre os processos sociais, técnicos e afetivos que se desenvolvem no universo do trabalho arqueológico. A elaboração dessas reflexões tem como aporte a perspectiva da antropologia visual reflexiva proposta por Pink (2001; 2006), evidenciando como as fotografias operam não somente como registros, mas como mediadoras de memória, discurso e experiências.

Espera-se que este estudo contribua nas interpretações etnográficas, as quais apresentam informações importantes sobre o “modo de vida e morte” (Ribeiro, 2007) dos grupos humanos que habitaram o território no passado, como também sobre os fenômenos culturais da prática arqueológica de escavação e a salvaguarda da informação sobre o patrimônio cultural. Assim, teve-se como propósito produzir uma

coleção documental imagética, com a finalidade de gerar informações tanto para o processamento de dados em laboratório e futuros estudos, quanto para promover a democratização e comunicação do patrimônio arqueológico da Paraíba e do Nordeste.

2- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. A Semiótica

Conforme Santaella (1983), a semiótica é definida como a ciência geral dos signos e constitui-se em um campo multidisciplinar dedicado ao estudo dos fenômenos de comunicação e significação que se manifestam na experiência humana. Para a autora, o termo semiótica vem do grego *sēmeion*, que quer dizer “signo”. Para Peirce (1958), o signo é “algo que representa algo para alguém em algum aspecto ou capacidade” (Peirce, 1958, p. 343 *apud* Santaella *et al.*, 2011, p. 68). Segundo Santaella; Nöth (1997), o signo é definido como uma coisa no lugar de outra para alguém e serve como mediação dos sentidos. Para Preucel (2006), os “signos são coisas como ideias, palavras, imagens, sons e objetos que estão implicados no processo comunicativo” (p. 5, tradução nossa). Em conformidade com Santaella (1983), o signo não é uma entidade estanque, mas sim um processo dinâmico de mediação de significados.

De acordo com Nöth (2003), a semiótica, propriamente dita, teve seu início com os filósofos John Locke (1632–1704) e Johann Lambert (1728–1777), os quais se preocuparam em compreender a natureza dos signos, da significação e da comunicação na história das ciências. Na semiótica moderna, as principais correntes teóricas são atribuídas ao suíço Ferdinand de Saussure (1857–1913) e ao norte-americano Charles Sanders Peirce (1839–1914). Saussure se dedica às investigações dos sistemas linguísticos, ao passo que Peirce, inspirado pela filosofia, debruçou-se nas condições gerais do conhecimento e propôs de forma hipotética: a função do signo no processo do pensamento e na determinação da conduta (Silveira, 1983).

A partir da segunda metade do século XIX, as ciências humanas e sociais, influenciadas pelos avanços da modernidade, ganham caráter científico e neste cenário surge a linguística, uma ciência que se consolidou como área de investigação da língua falada e escrita. A língua é uma forma específica de

linguagem, caracterizada por um conjunto estruturado de signos verbais compartilhado por um determinado grupo linguístico (Santaella, 1983). Saussure foi um dos precursores nos estudos da linguística e se preocupou em analisar os sistemas dos signos verbais, como parte integrante da semiologia, como denominava, a ciência cujo objetivo é estudar a vida dos signos na sociedade. O linguista explica o signo enquanto uma “entidade psicológica bilateral” que liga um conceito e um padrão sonoro (Saussure, 1966, p. 66 *apud* Preucel, 2006, p. 68, tradução nossa). Neste sentido, Preucel (2006) diz:

O conceito não é uma coisa no mundo, mas sim uma imagem mental dessa coisa. Da mesma forma, o padrão sonoro não é um som físico, mas sim a interpretação cognitiva do som pelo ouvinte. O conceito e o padrão sonoro são, portanto, entidades mentais e independentes de qualquer objeto externo. Saussure define o conceito como o significado (*signified*) e o padrão sonoro como o significante (*signifiant*) (p. 28, tradução nossa).

Desta maneira, o signo verbal tem uma estrutura binária composta pelo significante e significado, assim, a entidade linguística só existe pela associação inseparável desses dois elementos. De acordo com Preucel (2006), Saussure observou relações muito próximas entre a linguística e outras ciências, entre elas a antropologia, a etnografia, a pré-história e outras áreas, as quais usam dados linguísticos. Neste cenário, o antropólogo estruturalista Claude Lévi-Strauss estabeleceu relações entre a antropologia e a linguística a partir da abordagem saussuriana. Conforme Bars (2021):

A semiótica saussuriana é estreitamente associada às teorias de Lévi-Strauss, e pode ser compreendida como uma metodologia que procurou construir uma ponte entre a antropologia e a linguística [...] enquanto Lévi-Strauss buscava compreender as estruturas que permeavam a organização e formação dos mitos, dos sistemas de parentesco e do totemismo, Saussure procurava desvendar as estruturas que sustentavam a organização dos signos entre si (p. 24)

Saussure demonstra que a linguagem tem uma característica especial, ela é sempre decorrência de um legado histórico: “Na verdade, nenhuma sociedade conhece ou conheceu a linguagem senão como um produto herdado de gerações precedentes que deve ser aceito como tal” (Saussure 1966, p. 71, *apud* Preucel 2006, p. 26, tradução nossa). Neste viés, Santaella (1983) reflete:

Em síntese: existe uma linguagem verbal, linguagem de sons que veiculam conceitos e que se articulam no aparelho fonador, sons estes que, no Ocidente, receberam uma tradução visual alfabética (linguagem escrita), mas existe simultaneamente uma enorme variedade de outras linguagens que

também se constituem em sistemas sociais e históricos de representação de mundo (p. 11).

Diante das premissas apresentadas por Santaella (1983), entende-se que a linguagem faz parte de um universo de formas sociais de comunicação e significação, sejam elas verbais ou não. Trata-se, portanto, da natureza semiótica da cultura formada por uma extensa teia de significados, tal como discutido por Geertz (1978). A teoria semiótica desenvolvida pelo norte-americano Charles Sanders Peirce, um dos cientistas mais importantes de sua época, apresenta reflexões e formulações nos campos da lógica, da fenomenologia e do pragmatismo. Suas contribuições foram fundamentais para a consolidação da semiótica, bem como da filosofia da ciência. A impressionante diversidade de áreas, às quais Peirce se dedicou, desde as ciências exatas e naturais, físicas e psíquicas, foi para ele uma maneira de se dedicar à lógica. “Seu interesse em Lógica era, primariamente, um interesse na Lógica das ciências. Ora, entender a lógica das ciências era, em primeiro lugar, entender seus métodos de raciocínio” (Santaella, 1983, p. 18). A sua dedicação em compreender os métodos de raciocínio das diferentes ciências o levou a desenvolver uma teoria geral sobre os signos. Assim, Peirce (1977) escreve:

Um *Signo*, ou *Representamen*, é um Primeiro que se coloca numa relação triádica genuína, tal como um Segundo, denominado seu *Objeto*, que é capaz de determinar um Terceiro, denominado seu *Interpretante*, que assuma a mesma relação triádica com seu Objeto na qual ele próprio está em relação com o mesmo Objeto (p.63).

Desta maneira, a teoria semiótica de Peirce é fundamentada em três categorias principais, concebidas como: Primeiridade, Segundidade e Terceiridade. Neste sentido, sua classificação constitui-se em concepções universais, tornando-se uma metodologia fundamental na compreensão dos processos de comunicação e significação (Santaella, 1983). Segundo Peirce (*apud* Preucel, 2006, tradução nossa), a Primeiridade reflete sobre a noção de ser ou existir, independentemente de qualquer outra coisa, é uma potencialidade ou possibilidade que seja realizada. Quanto à Segundidade, é a noção de ser relativo ou reagir a outra coisa, envolta em uma dinâmica da alteridade, é a forma como percebemos a realidade ao nosso redor. E a Terceiridade é a percepção de mediação pela qual um Primeiro e um Segundo estabelecem uma relação um com o outro, essa relação permite a continuidade e os princípios gerais que orientam o sentimento e a ação. Portanto, todo conceito

intelectual é um Terceiro, por conceber ordem e regularidade, a partir do caos e da aleatoriedade (Preucel, 2006).

A concepção peirceana nos permite refletir sobre como os signos são produzidos, interpretados e comunicados, e com isso observar que todo e qualquer fenômeno cultural está relacionado a três elementos chaves em um sistema semiótico: o Signo-Objeto, Signo-Veículo e Signo-Interpretante (Coelho Netto, 1989). Onde:

[...] mantendo o signo de lado por um momento, o objeto é definido como “aquilo que determina um sinal de que este último determina uma ideia na mente de uma pessoa” (Peirce, 1958, CP, 8.343). O interpretante é definido como “aquilo que o signo produz no *Quasimind* que é o Intérprete determinando o segundo para um sentimento, para um esforço, ou para um Signo, cuja determinação é o Interpretante” (Peirce, 1958 *apud* Preucel, 2006, p. 54, tradução nossa).

Quando a correlação triádica se manifesta, estabelece a relação de espontaneidade ou potencialidade; existência ou factualidade; generalidade ou convencionalidade, de modo que a terceira relação depende da segunda que, por sua vez, depende da primeira (Silveira, 1983). Em vista disso, não existe relação de generalidade, convencionalidade ou lei que não consista em um meio de existentes ou de fatos, bem como as correlações não se estabelecem se não existir uma potência significativa que lhes atribua a realidade (Silveira, 1983). Logo, o signo não tem significado, ele é um promotor de significados e essa relação é inexoravelmente triádica e possui em si, a capacidade de produzir outro signo em um processo infinito de semiose (Preucel, 2006, tradução nossa). Nas palavras de Peirce, semiose é a ação de um signo sobre outro em um processo de significação, “a natureza dos signos” (Peirce, 1998, p. 413, tradução nossa).

Diante do exposto, esta breve contextualização teve como objetivo apresentar os principais conceitos da semiótica, os quais serão discutidos no capítulo dedicado à metodologia, articulando com autores que, à luz da abordagem semiótica peirceana, desenvolveram importantes estudos teórico-metodológicos sobre as imagens, como: Santaella; Nöth (1997), Santaella *et al.* (2011), Flusser (2017), Joly (2007), entre outros.

2.2. A Semiótica na Arqueologia

Em sua obra *Archaeological Semiotics*, Robert Preucel (2006), arqueólogo norte-americano, pós-processualista, apresenta um panorama sobre as contribuições e aplicações da semiótica na arqueologia. A obra é uma das principais referências sobre a semiótica na disciplina. Preucel reflete que a semiótica é uma ferramenta metodológica significativa e que a arqueologia em si já é um “ato semiótico”, pois “necessariamente tem que manter conectados todos os elos que fazem permanecer unidos a teoria, os dados e as práticas sociais na busca dos significados” (Preucel, 2006, p. 04, tradução nossa).

No início da obra, Preucel escreve como é surpreendente que, até os dias de hoje, poucos arqueólogos têm se dedicado à compreensão e aplicação da semiótica em seus trabalhos. De acordo com o autor, embora as referências sobre métodos e teoria arqueológica como Bintliff (2004), Hodder (1999), O'Brien *et al.* (2005), Renfrew e Bahn (2000), Ucko (1995) entre outros, discutam sobre os aspectos simbólicos e interpretativos, nenhuma delas cita a semiótica. Nas palavras do autor: “O termo ‘semiótica’ não aparece em nenhuma das visões gerais recentes do método e da teoria arqueológica” (Preucel, 2006, p. 03, tradução nossa).

Uma das razões, entre outras apontadas por Preucel, seria a de que a semiótica, de forma geral, tem a tendência a conceber a cultura material ou a iconografia como um “texto”, motivo que desagradava muitos arqueólogos processualistas como Lewis Binford (1931–2011), que tece fortes críticas aos arqueólogos pós-processualistas. Contudo, conforme refletido por Bars (2021), a razão de muitos arqueólogos não entenderem a semiótica como um instrumento metodológico não significa que ela não seja apropriada como metodologia. Talvez seja pelo fato de muitos a considerarem “complexa” e por demais “filósofa” (Bars, 2021, p. 23), e não compreendem como podem aplicá-la no estudo da cultura material objetivamente.

As primeiras relações entre a arqueologia e a semiótica, segundo Preucel (2006), ocorreram na década de 1960, a partir da semiologia saussuriana, com o início da chamada “virada linguística” nas ciências humanas e sociais. Os arqueólogos André Leroi-Gourhan (1964), Annette Laming-Emperaire (1973) e James Deetz (1967), a partir das teorias estruturalistas, aplicaram o modelo linguístico aos dados arqueológicos. Contudo, foi no início da década de 1980 que o arqueólogo Ian Hodder

(1994) reintroduziu na arqueologia o estruturalismo linguístico, concebendo uma “leitura” da cultura material. Assim, suas premissas apoiadas nas críticas pós-estruturalistas de Foucault (1970), Derrida (1966) e Bourdieu (1977), entre outros, tornaram-se bases teóricas para o desenvolvimento da arqueologia pós-processual. Conforme destacou Michael Shanks: “a arqueologia pós-processual lançou um ataque à arqueologia processual com base nos fundamentos filosóficos da semiótica e da teoria do discurso” (Shanks, 1990, p. 299, *apud* Preucel, 2006, p. 09, tradução nossa).

Entretanto, Hodder (1999) reconhece que a metáfora de leitura, ao modo saussureano, apresentava uma relação muito simples entre significante e significado, não sendo suficiente para tratar dos fenômenos das manifestações simbólicas em sua totalidade. Para Hodder, o modelo linguístico não se sustentava, pois a relação entre o significante e o significado na linguagem é convencional, enquanto, no caso da cultura material, tal concepção não é suficiente para dar conta da complexidade simbólica (Preucel; Bauer, 2001, p. 87, tradução nossa).

Neste cenário, a partir da antropologia semiótica discutida por Singer (1978), compreendem-se as principais diferenças entre as perspectivas de Peirce e Saussure. Assim, constata-se que, embora as concepções partilhem dos mesmos objetivos (uma teoria geral dos signos), elas são distintas significativamente quanto ao seu objeto de estudo, conceitos e leis específicas, bem como sua epistemologia e ontologia. Preucel; Bauer (2001) destacam:

O tema da abordagem semiológica (saussureana) é a linguagem natural, a literatura, as lendas e os mitos, enquanto o tema da abordagem semiótica (peirceana) é a lógica, a matemática e as ciências. Em termos de signo, a abordagem semiológica observa uma relação diádica (significado, significante), enquanto a abordagem semiótica reconhece uma relação triádica (signo, objeto, interpretante). Para a abordagem semiológica, os signos são arbitrários, porém, para a abordagem semiótica, eles incluem ícones e índices (signos que têm relações não arbitrárias com seus referentes). [...] Finalmente, o ator/falante é assumido, mas não incluído, na análise semiológica; no entanto, em uma análise semiótica, ator/falante é parte integrante do processo de semiose (p. 89, tradução nossa).

Neste sentido, Preucel e Bauer (2001) argumentam que o modelo triádico pode ser significativo para a arqueologia em vários aspectos e apontam que as categorias de signos formuladas por Peirce são fundamentais para aplicar aos diferentes tipos de signos materiais e culturais, com os quais os arqueólogos estão preocupados. Preucel (2006) apresenta uma breve revisão dos trabalhos sobre a influência da semiótica na interpretação arqueológica em Hodder (1982, 1986), Miller (1982, 1985), Wylie (1982), Gardin e Peebles (1992), Gardin (1980, 1987), Tilley (1989), Llamazares

(1989), Molino (1992), Herzfeld (1992), Thomas (1995), Bauer e Rizvi (2001), Coben (2006). Assim, compreende-se que a abordagem semiótica tem sido mais empregada por arqueólogos interessados em questões teóricas ligadas à compreensão dos aspectos simbólicos. Para a arqueologia, é fundamental entender o papel dos símbolos, ou dos sistemas simbólicos, nos contextos sociais, reconhecendo os mecanismos de funcionamento e suas contribuições para a construção e manutenção de padrões sociais e ideologias (Bars, 2021).

Ainda no que discute Preucel (2006), a arqueologia é concebida como uma área que se propõe a reconstruir as culturas humanas passadas, por meio dos vestígios materiais remanescentes no presente. Sendo assim, é necessário que o arqueólogo examine quais signos são reflexos de determinadas práticas culturais, mediante quais condições e para quais tipos de intérpretes, enquanto construção do seu trabalho. Portanto, o campo da semiótica se preocupa com a investigação dos sistemas de signos e o modo de representação elaborados e apropriados pelos indivíduos para difundir suas narrativas, símbolos e subjetividades experienciadas. Assim, entende-se que a teoria semiótica é um significativo instrumento teórico-metodológico, que incorpora os diversos campos de estudos sobre a cultura material, sejam estes relacionados aos aspectos funcionais ou simbólicos dos objetos e estruturas (Preucel, 2006).

2.3. Os registros visuais na produção do conhecimento arqueológico

Os registros visuais são fontes valiosas de informações culturais e arqueológicas. Como expõe Molyneaux (1997), até os anos de 1990, as fotografias eram mal compreendidas ou simplesmente ignoradas pelos pesquisadores e não eram concebidas como fonte significativa de informação e documentação. Diante das premissas, a seção discute o uso das fotografias enquanto documentação na arqueologia, como também as limitações, plausibilidade e a necessidade de estudar o tema.

As imagens, enquanto representações, surgem na pré-história por meio de desenhos pintados e gravados nas cavernas e paredes rochosas. Para além de registrar as práticas do cotidiano, em especial, cenas de caça e ritualísticas, os sujeitos humanos do passado estavam se comunicando. Na perspectiva da arqueologia “pós-processual”³, a investigação do universo das pinturas rupestres aponta que o comportamento dos grupos humanos do passado está intimamente associado a aspectos simbólicos. Conforme apontado por Leroi-Gourhan (1964), o universo simbólico como recurso à visualidade é fonte de significação que antecede a escrita.

Em relação às fotografias, como representações, têm seus primórdios no século XIX, com o desenvolvimento de técnicas como a *câmera escura*⁴, em 1816, quando Joseph Niépce capturou a primeira imagem permanente. O processo envolvia exposição à luz por um período específico e tratamento químico para fixar a imagem. Entretanto, a descoberta definitiva ficou a cargo de Louis-Jacques M. Daguerre, por volta de 1826, que criou o *daguerreótipo*⁵ considerado o primeiro processo fotográfico.

O potencial fotográfico foi apropriado para a arqueologia desde seu surgimento. “Para copiar os milhares de hieróglifos que cobrem os grandes monumentos de Tebas, Menfis, Karnak etc., seriam necessários vários anos e legiões de

³ Segundo Shanks: “O termo ‘pós-processual’ diz somente isso, que a arqueologia veio depois do processual. Está implícito um programa coerente, abordagem, método ou corpo de teoria.” (2008, p. 133)

⁴ A câmera escura é um aparelho óptico, formado por uma caixa escura com uma pequena abertura por onde entra a luz que forma de maneira invertida o objeto sobre a parede do fundo da caixa (Aumont, 2012).

⁵ Processo alcançado por mecanismos fisioquímicos com utilização de placas de cobre revestidas com prata, sensíveis à luz, no qual produziam imagens mais nítidas e detalhadas, evoluindo para a popularização da fotografia ao longo dos séculos.

desenhistas. Com o daguerreótipo, um só homem poderia dar conta da tarefa” (Arago, 1939, *apud* Guran, 2012, p. 18).

O surgimento da fotografia ocorre, de certa maneira, em paralelo ao desenvolvimento da arqueologia, na qual inicialmente se apoiava nas práticas do antiquarismo (século XIV ao XIX). Marcados pelo entusiasmo das descobertas de vestígios de antigas civilizações — egípcia, assíria, greco-romana, maia —, os primeiros vestígios arqueológicos foram registrados visualmente, com destaque para os grandes monumentos. Nessa época, o interesse pelos artefatos se dava para fins comerciais e coleções de museus. Entende-se que nesse período as fotografias eram concebidas como as outras mais diversas curiosidades materiais que os antiquários colecionavam (Silva, 2018).

Posteriormente, no final do século XIX, em um cenário onde as ciências humanas e sociais despontam na Europa, influenciadas pelos avanços científicos da modernidade e pela revolução industrial que acarretava diversas mudanças sociais, ideológicas, políticas e tecnológicas, a arqueologia ganha um caráter científico. Assim surge a perspectiva histórico-cultural com o propósito de estabelecer classificações e interpretações dos registros arqueológicos a partir de categorias culturais específicas. As fotografias produzidas nessa época apresentavam uma preocupação de caráter cientificista, a abordagem aprimorou as técnicas de interpretação e escavação e, com isso, utilizavam fotografias em campo. “Ao modo que a fotografia se tornou rapidamente o veículo mais usado para registrar práticas e lugares e, ao final do século XIX, ela era parte integrante do método de registro em escavações na Europa” (Hissa, 2015, p. 78).

Na década de 1960, surge a *New Archaeology*, apresentando uma perspectiva processual. Segundo Trigger (2004), os arqueólogos norte-americanos reforçaram e renovaram seus antigos vínculos com a antropologia, em busca de correlações etnográficas e de conceitos teóricos capazes de servi-lhes de apoio para interpretar os dados sob um ponto de vista funcional ou processual. Essa corrente é concebida a partir de um rigor científico, utilizando métodos de amostragem, estatísticos e comparativos na tentativa de elaborar grandes analogias e generalizações. As fotografias produzidas na abordagem processual apresentavam ênfase na etnoarqueologia. Diante de um viés sistêmico, os elementos registrados estavam relacionados à tecnologia material e à distribuição espacial. As fotografias

apresentavam um caráter científico, porém mais ilustrativo e demonstrativo (Reyero, 2001).

No percurso do desenvolvimento da disciplina, em meados dos anos 1980, surge a abordagem pós-processual, inspirada nas revoluções epistemológicas, movimentos sociais e na filosofia humanística, e assim passou-se a contestar o paradigma científico da arqueologia processual. A abordagem pós-processual é entendida como contextual ou interpretativa, parte de pressupostos históricos, mas não negligencia os contextos simbólicos, o trabalho arqueológico e suas subjetividades. É nesse momento que as fotografias arqueológicas passam a ser vistas não mais como algo passível somente de ilustrações e anexos, mas sim como instrumentos indispensáveis de registro documental, bem como testemunhos da prática arqueológica (Molyneaux, 1997).

Em função do que se discute, encontra-se em Hissa (2015) e Stollmeier (2024) um panorama conceitual sobre a fotografia e a arqueologia, onde as autoras refletem que durante muito tempo as fotografias eram produzidas unicamente com a função de registrar e ilustrar, excluindo a subjetividade do pesquisador assim como a do observador. Os artigos trazem as dimensões do lugar da fotografia na prática arqueológica, enquanto detentora de dados e informações, assim como testemunhos das perspectivas dos profissionais, demonstrando que as escolhas feitas pelos arqueólogos podem influenciar diretamente na interpretação e análise dos dados.

Visto que os registros são resultados de uma construção teórico-metodológica, assim como subjetiva, é fundamental reconhecer que muitas vezes as perspectivas são relativas à visão do pesquisador. Diante do exposto, entende-se que as fotografias são bases para a produção da documentação dos registros arqueológicos e como salvaguarda da informação, impreterivelmente as relacionadas às práticas de escavação, considerando a característica destrutiva (ou transformadora) da prática, a qual significa um momento único, impossível de ser repetido e irreversível (Lucas, 2001).

Para tanto, compreende-se que a produção e o uso dos registros visuais, em especial as fotografias, objetos de análise do presente estudo, são fundamentais no trabalho arqueológico. “O registro fotográfico é uma das etapas mais importantes da documentação arqueológica” (Fester, 2024, p. 02). Como mencionado anteriormente, as imagens fotográficas não devem ser entendidas como meros registros visuais, pois elas, quando concebidas como instrumentos documentais, são fundamentais na

produção do registro e do conhecimento arqueológico. As imagens produzidas são como meios ou fins das etapas na pesquisa, durante a escavação, nas análises laboratoriais e musealização do conhecimento arqueológico, tendo como missão a socialização de um saber científico (Cisneiros; Mützenberg; Silva, 2012).

O estudo dos documentos visuais sob a perspectiva da epistemologia do conhecimento representa uma parcela importante na produção do conhecimento científico no âmbito das ciências humanas e sociais. No Brasil, Lemos (1992) se dedicou a desenvolver uma abordagem técnica para a linguagem das imagens aplicadas na arqueologia. A autora se inspirou em estudos da fotografia contemporânea de Sontag (1981), Barthes (1984), Dubois (1990), Aumont (1993), Rouillé (2009), Kossoy (1989) e Molyneaux (1997). Esses autores são importantes para refletir de forma crítica sobre o uso, os significados e a importância das fotografias nas ciências humanas e sociais.

No campo da produção de conhecimento arqueológico, vários manuais foram elaborados entre os anos 1950 e 1990, todavia, com o intuito de utilizar a fotografia como auxílio na produção da pesquisa de campo e no laboratório. Assim, são encontrados trabalhos específicos em relação às fotografias arqueológicas em Cookson (1954), Conlon (1971), Harp (1975) e Dorrell (1995). Em manuais que abordam técnicas e métodos na arqueologia, estão incluídas também seções que discorrem sobre fotografia, como nos trabalhos de Heizer e Graham (1967), Barker (1977) e Joukowsky (1986). Com relação às técnicas e estéticas utilizadas na fotografia, a fim de garantir resultados precisos e objetivos, a preocupação com o posicionamento da câmera, o uso de imagens verticais e oblíquas⁶, a normatização do registro fotográfico é encontrada em Barker (1977), que reafirma as perspectivas apresentadas por Cookson (1954) e Matthews (1968), os quais foram retomados posteriormente por Pallestrini e Perasso (1984).

Entretanto, as primeiras inquietações e problematizações com relação à produção sistemática e à utilização científica das fotografias na arqueologia partem dos estudos de Harp (1975) e Shanks (1997), autores que são fundamentais aos que pesquisam sobre as imagens na, e a partir da, arqueologia. Nesta perspectiva,

⁶ São os tipos principais de imagens e cada uma tem características específicas que as tornam adequadas para diferentes aplicações. As fotografias verticais são capturadas com a câmera apontada para baixo em um ângulo de 90 graus em relação à superfície, enquanto as oblíquas são capturadas com a câmera inclinada em relação à superfície com um ângulo menor que 90 graus.

Harp (1975) observou que as fotografias arqueológicas são detentoras de pelo menos três princípios básicos: o da *aquisição e registro* de dados, *análise e interpretação* e para *comunicações*. De acordo com o autor, a visualidade da prática fotográfica presta-se à aquisição de dados relacionados à descoberta, análise ambiental, fotogrametria e mapeamento. Quanto à obtenção de dados, funcionaria como documentos operacionais ao registrar as pesquisas de campo, catálogos e arquivos. Ao que tange à análise e interpretação, seria útil tanto na análise de dados de campo e de coleções, quanto na comunicação, utilizada em aulas, palestras e publicações.

Shanks (1997) apresenta formas de tratamento documental no uso científico das fotografias na arqueologia, através do conceito de *photowork*, onde expõe elementos para uma base teórica e metodológica na análise e interpretação dos dados visuais produzidos na prática arqueológica. O autor reflete a perspectiva, como uma forma de enxergar as fotografias através do olhar epistemológico ainda pouco explorado na arqueologia, e aponta as relações entre arqueologia e as fotografias como interpretativas, ferramentas de percepções, produtoras de símbolos e sentidos. Através do *photowork* propõe-se o conceito de *atualidade*, com métodos discursivos de mídia⁷, colagem e montagem, entre outros. Para Shanks (1997), atualidade é um conceito-chave na compreensão da fotografia e do discurso da arqueologia, as mesmas se apresentam não como simples registros do passado, por estarem ativas na interpretação e comunicação de significados no presente, expondo assim o caráter temporal e material das fotografias.

Há sempre em cada fotografia alguma experiência processada. E é apresentado que a materialidade do mundo é inefável. Finalmente, a temporalidade, frequentemente, uma melancolia do passado no presente, é invocada ao longo do trabalho fotográfico (Shanks, 1997, p. 100, tradução nossa).

Neste sentido, entende-se que a prática fotográfica expõe aspectos sobre como o arqueólogo revela os remanescentes do passado no presente. Segundo Shanks (1997), a fotografia arqueológica pode ser compreendida do ponto de vista do estudo da cultura, concebendo a prática arqueológica como produção cultural. Os conjuntos de fotografias arqueológicas elaboradas pelo profissional tornam-se evidências

⁷ O arqueólogo Michael Shanks apresenta estudos relacionados ao papel da mídia na arqueologia. O projeto intitulado *Metamedia* produzido pelo autor, propõe investigações interdisciplinares e interativas conectando ferramentas midiáticas e a materialidade arqueológica. O conceito de mídia aparece enquanto parte fundamental da prática arqueológica na apresentação dos resultados, assim como na coleta de dados (Hissa, 2015).

materiais do passado em que exprimem reflexões teóricas, práticas e subjetivas no presente. Embora “a natureza silenciosa dessas imagens tenha raramente sido discutida, assim como as suas mensagens, concordantes ou não àquelas contidas nos textos escritos” (Cisneiros; Mützenbergl; Silva, 2012), é importante reconhecer que a fotografia, mesmo sendo considerada silenciosa, é bastante impactante, visto que, em algumas situações, o que se revela na imagem pode não ter sido observado no decorrer do trabalho de campo. As fotografias produzidas nas escavações são registros visuais valiosos, por serem entendidas como detentoras de informações, dados e memórias, tanto das diferentes fases das pesquisas de campo quanto do desenvolvimento da escavação arqueológica. Elas são essenciais em relação à salvaguarda da informação sobre o patrimônio cultural, especialmente diante do caráter destrutivo do processo de escavação.

Assim sendo, a documentação visual torna-se fundamental para comunicar e devolver para a sociedade em geral, como também na devolutiva para as comunidades do entorno dos sítios arqueológicos, possibilitando, assim, uma apropriação do patrimônio cultural por essas comunidades. Considerando o potencial dos registros fotográficos, em conjunto com os dados e informações obtidas nas pesquisas de campo, as imagens podem constituir instrumentos significativos para elaboração de catálogos científicos, revisões de estratégias metodológicas, estudo de coleções e musealização, além de serem produtos para uma possível sociologia do conhecimento, reconhecendo-as como elementos da cultura material que podem estar relacionadas a história das ciências e da observação da disciplina arqueológica (Cisneiros; Mützenbergl; Silva, 2012).

2.4. Processos documentais e representações visuais na arqueologia

Segundo Fester (2024), a documentação arqueológica é o conjunto de técnicas e práticas utilizadas para registrar, analisar e interpretar os vestígios arqueológicos. Este procedimento é essencial para a salvaguarda do patrimônio cultural e histórico, o qual possibilita que as futuras gerações compreendam as sociedades que nos antecederam. Neste sentido, a documentação envolve desde a coleta de dados em campo até a catalogação e análise em laboratório, incluindo uma extensa produção de registros: escritos, visuais, gráficos e digitais, os quais permitem a integridade das informações coletadas. Por isso, a documentação arqueológica é compreendida como

um processo sistemático de registro e análise dos contextos escavados, assim como ferramenta indispensável na salvaguarda do patrimônio, como também relacionada aos aspectos simbólicos dos vestígios coletados (Fester, 2024).

Embora as imagens sejam indispensáveis nos processos de documentação e de visualização na arqueologia para registro, análise, interpretação de dados e comunicação das pesquisas arqueológicas, entre outros, percebe-se que existe uma lacuna nos tratamentos das informações visuais em estudos publicados, assim como na divulgação para o público em geral. Na contemporaneidade, caracterizada pela era digital, torna-se cada vez mais importante utilizar as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) conectadas à *internet*, como computadores, celulares, *softwares*, aplicativos, técnicas de realidade virtual, entre outros tantos suportes digitais e tecnológicos, com o propósito de democratizar os saberes das ciências (Anjos e Silva, 2018).

Na literatura arqueológica, tem-se discutido sobre o potencial das técnicas digitais e de informação para engajar e integrar as tecnologias digitais às teorias, metodologias e práticas arqueológicas. No entanto, embora a produção dos dados digitais tenha crescido consideravelmente, os debates de como trabalhar a materialidade do registro arqueológico através do aparato digital ainda são mínimos, em comparação à quantidade de dados e informações produzidas pelos arqueólogos ao longo dos anos. Llobera (2010) discute que o avanço tecnológico supera a reflexão teórica sobre a importância epistemológica do aparato digital e expõe a necessidade de um debate mais específico sobre o tema.

Neste viés, Moberg (1986) reflete que os achados são somente o início do longo processo de pesquisa e que existe um acúmulo de *matéria-prima* arqueológica muito significativa que precisa ser trabalhada. “Existem evidentemente instituições e arqueólogos que acham suficiente juntar e organizar informações. Mas a grande questão atual é saber o que se pode esperar da arqueologia e o que se deve fazer com ela” (p. 20). E isso gera diversos questionamentos e problemas em relação ao próprio objetivo da Arqueologia. Neste viés, destaca-se:

Em arqueologia, nós temos uma necessidade urgente de novas categorias de interpretação. Não apenas para interpretar os achados em termos de conjuntura e de evolução social, mas também para tornar a arqueologia transparente aos arqueólogos (sem esquecer a obrigação imperativa de ser acessível aos não arqueólogos, ao grande público). E todos nós temos a necessidade de nos ultrapassarmos descobrindo, no domínio que nos é familiar, abordagens diferentes das nossas (Moberg, 1986, p. 23).

Segundo o autor, um dos caminhos para mitigar os disparates do acúmulo da materialidade arqueológica é o da comunicação. Para isso, deve-se promover a cooperação interdisciplinar entre os diversos campos científicos e focar em uma comunicação substancial entre os pesquisadores, como também com os diferentes grupos sociais. Assim, entende-se que as formas de representações e materialidades produzidas pelas imagens, quando trabalhadas sistematicamente, podem gerar ganhos significativos e auxiliar no tratamento e gerenciamento da acumulação de dados e informações arqueológicas.

Neste cenário, Llobera (2010) sugere uma *Visualização Arqueológica*, abordando em seus estudos a relevância dos documentos visuais produzidos pelos arqueólogos e a importância dos recursos imagéticos e digitais para o acesso, coleta e compartilhamento dos dados e informações. De acordo com o autor, isso possibilita a disponibilização e comunicação dos conhecimentos arqueológicos, por meio do aparato digital, não só entre a comunidade científica, mas para o público em geral. O autor disserta sobre a criação de uma *Ciência da Informação Arqueológica* em consonância com a *Ciência Computacional* (registro, representação e interpretação) e a *Ciência da Informação* (transmissão da informação), devido à crescente importância da visualização, consequência do acesso global à internet, bem como outros grandes avanços das tecnologias digitais. Llobera (2010) reflete:

Dado o quanto a Arqueologia depende do reconhecimento e comparação de padrões, localização de exceções, identificação de relacionamentos e construção de argumentos para encaminhar interpretações, a falta de um interesse focado na visualização é surpreendente e lamentável. Na maioria das vezes, o papel da produção visual é restrito a legitimar nossa produção, e não como um elemento ativo dentro da maquinaria de raciocínio arqueológico (p. 02, tradução nossa).

O desenvolvimento de uma *Ciência da Informação Arqueológica*, discutida por Llobera (2010), mostra a necessidade de a arqueologia se aliar às ciências da computação e da informação. Conforme o autor, isso possibilita colocar em prática as perspectivas que os sistemas digitais e de informações dispõem, ao capturar, representar, manipular, analisar e modelar as informações arqueológicas. Assim, o autor destaca que os profissionais precisam estar dispostos a utilizar as ferramentas da visualização gráfica para engajar a ciência arqueológica a novos rumos, além de reconhecer que a representação digital e a análise das informações podem enriquecer e produzir novos modelos e desafios ao trabalhar com a arqueologia.

Sendo assim, é fundamental debater sobre os potenciais que as diferentes ferramentas de visualização podem auxiliar na descoberta e no fazer arqueológico. Os profissionais, para além das técnicas de praxe que possuem, precisam ser mais ativos, trabalhar com as diferentes ferramentas de comunicação visual as quais devem ser utilizadas para sistematizar e tornar legíveis as inúmeras quantidades de dados e informações.

Uma outra referência sobre a relevância da visualização na arqueologia pode ser encontrada em publicações como Frischer e Dakouri-Hild (2008 *apud* Llobera, 2010), as quais oferecem um levantamento das visualizações atualmente encontradas na arqueologia, com o uso das diferentes tecnologias, tais como *softwares* de modelagens 3D, recursos de realidade virtual e aumentada, além de técnicas de digitalização, entre outras tecnologias que podem ser aplicadas na prática arqueológica. Os autores apresentam um trabalho significativo, refletindo como as tecnologias visuais estão transformando a arqueologia, e argumentam que as ferramentas digitais não são complementares, mas sim essenciais para o processamento de dados e visualizações dos resultados da interpretação arqueológica na contemporaneidade. A utilização das tecnologias de visualização contribui para o avanço metodológico da própria disciplina arqueológica.

Azevedo Netto, Matos e Souza (2024) discutem a necessidade do registro arqueológico de conservação digital da arte rupestre em sítios pré-coloniais da região semiárida do Nordeste brasileiro. Assim, os autores apresentam métodos digitais em 3D aplicados aos registros arqueológicos e como podem ser fundamentais nos processos de salvaguarda e compartilhamento da informação produzida pelas pesquisas arqueológicas, apontando a importância de disponibilizar os dados arqueológicos de forma pública:

Com ferramentas de software que possibilitem a digitalização de bases de dados, pensando e produzindo métodos digitais para o tratamento de acervos documentais. Portanto, refletir sobre essa questão remete à importância de políticas públicas para o desenvolvimento científico, tecnológico e de inovação no país, relevantes para a ciência arqueológica (Azevedo Netto; Matos; Souza, 2024, p. 01, tradução nossa)

Neste sentido, entende-se que tais processos são formas de tratamento e preservação da informação, compreendidas como fundamentais para o acesso a documentos, ao passo que possibilitam o compartilhamento de informações em

plataformas digitais com finalidades pedagógicas, exposições virtuais em museus, continuidade de estudos arqueológicos e acesso da sociedade em geral.

2.5. Bioarqueologia e Arqueologia Funerária

Segundo Falhander e Oestigaard (2004), como citado anteriormente, a arqueologia é uma ciência caracterizada como pós-disciplinar, que investiga os grupos humanos através da cultura material produzida, bem como evidências de práticas humanas e relações com o meio que habitavam. Assim, o estudo do universo arqueológico requer uma abordagem interdisciplinar, não somente para entender a cultura material, mas também para compreender o modo como os grupos do passado se organizavam socialmente. Pode-se dizer que a arqueologia tem avançado no que diz respeito às perspectivas multidisciplinares, especialmente aos estudos dos remanescentes osteológicos humanos em contextos funerários, temática deste estudo. De maneira geral, compreende-se que a arqueologia se transformou num universo multidisciplinar com surgimento de subdisciplinas, estas adequadas e concentradas nos estudos de elementos específicos de um determinado contexto arqueológico.

Neste cenário, encontra-se a bioarqueologia, tendo seus princípios no século XVIII, como ciência embrionária entre a antropologia física e a arqueologia. “O que hoje entendemos como bioarqueologia deu seus primeiros passos classificando e identificando a morfologia dos ossos, principalmente do crânio” (Mendonça de Souza, 2009, p. 100). No século XX, Ernest Hooton (1930) influenciou significativamente as pesquisas da bioarqueologia, nessa época, os estudos sobre o material osteológico ganharam novos rumos. A investigação epidemiológica e populacional passou a conciliar os estudos com a mortalidade, os sinais de doenças, as variações nos grupos, idade, sexo, lugar social e entre outras variáveis (Mendonça de Souza, 2009).

Buikstra; Beck (2006) refletem que passamos de antropólogos físicos interessados em estudar remanescentes humanos por si mesmos, com poucas iniciativas em contextualizar seus dados, para uma proliferação de pessoas, “bioarqueólogos”, que realmente pretendem fazer isso ao utilizar as informações importantes para compreender nossos ancestrais (Buikstra; Beck, 2006, p. 379). Isto posto, segundo Larsen (2002), a bioarqueologia é considerada um campo científico destinado ao estudo das formas de vida dos grupos humanos do passado, bem como

as atuais, por meio de análises de remanescentes ósseos humanos e vestígios relacionados aos mesmos. A investigação dos remanescentes ósseos humanos provenientes de contextos arqueológicos permite a interpretação de eventos cotidianos das sociedades pretéritas, como as atividades físicas, dieta, estresses fisiológicos, ferimentos e morte violenta (Larsen, 2002).

As características biológicas possibilitam a identificação dos remanescentes humanos, visto que é importante “ampliar o olhar e o cuidado para além dos ossos, exatamente porque, quando *in situ*, expressam informações que ultrapassam a morfologia” (Mendonça de Souza; Rodrigues-Carvalho, 2013, p. 555), como as investigações tafonômicas, relacionadas aos fatores ambientais e humanos que podem transformar o registro arqueológico, e paleopatológicas, a partir da identificação dos sinais de doenças que aconteceram no decorrer da vida do indivíduo (Mendonça de Souza, 2009).

É importante destacar que existem duas abordagens distintas no estudo da bioarqueologia. A abordagem apresentada por Larsen (2002) na visão norte-americana, em que concebe a bioarqueologia enquanto campo de estudo dos remanescentes humanos provenientes de contextos arqueológicos. Em contrapartida, conforme Silva (2023), a perspectiva europeia entende a bioarqueologia em aspectos mais abrangentes relacionados aos fatores econômicos e ambientais, bem como os materiais orgânicos em contextos arqueológicos. De acordo com Mendonça de Souza (2009), o desenvolvimento do campo bioarqueológico, no Brasil, ocorreu gradativamente com os estudos pioneiros de Marília Alvim, nos anos 1960/70. A pesquisadora, como antropóloga física, introduziu técnicas e metodologias na análise de remanescentes ósseos humanos oriundos do contexto arqueológico.

As pesquisas sobre os contextos funerários no Brasil se intensificaram a partir dos anos 1980, com Mendonça de Souza (1992), Mignon (1994) entre outros, que apresentam importantes trabalhos com os remanescentes humanos, contribuindo na elaboração e propagação da área de conhecimento. O campo científico dos vestígios funerários vem se desenvolvendo ao longo dos anos e quebrando paradigmas, passando de somente achados funerários para um lugar mais relevante, demonstrando que os testemunhos bioculturais podem elucidar muitas questões na investigação arqueológica. Mendonça de Souza (2009) destaca que as novas técnicas partilhadas pela bioarqueologia, em especial, com a Arqueologia Funerária, as quais possibilitam o estudo das sociedades pré-coloniais e históricas, contribuindo para uma

reconstituição das práticas mortuárias bem como dos contextos biológicos encontrados. Assim, entende-se a importância de discorrer sobre os estudos bioarqueológicos, pois se faz necessário compreender os contextos funerários, por meio da relação entre as duas áreas de conhecimento.

Segundo Cisneiros (2003): “Provavelmente não existe nenhum grupo humano que não trate de seus mortos. A espécie humana acompanha a morte com um ritual funerário e possui uma ideia sobre ela” (p. 174). A arqueologia da morte surgiu na década de 70, tendo sido concebida enquanto campo científico destinado aos estudos das práticas, ritos e simbologias relacionadas à morte em diferentes culturas e períodos históricos. O termo foi apropriado por diferentes correntes teóricas que estavam se desenvolvendo na época, como a *New Archaeology* ou arqueologia processual, sendo utilizado até os dias atuais. “Envolvido em uma abordagem processualista, o termo pretende reconstituir a organização das sociedades pretéritas, tendo como meio os vestígios mortuários” (Silva, 2013, p. 16).

Embora o termo arqueologia da morte seja bastante difundido, existem questionamentos acerca da temática. Alguns autores divergem sobre o termo por entenderem que o mesmo não abarca a dimensão social, como em Ribeiro (2007). Na década de 80, surgiram diferentes perspectivas para o estudo da arqueologia da morte, de acordo com Oliveira (2018), no início das pesquisas, era destinada pouca atenção aos processos de produção e transformação do registro arqueológico, além de uma visão inadequada no que tange ao simbolismo e uma certa negligência dos atributos espaciais na identificação das áreas com deposições funerárias, como também a ausência de uma abordagem regional na análise das práticas mortuárias.

Entretanto, compreende-se que entre as diferentes correntes teóricas e metodológicas que os pesquisadores utilizam em suas investigações e interpretações das práticas funerárias, as diferentes abordagens utilizadas são para destinar um mesmo propósito, mas é importante pontuar que os termos *funerário* e *mortuário* podem representar significados distintos (Oliveira, 2018). Conforme a autora, a arqueologia da morte compreende a investigação do comportamento mortuário e a sua utilização como princípio para o entendimento de uma organização social pretérita, em contrapartida à arqueologia funerária, que demonstra as características relacionadas aos ritos, cerimônias e simbologias, fazendo parte do mortuário, contudo, não do todo.

Algumas literaturas, como Silva (2007) e Castro (2009), evidenciam que os ritos funerários se configuram como ações sociais, ao entenderem que, ao destinar tratamento ao corpo, escolher o local do enterramento, definir as características da cova, incluir objetos junto ao morto ou não, o grupo está demonstrando suas escolhas, inclusive podendo apresentar a posição social do indivíduo falecido. Em conformidade com as premissas, Silva (2023) reflete que descrever e classificar os sepultamentos humanos envolve observar o todo das evidências funerárias no contexto de deposição, bem como os dados bioantropológicos.

Strauss (2012) aponta que, para a definição de sepultamento, algumas particularidades precisam ser consideradas, em outras palavras, não é somente a evidência do vestígio osteológico, e sim a intencionalidade de inumá-lo. Para Silva (2013) o reconhecimento das áreas concebidas enquanto funerárias, permite a investigação onde o ordenamento dos elementos ocorre em três aspectos: o corpo, a sepultura, incluindo o local em que sepultura foi executada, assim como os artefatos, que foram colocados e que estão no contexto do enterramento.

Como apontado por outros autores e também por Castro *et al.* (2015), os termos: arqueologia funerária, arqueologia da morte ou arqueologia das práticas mortuárias, abarcam o campo de pesquisa para analisar e interpretar as demandas relacionadas ao fenômeno da morte, a partir das informações encontradas nos contextos arqueológicos, antropológicos e/ou históricos que se destinam aos rituais e às práticas funerárias. Encontra-se no trabalho de Silva (2005) uma revisão das narrativas de historiadores, antropólogos, sociólogos e naturalistas do final do século XIX e início do XX, relacionadas às práticas mortuárias, visto que tais testemunhos são fontes importantes na produção de dados e informações para interpretar as evidências funerárias em contextos arqueológicos.

De acordo com Simon *et al.* (1999), os estudos das sepulturas fornecem informações importantes a respeito das sociedades que viveram no passado e sobre o modo de vida e morte, já que os remanescentes ósseos são as únicas evidências de uma relação direta entre a biologia e a demografia. Assim, os elementos culturais e biológicos contidos nos estudos das sepulturas são fontes imprescindíveis para a compreensão das dinâmicas dos grupos humanos que viveram no pretérito. Neste contexto, com base nas perspectivas adotadas pela arqueologia funerária, onde posteriormente os conceitos teórico-metodológicos serão aprofundados na elaboração do presente estudo, o objetivo é investigar e refletir o contexto funerário

do sítio arqueológico Parque das Pedras, através das interpretações das práticas funerárias e vestígios bioarqueológicos encontrados, além dos demais contextos socioculturais reconhecidos no sítio, a partir da documentação visual produzida ao longo do tempo.

2.6. Os contextos funerários no Nordeste e o sítio Parque das Pedras

Compreende-se que os estudos arqueológicos no Nordeste do Brasil apresentam uma variedade bastante significativa no que diz respeito aos contextos funerários, revelando uma diversidade cultural e temporal dos grupos humanos que habitaram a região ao longo de milhares de anos. “As estruturas funerárias pré-históricas condensam, no seu interior, elementos biológicos e da cultura material que consideramos como marcadores de identidades coletivas” (Castro, 2009).

Na investigação sobre os rituais funerários no Nordeste brasileiro, a autora se apoiou especialmente em quatro sítios-cemitérios, os quais foram escavados total ou parcialmente por arqueólogos. Tais estudos, consequentemente, representariam, mesmo que parcialmente, um conjunto dos elementos que constituem as estruturas funerárias, assim foram destacados marcadores de identidades relacionados à cultura material, à posição do corpo e à idade dos indivíduos. Neste caminho, outro referencial teórico que irá nortear a elaboração da pesquisa em relação aos contextos funerários no Brasil é o trabalho de Cisneiros (2003), que em sua dissertação de mestrado apresenta um importante estudo sobre os enterramentos pré-coloniais no contexto do Nordeste brasileiro.

O estado da Paraíba apresenta um acervo arqueológico de imensurável valor, tanto para a arqueologia do nordeste como para a arqueologia brasileira. Os principais estudos que versam sobre a região são encontrados em Almeida (1979), Martin e Ason (2000), Azevedo Netto; Kraisch; Rosa (2007), Azevedo Netto; Miranda; Rosa (2011), Azevedo Netto, Rosa; Souza (2021) e Matos (2015). De acordo com os autores, o Cariri Paraibano apresenta um vasto universo arqueológico descoberto gradualmente. Entretanto, mesmo com todo o potencial, a arqueologia na região ainda é parcamente discutida; por isso, são encontrados poucos estudos publicados que versam sobre o tema, em especial ao que tange os contextos funerários. Diante da iniciativa de identificar e georreferenciar sítios arqueológicos com arte rupestre, os estudos idealizados pelo professor doutor Carlos X. de Azevedo Netto vêm de quase

duas décadas, promovendo importantes pesquisas arqueológicas na região, pelo Laboratório de Arqueologia Brasileira (LAB/NDIHR/UFPB).⁸

Na região de Camalaú, foi identificada uma significativa concentração de sítios arqueológicos “totalizando até o momento, 16 unidades” (Azevedo Netto; Rosa; Souza, 2021), especialmente, sítios com pinturas rupestres, como também sítios com sepultamento humano com esqueletos completos, crânios, ossos dispersos, dentes e cabelos humanos, materiais líticos e cerâmicos, adornos, cestaria, entre outros importantes vestígios materiais. As pesquisas produzidas por diferentes equipes do LAB/NDIHR/UFPB ao longo dos anos buscaram identificar os padrões culturais das sociedades pré-coloniais que habitaram a região que se estende ao longo do vale superior do Rio Paraíba (Azevedo Netto, 2008).

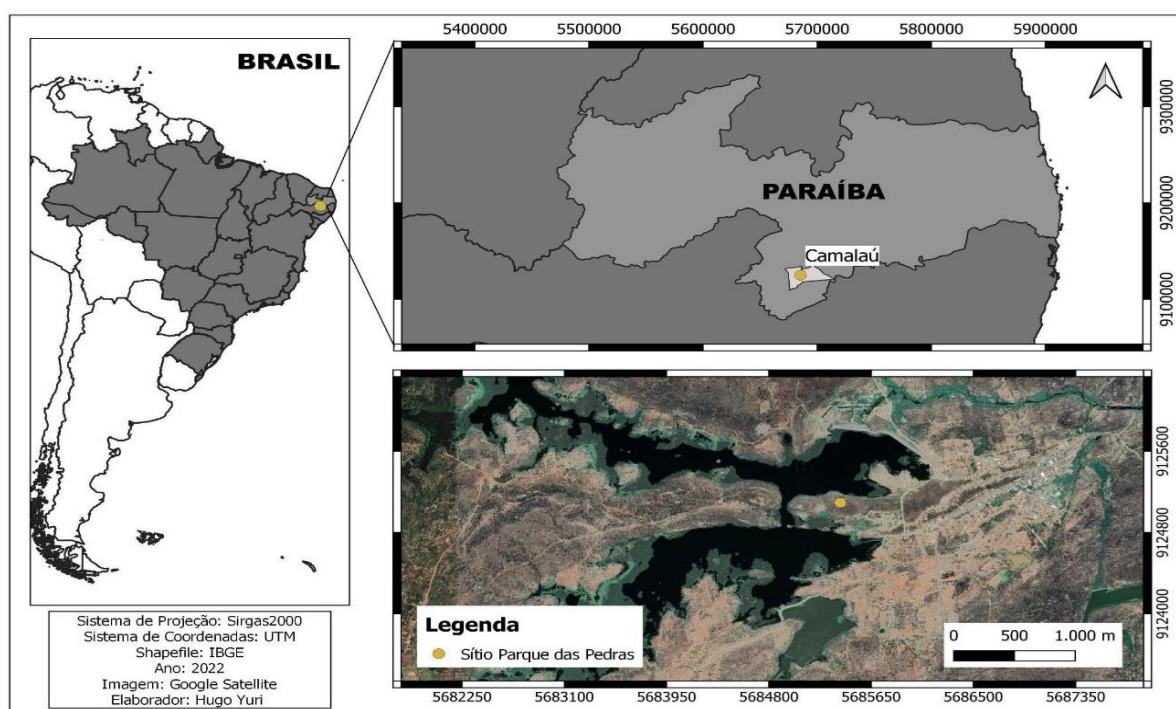
Com isso, tem-se na dissertação de Silva (2023) um importante estudo onde a pesquisadora analisa dois sítios localizados no município de Camalaú, com a presença de remanescentes ósseos humanos, os sítios arqueológicos Barra e Parque das Pedras. O sítio arqueológico Barra é constituído em um abrigo sob rocha, formado pelo rebatimento de afloramentos da rocha matriz que se desgastaram e desmoronaram, formando dois salões internos. O abrigo do sítio está alocado no alto da pequena Serra do Lamarão, na vertente direita do Rio Paraíba. A datação foi estimada em 1120±30 BP (Beta 400646), o acervo arqueológico é constituído por materiais bioarqueológicos: remanescentes humanos e faunísticos, vestígios de fauna nativa manufaturada e utilizada em um possível enxoval funerário, sendo encontrados também material lítico e cerâmico e resquícios de fogueiras. (Silva, 2023).

A respeito do recorte espacial da pesquisa, o sítio Parque das Pedras está localizado no município de Camalaú/PB (Figura 01) e é considerado um sítio cemitério e não possui ocorrência de grafismos rupestres. O sítio está situado em um abrigo sob rocha formado por um afloramento de rocha granítica. Encontra-se em uma vertente de altitude de 460 metros, possui coordenadas 73° 82' 28" E e 912° 70' 50" N. O sítio tem vegetação marcante, típica da caatinga e com proximidade ao rio Monteiro.

⁸ O Laboratório de Arqueologia Brasileira da Universidade Federal da Paraíba, foi idealizado pelo professor doutor Carlos Xavier de Azevedo Netto, e está vinculado ao Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional – NDIHR, órgão suplementar da Reitoria da Universidade Federal da Paraíba e vem ao longo do tempo realizando projetos de pesquisa, registros de informações e fomentando a produção do conhecimento científico relacionadas ao patrimônio material, de maneira geral e arqueológica, em especial, ao patrimônio arqueológico da Paraíba, tendo como base os estudos precursores de Almeida (1979) a qual apresenta estudos importantíssimos sobre o patrimônio arqueológico da região do Cariri Ocidental paraibano desde o final da década de setenta.

Interpretando o sítio como espaço de práticas funerárias, Silva (2023) apresenta modelos de organizações dos sepultamentos e das práticas funerárias identificadas, com a composição artefactual, em especial, utilizando comparações com artefatos identificados em sítios relacionados a contextos funerários no Nordeste. No sítio Parque das Pedras, foram realizadas uma sondagem, uma prospecção e três escavações em diferentes campanhas ao longo de mais de uma década. Nas campanhas foram coletados: sedimentos, materiais líticos, artefatos (fauna, líticos e vegetais), fragmentos ósseos de remanescentes humanos e posteriormente foram realizadas exumações de esqueletos completos.

Figura 01 - Mapa de localização do município de Camalaú e do sítio Parque das Pedras.



Fonte: Vieira (2022)
Figura: Google Earth, 2022.

Santos (2018) apresenta um estudo a partir da bioarqueologia aplicada aos fragmentos ósseos de remanescentes humanos coletados no sítio arqueológico Parque das Pedras na prospecção realizada no ano de 2015 sob a coordenação do professor Carlos X. de Azevedo Netto; os resultados obtidos na pesquisa, trazem a análise acerca dos remanescentes humanos encontrados, apresenta o método de número mínimo de indivíduo (NMI), e uma breve análise antropológica do possível modo de vida e morte dos grupos que habitaram a região. Desta maneira, a partir dos

respectivos trabalhos, aliados aos registros visuais, serão analisados os contextos funerários encontrados no sítio Parque das Pedras.

2.7. Etnografia da Arqueologia

Conforme Pouget (2010), a perspectiva sociológica da prática arqueológica começou a ser esboçada por volta de sessenta anos atrás, em um pequeno artigo do antropólogo norte-americano Louis Dupree (1955). No artigo, o autor sugere que é possível conceber um grupo de trabalho arqueológico enquanto um objeto sociológico, visto que esse grupo se torna também um pequeno grupo social. Dito isto, de acordo com Hodder (1999), entende-se que o trabalho de escavação arqueológica não deve ser considerado unicamente como um processo técnico, por ser sobretudo um acontecimento social, onde os significados são construídos através das interações entre os profissionais e os registros arqueológicos. Desta maneira, a escavação envolve escolhas e interpretações, reforçando a importância de um olhar etnográfico ao investigar não somente o contexto escavado, mas também o trabalho arqueológico em si.

Para Hodder (1999), Shanks e Tilley (1987), a arqueologia é um evento discursivo, no qual os significados são produzidos a partir de narrativas e interpretações situadas. Hodder (1999) reflete que a prática etnográfica e os dados etnográficos deixaram de ser vistos somente em termos de interpretação do registro arqueológico e passaram a ser incorporados no processo de produção do conhecimento científico, como também nas questões reflexivas e subjetivas dos profissionais nas pesquisas arqueológicas. No cenário pós-processual, as críticas pós-coloniais impactaram diretamente a arqueologia, desencadeando o que autores como Castañeda e Matthews (2008) chamaram de *virada etnográfica*.

De acordo com Castañeda, são três aspectos gerais, os quais a etnografia pode ser relacionada à arqueologia na contemporaneidade: (1) etnografia arqueológica; (2) etnografia da arqueologia; e (3) arqueologia etnográfica. Esses três aspectos são identificados e diferenciados, conforme quatro critérios ou eixos: primeiro, a definição da *agenda de pesquisa*; segundo, a especificação do *objeto de estudo*; terceiro, o *papel da etnografia* e sua relação com a arqueologia; e, em quarto lugar, o *objetivo e a justificativa* da pesquisa (Castañeda, 2008, p. 28, tradução nossa).

Na concepção de Silva (2024):

Pode-se dizer que o objetivo dessas arqueologias é promover diálogos e construir um conhecimento arqueológico multivocal. Essas práticas sacodem as velhas certezas da arqueologia sobre o que são as coisas arqueológicas, sendo que elas desnaturalizam as formas de produção do conhecimento e a autoridade da(o)s arqueóloga(o)s sobre o que se convencionou chamar de patrimônio arqueológico. Elas rompem com a noção de tempo linear e a separação entre passado e presente, e rechaçam o senso comum de que a arqueologia não lida com pessoas, mas apenas com coisas materiais, afirmando a dimensão social e política da arqueologia (Silva, 2024, p. 274).

Ainda de acordo com Castañeda (2008), na etnografia da arqueologia deve ficar evidente, antes de tudo, que a antropologia se refere a abordagens socioculturais, neste sentido, lidam com uma série de métodos, onde a etnografia é, portanto, o eixo metodológico primário. Assim, o autor reflete:

[...] a antropologia da arqueologia concentra-se principalmente no político, nas dimensões econômicas e sociais de como a arqueologia constrói, produz, dissemina, comercializa e até consome “o passado”. Assim, o “passado” deixa de ser o único objeto de estudo para se tornar um problema analítico inserido num nexo de questões de investigação relacionadas com o presente; significativamente, o passado, portanto, torna-se, por assim dizer, historicamente substantivo e analítico, espaço no qual a arqueologia é investigada como qualquer número de diferentes objetos analíticos específicos, usando uma gama de abordagens teóricas, com uma variedade de métodos analíticos e em relação a diversos agentes sociais, contextos e processos (Castañeda 2008, p. 38, tradução nossa).

Segundo, Silva (2024) a etnografia da arqueologia começou a ser produzida no final dos anos de 1980, no campo das críticas pós-processualistas à arqueologia processualista e influenciada pelos estudos sobre a construção social do conhecimento científico. A autora destaca o pioneirismo do trabalho de Matt Edgeworth (2003), produzido no ano de 1991, intitulado *“Acts of discovery. An Ethnography of Archaeological Practice”*. Neste trabalho, o autor aponta como as bases ontológicas do conhecimento arqueológico estão relacionadas as ações corporais e as experiências perceptivas e intelectuais daqueles que se engajam com o registro arqueológico.

Nos anos 1990, outros importantes trabalhos buscaram, mediante a prática etnográfica, compreender os meandros do trabalho arqueológico. No processo de escavação, os profissionais “corporificam os protocolos e convenções, ou ainda, disciplinam seus corpos, mentes e ações e, a partir disso, produzem e regulam o dado arqueológico” (Silva, 2024, p. 268). Nesses estudos, os pesquisadores tratam dos protocolos e das praxes das atividades na pesquisa de campo, como os métodos

empregados, a delimitação das quadrículas, as evidências, o registro da documentação ao etiquetar e embalar os materiais coletados durante a escavação, entre outras várias convenções.

Assim sendo, entende-se que as escolhas feitas pelos arqueólogos são passíveis de investigações, considerando que suas decisões podem interferir diretamente na prática arqueológica, sendo que as atividades são resultados de um arcabouço teórico-metodológico, assim como subjetivo, compreendendo que muitas vezes as ações estão relacionadas diretamente à visão do pesquisador.

Nos enredos da investigação da prática arqueológica, outra conduta que pode ser observada no campo da etnografia da arqueologia, diz respeito a maneira como ocorrem as relações entre as pessoas envolvidas (arqueólogos, estudantes, talhadores, comunidades) os quais participaram dos trabalhos de campo, e como isto influencia ou estabelece a produção e a comunicação do conhecimento arqueológico, ao passo que expõe as bases colonialistas da disciplina, como por exemplo, a forma como algumas pesquisas arqueológicas vêm sendo desenvolvidas sem uma relação dialógica com os grupos que vivem nas áreas em que se localizam os sítios arqueológicos e que estão sendo diretamente impactadas por essas pesquisas.

Encontram-se também trabalhos que se referem às relações entre arqueólogos em campo, os quais se dedicam a investigar a maneira como ocorrem as relações de gênero e de poder durante as pesquisas, e como isso influencia na produção do conhecimento arqueológico (Gero, 1996, *apud* Silva, 2024). São inúmeras as possibilidades de investigação dos contextos socioculturais do trabalho arqueológico. Compreende-se que o presente estudo está inserido no que Castañeda (2008) define como uma etnografia da arqueologia, por ter como objetivo analisar, através dos registros visuais produzidos nas campanhas arqueológicas, as práticas, os profissionais, as interações e decisões envolvidas no trabalho de campo.

Entende-se que a etnografia da arqueologia se associa à antropologia da ciência apresentada por Latour e Woolgar (1997), onde refletem as relações entre ciência, tecnologia e sociedade, os chamados estudos etnográficos ou antropológicos da ciência, em que destacam que a ciência não se distingue de outras práticas sociais e os fatos científicos são construídos socialmente. Latour (1994, 2000), nessa perspectiva, defende uma etnografia da ciência permeada pela relação da produção social dos fatos e artefatos científicos, concebida em uma perspectiva simétrica, investigando o fazer científico e as dinâmicas de formação de um coletivo (humano

e/ou não-humano). Latour, usando métodos empíricos de campo, tece fortes críticas aos conceitos epistemológicos da ciência e propõe o estudo que chamou de antropologia *simétrica*.

Para Geertz (1997), a prática científica está sempre permeada por escolhas culturais e sociais. Assim, o autor nos faz refletir que, independentemente da área em que atuamos: “laboratórios, clínicas, favelas, centros de informática ou aldeias africanas”, os cientistas sociais devem examinar o que necessariamente se pensa sobre o próprio pensamento (Geertz, 1997, p. 151). Geertz mostra que os discursos da ciência moderna são mais do que posturas privilegiadas da observação intelectual: “são modos de estar no mundo” (Geertz, 1997, p. 155). Neste sentido, esse “estar no mundo” pode ser entendido como pedra angular em qualquer estudo de viés antropológico, como também arqueológico.

O autor define a etnografia do pensamento como um empreendimento múltiplo, isto é, “histórico, sociológico, comparativo, interpretativo, qualquer coisa como um corpo a corpo, cuja finalidade é tornar inteligíveis questões obscuras, provendo-lhes de um contexto esclarecedor” (Geertz, 1997, p. 152). Os pesquisadores sociais precisam estar dispostos a refletir de forma crítica sobre os métodos, as práticas e suas próprias concepções, traçando um paralelo com outras culturas e períodos para uma compreensão mais ampla da sociedade atualmente.

3- METODOLOGIA

3.1. Abordagens para a análise dos registros visuais nos contextos de escavação arqueológicas

Cisneiros, Mützenbergl e Silva (2012), apoiados nos métodos sobre dados imagéticos nas ciências humanas e sociais, propõem abordagens fundamentais para o presente estudo ao tratar da análise, organização e sistematização de dados visuais contidos nas fotografias. Para os autores, as análises das fotografias devem associar as etapas de campo e laboratório, buscando uma relação entre a observação direta, as evidências materiais, os registros escritos e demais informações disponíveis nos contextos da pesquisa de campo.

A fotografia arqueológica se dá mediante diversas técnicas, registrando um processo *temporário e irreversível*, claramente exemplificado nas atividades de escavação. Esses registros visuais representam imagens que podem ser legitimadas no domínio científico e disciplinar. Um conjunto de fotografias para poder ter forma coerente, deve possuir uma linguagem e estar vinculado a um processo narrativo através de um texto. Cada fotografia é dependente

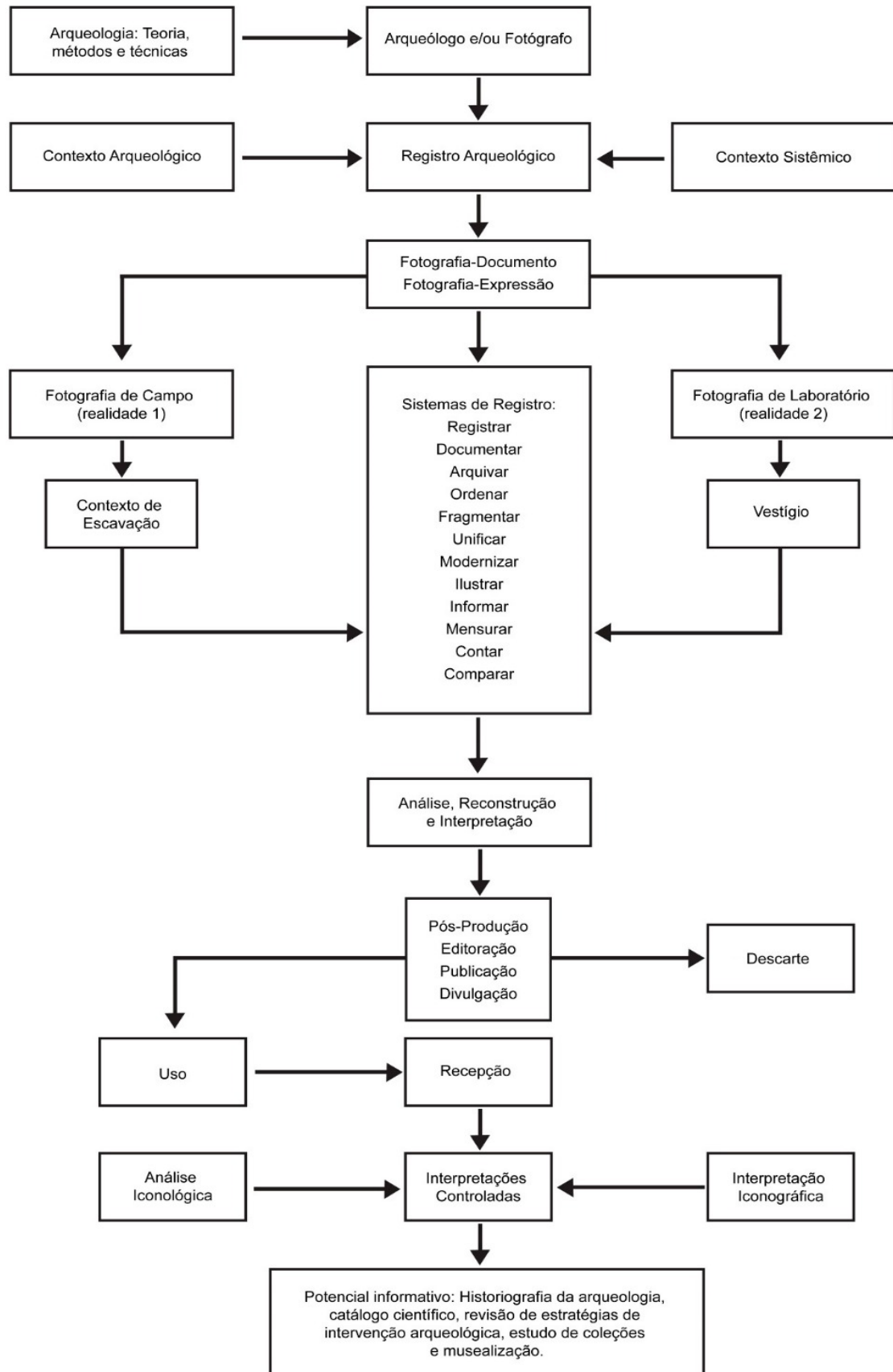
da relação com as demais e/ou com textos e é “arqueológica” quando o arqueólogo pode extrair informações visuais úteis e significativas nas várias etapas de pesquisa. (Cisneiros; Mützenberg; Silva, 2012, p. 139)

Os autores apresentam perspectivas essenciais para a interpretação dos dados visuais que podem ser produzidos por arqueólogos, auxiliando na compreensão, análise e uso científico das fotografias de campo, laboratório e a relação com a produção da historiografia arqueológica. Além disso, os autores refletem subsídios para a elaboração de uma possível arqueologia visual. Com isso, são apresentados métodos para o estudo da materialidade visual, produzida por arqueólogos durante suas pesquisas a partir do potencial informativo (Kossoy 1989). A ser observado na análise e interpretação das fotografias. “A fotografia, quando é utilizada para análise do dado de campo, aplica-se nos estudos indiretos do fenômeno observável do contexto arqueológico” (Cisneiros; Mützenberg; Silva, 2012, p. 141). Portanto, os registros visuais são instrumentos essenciais para examinar posteriormente o contexto arqueológico escavado.

“A arqueologia busca estabelecer um caráter de cientificidade ao seu objeto de estudo, no qual, a fotografia, como documento, aporta parte de um sistema de registro que auxilia nessa busca” (Cisneiros; Mützenberg; Silva, 2012, p. 150). Aliadas aos métodos mais tradicionais (textos e desenhos), as imagens permitem elaborar um registro mais completo e detalhado, fornecendo instrumentos para interpretação dos contextos arqueológicos. Cisneiros; Mützenberg; Silva (2012), chamam a atenção para a importância do tratamento das imagens arqueológicas e propõem um *alfabetismo visual*, para aprimorar o olhar dos arqueólogos ao utilizar e interpretar as imagens produzidas nas etapas de campo e laboratório, pois a própria arqueologia pode gerar novos métodos e técnicas de registro-documentação para disciplina.

O referencial teórico sobre a interpretação de fotografias na arqueologia é escasso; diante disso, os pesquisadores recorrem a métodos emprestados das ciências humanas e sociais, conforme discutido por Rouillé (2009), Kossoy (1989) e Collier (1995), para estruturar a documentação visual na arqueologia. A documentação pode ser compreendida como um processo intencional, sistemático e reflexivo na produção, organização e disseminação dos registros e dados arqueológicos. Nesse sentido, os autores propõem a elaboração da documentação visual a partir do fluxograma apresentado na página seguinte. (**Quadro 01**).

Quadro 01: Fluxograma representando o processo de produção, análise, interpretação e uso dos documentos fotográficos em arqueologia.



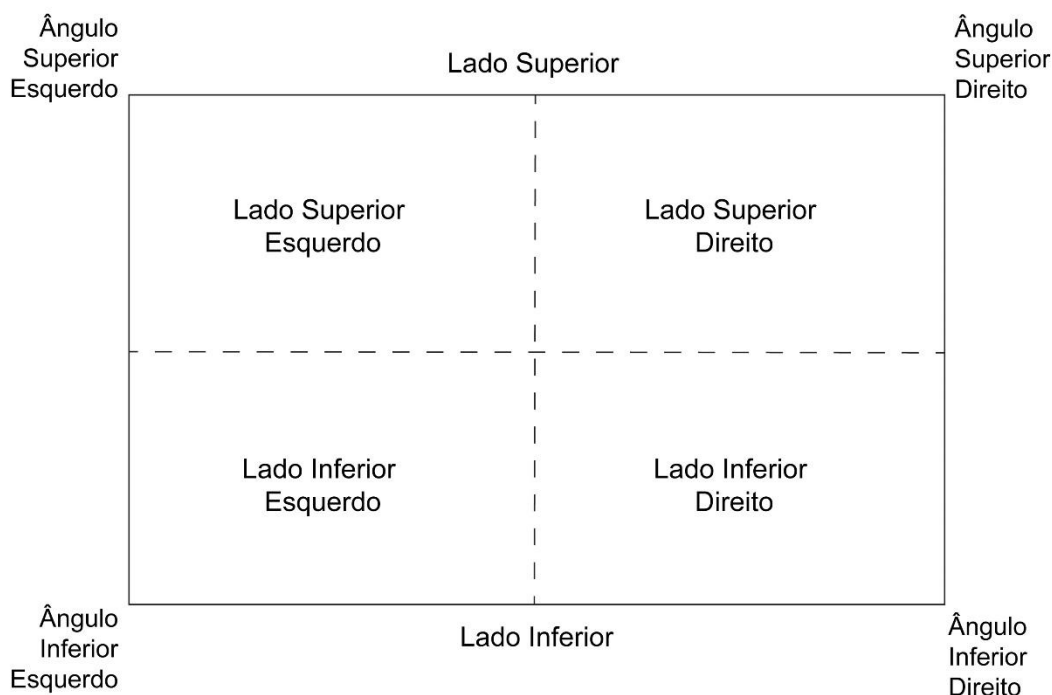
No esquema proposto por Cisneiros, Mützenberg e Silva (2012), a fotografia pode ser concebida como documento ou *fotografia-documento* na perspectiva de Rouillé (2009). Para os autores, o reconhecimento das imagens fotográficas como documentos visuais na arqueologia depende de um *sistema de registro* e sua relação com o discurso arqueológico, submetendo-se às finalidades, interesses e funções deste discurso. Pois, as fotografias constituem informação, prova, registro, ilustração, testemunho visual de um fato arqueológico. Collier (1995) diz que os arqueólogos nas escavações (*in situ*) precisam definir estratégias prévias e detalhar minuciosamente o contexto da escavação, bem como os artefatos e suas associações com o ambiente. Assim, as fotografias podem ser utilizadas de três formas para obter resultados científicos ao mensurar, contar e comparar.

Os registros visuais apresentam possibilidades de análises dos contextos, artefatos, estruturas, distribuição espacial e temporal, como também as relações culturais e escolhas dos profissionais. Finalizado o processo de escavação, toda e qualquer recorrência aos dados e informações envolve a subordinação do profissional em relação aos registros visuais (Cisneiros; Mützenberg; Silva, 2012)

Ainda de acordo com Cisneiros; Mützenberg; Silva (2012) os estudos sobre os documentos fotográficos podem ser desenvolvidos por meio de estratégias interpretativas, entendendo as imagens como materialidade passíveis de análise e diante de concepções epistemológicas, sendo uma delas definida por Kossoy (1989) como *interpretação controlada*, na qual sugere que o exame das fotografias não ocorre isoladamente, mas a partir de um viés de significação, onde o contexto da produção e os objetivos da fotografia e devem ser considerados.

Dito isto, as análises das fotografias nesta dissertação seguem uma abordagem com base nas orientações de distribuição do campo visual propostas por Lima (1988) e Vilches (1987). Desta maneira, Cisneiros, Mützenberg e Silva (2012) sugerem ferramentas elaboradas a partir de Lima e Vilches, que possibilitam a interpretação das fotografias, como o exemplo de réguas quadriculadas para auxiliar o processo de observação da imagem (**Figura 02**).

Figura 02 - Régua quadriculada para auxílio de observação da imagem.



Fonte: Cisneiros; Mützenbergl; Silva (2012).

Sobrepostas à fotografia, a régua contribui para localizar detalhadamente cada elemento, permitindo identificar os elementos visuais, como o enquadramento (plano geral, médio ou fechado), a disposição espacial das ferramentas de escavação, os vestígios arqueológicos, os membros da equipe em ação, bem como elementos técnicos e simbólicos. Ao sistematizar a leitura das fotografias através desses elementos, amplia-se o potencial interpretativo dos registros visuais e do tratamento da informação documental do trabalho arqueológico.

3.2. Software de organização e análise das imagens

O material imagético do presente estudo faz parte do acervo de pesquisas do Laboratório de Arqueologia Brasileira vinculado ao Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), na época coordenado pelo professor doutor Carlos Xavier de Azevedo Netto, arqueólogo responsável pelos trabalhos de campo em todas as etapas no sítio cemitério Parque das Pedras.

O acervo imagético é composto por um total de 582 fotografias, distribuídas em quatro campanhas arqueológicas realizadas no sítio Parque das Pedras: 98 imagens

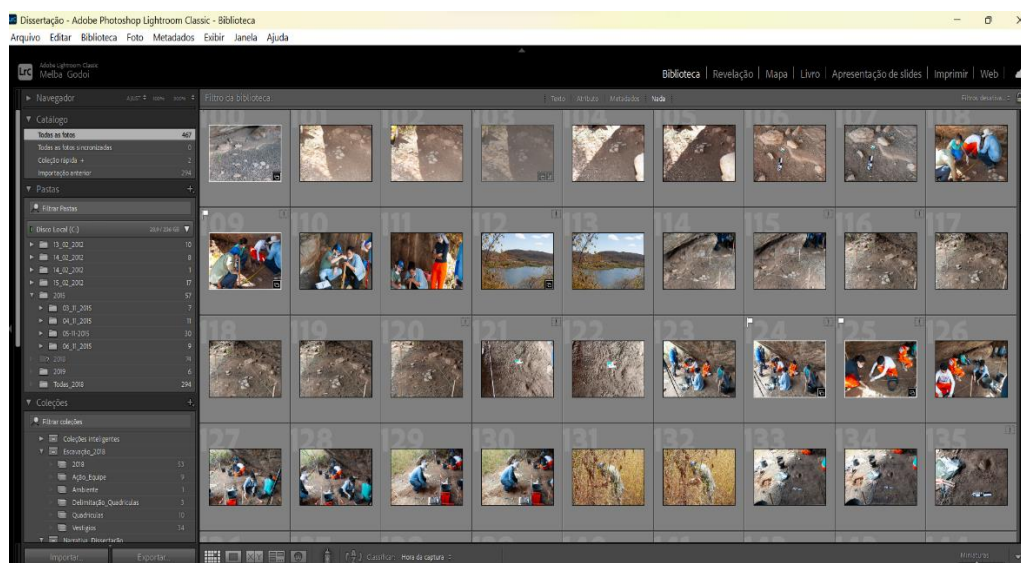
da campanha de 2012, 188 da campanha de 2015, 294 da campanha de 2018 e 02 da campanha de 2019. A partir desse material inicial, foi realizada uma primeira seleção através dos critérios temáticos: trabalho arqueológico, vestígios arqueológicos e ambiente. Desta primeira seleção, foram selecionadas 35 imagens de 2012, 57 de 2015, 74 de 2018 e 02 de 2019, que foram organizadas e categorizadas no *software Adobe Lightroom Classic*.

Em um segundo momento, a partir da análise semiótica, foi selecionado um *corpus* de 15 fotografias de cada campanha (2012, 2015, 2018) e 02 fotografias da campanha de 2019, totalizando 47 registros visuais. Com isso, na seleção final, consideraram-se as categorias temáticas estabelecidas, assim como o potencial comunicativo e interpretativo das fotografias à luz da abordagem semiótica e, posteriormente, na análise etnográfica visual.

A manipulação de um acervo extenso de fotografias digitais requer uma metodologia sistematizada. Para isso, neste estudo, utilizou-se o *software Adobe Lightroom Classic* (**Figura 03**). O programa oferece soluções para gestão e pós-produção de imagens, a ferramenta é considerada ideal para contextos científicos e documentais. O programa possibilita organizar e gerenciar um grande fluxo de imagens de maneira inteligente e de acordo com critérios estabelecidos pelo pesquisador (Ribeiro, 2020).

O *Lightroom* possibilita importar e manusear fotografias, aplicar metadados (como palavras-chave e geolocalização) e utilizar filtros com base em critérios definidos pelo pesquisador, entre outras funções. Um dos recursos mais importantes do programa é o sistema de *Coleções*, que permite agrupar a mesma imagem em diferentes séries temáticas sem criar cópias físicas, facilitando a análise comparativa sem comprometer o espaço de armazenamento. Desta forma, uma fotografia produzida durante as escavações pode ser organizada de forma simultânea em coleções referentes à sepultura, aos artefatos associados, ao contexto ambiental e conforme as possibilidades analíticas.

Figura 03: Painel de trabalho do *Adobe Lightroom Classic CC*.



Fonte: Captura de tela.

A funcionalidade do programa aplicada neste estudo tem como base as fotografias produzidas durante as campanhas realizadas nos anos de 2012, 2015, 2018 e 2019. As imagens foram importadas para o *Lightroom*, a partir de critérios definidos através dos metadados das imagens. No processo de organização, buscou-se selecionar os registros conforme três categorias principais: contextos funerários (sepultamentos e vestígios arqueológicos), trabalho de campo (atuação da equipe durante as escavações) e ambiente do entorno do sítio arqueológico. Esta sistematização possibilitou uma organização do acervo visual, ao passo que facilitou as análises conforme os objetivos do estudo.

A partir da seleção de 47 imagens das campanhas arqueológicas, organizadas no *Lightroom*, constituiu-se o *corpus* para a análise semiótica e etnográfica. Com o objetivo de sistematizar os metadados e as informações para facilitar o processo analítico, foram elaborados quadros no *Word* (**Quadro 02**), contendo os seguintes campos: número da imagem, arquivo original, data, hora, modelo da câmera, autor, categoria, subcategoria, palavras-chave, descrição e observações.

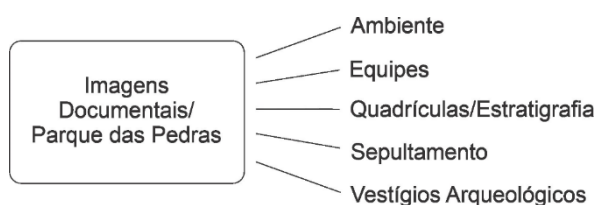
Quadro 02 - Modelo do quadro para organização dos metadados, informações e descrições das fotografias.

Nº	Arquivo Original	Data	Hora	Categoria	Subcategoria	Palavras-chave	Descrição

Fonte: Elaborado pela autora.

Com base nesta organização, foi criado no *Lightroom* um conjunto de coleções intitulado “Imagens Documentais — Parque das Pedras”, que apresenta diferentes categorias temáticas para análise das imagens. No conjunto, contém as subcoleções como: ambiente, vestígios arqueológicos, sepultamentos, quadrículas/estratigrafias e equipes (**Quadro 03**).

Quadro 03 - Fluxograma com as categorias no *software Adobe Lightroom Classic*.



Fonte: Elaborado pela autora.

Desta maneira, uma mesma fotografia (por exemplo, a de uma sepultura parcialmente evidenciada) encontra-se simultaneamente presente nas coleções “vestígios arqueológicos”, “sepultamentos” e “estratigrafia”. Esta dinâmica foi aplicada para todas as campanhas. As planilhas contendo os dados e informações organizadas encontram-se no capítulo seguinte, dedicado à análise e resultados da pesquisa.

3.3. A abordagem semiótica na análise dos registros visuais

As referências que fundamentam este estudo no que diz respeito aos métodos aplicados às imagens à luz da semiótica peirceana são os trabalhos de Santaella; Nöth (1997), Nöth (2012, 2013), Joly (2007), Flusser (2017), cujas discussões oferecem aportes teórico-metodológicos para compreender as fotografias enquanto signos. Entende-se que o signo é sempre definido pelo objeto, portanto a análise da imagem em relação à representação aponta a capacidade do sujeito de transformar a maneira de ver para a maneira de interpretar. E essa lógica de representação está intimamente relacionada à forma de ser dos indivíduos, ao seu contexto cultural (Augusto; Toutain, 2016).

Assim, considera-se que os signos atuam em sistemas complexos de significações, ao modo que a cultura produzida pelos indivíduos no passado, bem

como no presente, encontra-se constituída por uma extensa e complexa teia envolvida em diversos significados, sendo que para interpretar seus significados é necessário observar suas simbologias, suas nuances e, para isso, realizar uma descrição densa (Geertz, 1997). Desta maneira, compreende-se que as imagens são ferramentas úteis para acessar as interpretações, as visões de mundo e as teias culturais nas quais os sujeitos sociais estão inseridos. Para tanto, concebe-se as fotografias a partir da tricotomia peirceana: “uma imagem é, entre outras coisas, uma mensagem: ela tem um emissor e procura por um receptor” (Flusser, 2017, p. 149).

Diante da premissa, antes de apresentar a abordagem semiótica periciana aplicada às imagens, propriamente dita, evidencia-se o que Santaella e Nöth (1997) apontam sobre a polissemia das imagens, ao refletirem que “em comparação com a língua, a semântica da imagem é particularmente polissêmica. Imagens têm o caráter de uma mensagem aberta” (p. 54). Esse viés semântico mostra que as imagens não possuem um único significado, por serem passíveis de múltiplas interpretações, dependendo da perspectiva de quem as observa. Conforme os autores, “a abertura interpretativa da imagem é modificada, especificada, mas também generalizada pelas mensagens do contexto imagético” (Santaella; Nöth, 1997, p. 55), portanto, o significado de uma imagem pode ser modificado a partir de elementos adicionais, como legendas, textos ou outras imagens que se articulam entre si.

Conforme discute Eco (1984), existe uma relação de arbitrariedade nas imagens, neste caso, na fotografia, o autor aponta uma *relatividade semântica*, ou seja, a capacidade de uma mesma imagem ter vários significados. Essa polissemia ocorre pelo fato de que a interpretação visual é permeada por elementos culturais, sociais e subjetivos. Neste sentido, o viés polissêmico da fotografia apresenta-se como arbitrário, pois o significado atribuído a ela não depende somente de sua semelhança com o objeto representado, mas sim do contexto em que está inserida. No que se refere à polissemia da imagem, Joly reflete:

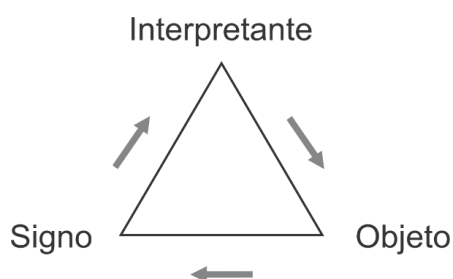
Diremos simplesmente que, se a imagem é polissêmica, é em primeiro lugar porque veicula um grande número de informações [...] Quanto à interpretação da imagem, é verdade que pode ser orientada de modo diferente consoante se encontra ou não relacionada com uma mensagem linguística e consoante a maneira como esta mensagem — se mensagem linguística houver — responde ou não à expectativa do espectador (Joly, 2007, p. 127).

A partir das reflexões apresentadas, entende-se que as fotografias produzidas nas escavações arqueológicas são registros polissêmicos, pois os significados podem

variar de acordo com o ponto de vista do observador. As imagens não são neutras e carregam diferentes significados e, com isso, deve-se considerar não somente o conteúdo visual, mas também os elementos culturais e técnicos. Portanto, a análise semiótica torna-se uma ferramenta essencial para compreender as diferentes dimensões interpretativas e comunicativas contidas nas fotografias.

Para isso, encontra-se em Nöth (2013) no âmbito da semiótica aplicada⁹ à semiótica visual, voltada para a análise dos signos imagéticos. Nesta abordagem, o modelo triádico do signo visual estabelece as correlações de signo (veículo), seu objeto referencial e seu significado. Estes três elementos — signo (*representâmen*), objeto e interpretante — compõem a estrutura triádica do signo, sendo frequentemente representada na forma de um triângulo (**Figura 04**). O signo em sua natureza (*representâmen*) torna-se o representante que promove a ideia do objeto representado ao interpretante que carrega em si um conjunto de premissas; e a consciência (do conhecimento) do receptor (Peirce, 2000 *apud* Nöth, 2012).

Figura 04 - Triângulo semiótico.



Fonte: Nöth (2012).

Conforme Nöth (2013), no contexto da semiótica visual, aquilo que “representa para alguém, alguma coisa em algum aspecto, é a imagem” (p. 20). O autor aponta que não necessariamente o signo tenha uma forma material, pois a representação é formada por dois sistemas: um visual e outro mental. Para tanto, o sentido só acontece quando se refere à experiência do sujeito. Assim, Nöth escreve:

⁹ Segundo Nöth (2013), a semiótica aplicada estuda, em específico, os domínios do uso dos signos. Algumas áreas da semiótica aplicada são entendidas como subdisciplinas da semiótica sob termos próprios, como, por exemplo, a semiótica médica, musical ou fílmica. A semiótica visual é, portanto, um dos contextos da semiótica aplicada.

[...] O signo (palavra, imagem ou imagem mental) é um “primeiro” semiótico. Ele está associado a alguma coisa (um “segundo”), que é o objeto representado pelo signo. O objeto do signo visual é algo uma vez visto, experienciado ou imaginado. Um signo associado ao seu objeto leva a um “terceiro”, seu interpretante, que é a interpretação mental ou comportamental do signo (2013, p. 20).

Em vista disso, para o contexto deste estudo, pode-se entender que o signo corresponde a uma fotografia produzida durante as escavações no sítio arqueológico Parque das Pedras. O objeto é o que a imagem representa: os contextos funerários, os vestígios materiais, os gestos da equipe, assim como a paisagem do entorno do sítio. E, o interpretante refere-se à construção da narrativa, neste caso, da pesquisadora e dos profissionais que participaram da escavação e, posteriormente, dos demais leitores. Neste sentido, compreende-se que a interpretação não é única, podendo variar conforme os conhecimentos técnicos, o contexto da observação, o repertório cultural e social dos sujeitos envolvidos, trata-se, portanto, do caráter polissêmico dos registros visuais.

Peirce (1977), ao tratar da unidade semiótica do signo, concebeu os princípios gerais através dos quais os signos podem mediar os significados, com isso, apresentou três categorias primárias. Destaca-se:

Há três tipos de signos indispensáveis ao raciocínio: o primeiro é o signo diagramático ou *ícone*, que ostenta uma semelhança ou analogia com o sujeito do discurso; o segundo é o *índice* que, tal como um pronome demonstrativo ou relativo, atrai a atenção para o objeto particular que estamos visando sem descrevê-lo; o terceiro (ou símbolo) é o nome geral ou descrição que significa seu objeto por meio de uma associação de ideias ou conexão habitual entre o nome e o caráter significado (pág. 10, Peirce, 1977).

Portanto, ícones são signos que representam um objeto em virtude de suas semelhanças; o índice é um signo que se refere ao objeto ao qual pode ser transformado pelo próprio objeto. E o símbolo é um signo que atinge seu propósito em virtude das relações, concepções e ideias gerais, neste contexto, o significado é gerado por uma convenção.

De acordo com Peirce (1977), Santaella; Nöth (1997), Nöth (2013), as imagens são tipicamente signos icônicos. Contudo, uma imagem também é considerada um índice, além de ser um ícone quando ela se refere a um objeto singular. Todavia, as imagens também podem ser símbolos. De acordo com Peirce, os símbolos incluem signos indiciais, visto que nenhuma ideia pode ser gerada sem “instâncias existentes do que o símbolo denota” (Peirce, 1903 *apud* Nöth, 2013, p. 23) Segundo os autores, o que as imagens configuram muitas vezes já é um signo simbólico no qual a

interpretação demanda de um conhecimento cultural. Na teoria dos signos, os mesmos, geralmente, não se apresentam isolados, mas sim conectados a outros signos, que passam a constituir composições simbólicas (Ribeiro, 2010).

Neste sentido, a classificação triádica dos signos em Ícones, Índices e Símbolos nos possibilita analisar as fotografias produzidas nas campanhas realizadas no sítio arqueológico Parque das Pedras, enquanto mediadores de significados tanto para as ações dos indivíduos do passado, como também em relação ao trabalho arqueológico. “Semióticamente, a correspondência do significante fotográfico com o objeto que ele representa está fundamentada naquilo que Peirce descreveu como a natureza icônica e indicial da fotografia” (Santaella; Nöth, 1997, p. 197).

Assim, as fotografias são consideradas ícones pela semelhança visual com o objeto representado e também são consideradas índices, visto que alguns índices se relacionam com seus objetos por uma contiguidade natural, espacial e/ou temporal, constituindo-se como um rastro ou vestígio direto desses objetos. Nöth (2013) discute que as fotografias são signos indiciais por duas razões: a primeira, elas são concebidas pela causa física da projeção de um raio de luz em um filme; a segunda, elas caracterizam o objeto que elas descrevem. “Devido a esta relação de causalidade produtiva, a imagem fotográfica é definida como um signo indicial” (Santaella; Nöth, 1997, p. 197). Entretanto, a indicialidade da fotografia não desconsidera ou contradiz sua iconicidade; a iconicidade está contida na indicialidade.

Diante do exposto, considerando o contexto deste estudo, a análise das fotografias como signos visuais permite-nos identificar, através da concepção peirceana, a presença do ícone nas imagens dos contextos funerários arqueológicos. Com isso, são exemplos de ícone a disposição dos indivíduos enterrados em determinadas posições; a presença de artefatos junto ao corpo, como também a configuração de um sepultamento. Contudo, existem limitações, como o não reconhecimento de um ícone, cuja interpretação depende de algumas atribuições para sua identificação.

Em relação ao índice, este pode ser compreendido como um signo que contém uma relação causal e sensorial com o objeto, no qual indica ou sugere o seu significado. Por exemplo, os ícones que indicam a disposição do esqueleto e os artefatos associados ao corpo podem ser interpretados como índices ao sugerirem práticas ritualísticas. Neste cenário, a composição dos vestígios: posição, sepultura e

artefatos; apresenta uma possível conexão de ícones, que podem representar as evidências de uma provável prática funerária.

O símbolo, por sua vez, pode ser entendido como a relação estabelecida entre o signo e seu significado, conforme as regras sociais de um determinado grupo. Assim, quando estamos estudando as ações dos grupos humanos do pretérito, como o exemplo das práticas funerárias, é fundamental considerar que o significado dessas práticas pode, por vezes, não ser inferido. Visto que a falta de conhecimento do contexto social e cognitivo dos grupos que realizaram os sepultamentos impede que sejam recuperados os conteúdos simbólicos, sobram somente os vestígios materiais passíveis de interpretações. Portanto, os significados desses signos não são acessíveis no presente por pertencerem unicamente aos indivíduos que realizaram as ações no passado.

Neste sentido, a abordagem fundamentada nos princípios da semiótica de Peirce parte da premissa de que a leitura das imagens é um empreendimento semiótico, trata-se, portanto, de um processo de semiose (**Quadro 04**). Nas palavras de Peirce, semiose é a ação de um signo sobre outro em um processo de significação, “a natureza dos signos” (Peirce, 1998, p. 413, tradução nossa).

Quadro 04 - Relações entre signos como fundamentos gerais para interpretação.



Fonte: Adaptado de Souza (2020).

Peirce (1958) caracteriza a semiose como o método essencial na busca dos processos cognitivos, cuja realidade e representação estão conectadas aos sistemas vivos. E esses processos são fundamentais para a mediação dos significados. Para tanto, tais processos precisam das identificações dos diferentes tipos de sinais, nos quais os seres humanos utilizam para o intermédio semiótico da cultura. Por isso, nessa noção tripartite de Peirce, é necessário identificar os diferentes tipos de sinais

encontrados (ícone, índice e símbolo), pois esta classificação permite-nos interpretar os aspectos culturais através dos signos (Souza, 2020).

Em conformidade com Azevedo Netto; Miranda; Rosa (2011), os significados são construções feitas por arqueólogos, por isso não se limitam a uma única relação, determinada entre os registros arqueológicos e os significados. Levando isso em conta, as fotografias são signos que não somente contêm significados, mas que acima de tudo produzem significados. Portanto, esses significados estão indiscutivelmente relacionados aos seus interpretantes, e esta construção só ocorre pelo processo de semiose ilimitada (Eco, 1980), intimamente relacionado ao processo de significação por um interpretante em que:

A fertilidade desta categoria deve-se ao fato que ela nos mostra como a significação (e a comunicação), por meio de deslocamentos contínuos, que referem um signo a outros signos ou à outras cadeias de signos, circunscreve as unidades culturais de modo assintético, sem conseguir jamais tocá-las diretamente, mas tornando-as acessíveis através de outras unidades culturais. Desse modo uma unidade cultural nunca precisa ser substituída por algo que não seja uma unidade semiótica, sem exigir, no entanto, que seja resolvida numa entidade platônica ou numa realidade física. A semiose explica-se por si só. Esta contínua circularidade é a condição normal da significação, e é por isto que permite o uso comunicativo dos signos para se referir as coisas (Eco, 1980, p. 60, *apud* Azevedo Netto; Miranda; Rosa, 2011, p. 270).

Deste modo, fazendo uma relação com a análise de painéis de arte rupestre, como apresentado por Azevedo Netto, Miranda, Rosa (2011) e Souza (2020), o processo de interpretação dos registros visuais das escavações depende da conduta do arqueólogo como intérprete. Assim, no contexto desta dissertação, ao observar os signos visuais contidos nas fotografias, a autora realiza uma operação semiótica por correlacionar os elementos visuais entre si e os incorpora a um repertório teórico e cultural. Neste sentido, por meio de uma dinâmica de “semiose ilimitada”, os registros visuais adquirem significados que revelam aspectos dos contextos funerários, como também evidenciam as práticas da escavação arqueológica. Nesta perspectiva, reflete-se como os signos podem ser interpretados na arqueologia como um ato social semiótico (Azevedo Netto, 2013).

3.4. Arqueologia funerária na análise dos registros visuais

Diante do objetivo do trabalho, buscou-se investigar se é possível realizar uma descrição dos contextos funerários, baseando-se nas informações contidas nas fotografias dos processos de escavações. Assim, foi pensada uma metodologia direcionada para a análise da documentação imagética, em relação aos sepultamentos humanos, através das teorias e métodos da arqueologia funerária, os quais fornecem subsídios importantes sobre grupos humanos que habitaram o pretérito.

A partir das imagens produzidas nas etapas de escavação do sítio Parque das Pedras, serão trabalhadas as perspectivas da semiótica peirciana em concordância com os trabalhos bibliográficos que fornecem dados e informações das práticas funerárias no Nordeste do Brasil, sendo as pesquisas de Cisneiros (2003) e Silva (2013). Um dos fatores da escolha das referências para uma pesquisa é a definição dos elementos a serem estudados e como alcançar um maior controle sobre eles. Desta forma, na escolha por esses elementos, procurou-se definir dados que inicialmente possibilitam reconhecer o sítio a ser trabalhado, a metodologia empregada na escavação e os contextos funerários.

No sítio arqueológico Parque das Pedras foram realizadas cinco campanhas: uma de sondagem, uma de prospecção e três de escavações em diferentes datas, onde foram realizadas exumações de esqueletos completos, bastante fragmentados, foram coletados artefatos, entre outros materiais arqueológicos. A técnica utilizada na escavação do sítio foi “a partir da metodologia de escavação sistemática ao nível artificial, sem a presença de perfil estratigráfico” (Azevedo Netto; Matos; Souza 2023).

Segundo Mendonça de Souza (1997), a escavação sistemática corresponde a mais de 50% da área do sítio arqueológico. “É a única forma de, probabilisticamente, obter-se amostragem significativa de todas as evidências do sítio” (p. 50). O método de escavação utilizado pela equipe teve por objetivo recuperar os remanescentes humanos que arriscavam ser destruídos por diferentes agentes e fatores. A escavação consiste em uma técnica para obter informações importantes sobre os vestígios humanos, materiais e culturais, bem como a interpretação espacial do meio.

A escavação arqueológica sistemática tem por objetivo recuperar esqueletos, ossos humanos, artefatos, sedimentos, entre outras evidências e informações significativas para o contexto arqueológico e ambiental, e posteriormente para o processamento dos dados em laboratório. Nos contextos funerários, o procedimento tem uma maior relevância, pois as informações espaciais, estratigráficas e associativas entre os elementos dos sepultamentos são essenciais para a interpretação bioarqueológica e simbólica dos vestígios encontrados (Rodrigues-Carvalho *et al.*, 2013).

O processo de escavação se inicia com o mapeamento da área a ser escavada, para isso é realizado o registro do terreno, o levantamento topográfico e o georreferenciamento da área. Esta etapa é realizada com instrumentos como trena, bússola, nível, GPS e outros aparelhos de medição, de modo a garantir rigor técnico na documentação e na localização dos vestígios. A delimitação da área a ser trabalhada é realizada através da divisão em quadrículas, geralmente de 1 m², demarcadas por estacas e barbantes. A divisão em quadrículas permite uma organização espacial, fundamental para o registro da disposição dos materiais arqueológicos e posterior análise em laboratório (Funari, 1988).

A retirada do sedimento é realizada com ferramentas apropriadas, que mudam de acordo com o tipo de sedimento e a fragilidade do material, utilizam-se colheres de pedreiro, espátulas, pincéis, escovas, pás e baldes. Todo sedimento removido é peneirado para identificar a presença de pequenos vestígios, como fragmentos ósseos, carvões e entre outras evidências. O sedimento é reservado para cobrir o local novamente. A técnica de remoção é realizada em camadas artificiais, geralmente entre 10 e 20 cm, ou de acordo com a composição do solo. A profundidade da escavação é determinada pela presença de material arqueológico (Mendonça de Souza, 1997).

O trabalho arqueológico geralmente não tem uma duração definida, uma vez que depende de diversos fatores. Como o acesso e dimensão do local, quantidade de material, condições climáticas da região, verbas destinadas ao projeto etc. Assim sendo, o primeiro trabalho realizado no sítio foi de sondagem no ano de 2010, onde foi realizado o reconhecimento da área e outras informações.

Já a prospecção inicial (Funari, 1988) propriamente dita ocorreu no ano de 2012, com a coordenação do professor Carlos Xavier. “A escavação foi processada segundo o sistema de quadrículas, nessa primeira etapa foi realizada a sondagem e

prospecção, demonstrando a existência de vestígios diretos (ossos)”. Nesse momento, foram coletados sedimentos, materiais líticos e fragmentos ósseos dispersos e parte de um crânio (Azevedo Netto; Matos, 2012). Na ocasião, a equipe identificou os aspectos mais relevantes para as próximas etapas.

A primeira etapa de escavação no sítio Parque das Pedras ocorreu em 2015, coordenada também pelo professor Carlos Xavier. Nessa fase, a equipe coletou uma considerável quantidade de material ósseo humano fragmentado e disperso, dentes, restos de animais, carvão, sementes, material malacológico (pequenos moluscos), fragmentos de rochas, entre outras evidências. Esse material encontra-se armazenado no Laboratório de Bioarqueologia da Universidade Federal de Sergipe (LABIARQ — UFS). O material foi analisado e, posteriormente, o resultado foi publicado em monografia por Santos (2018).

Considerando as poucas pesquisas relacionadas aos sítios arqueológicos com materiais ósseos humanos na Paraíba, em especial na região do Cariri Ocidental, os resultados adquiridos na pesquisa de Santos (2018) representam uma importante análise dos remanescentes humanos encontrados, bem como uma breve análise antropológica do possível modo de vida e morte dos grupos que habitaram a região.

No ano de 2018, foi realizada a segunda etapa de escavação no sítio arqueológico, novamente liderada pelo professor Carlos Xavier, contando com um número maior de integrantes e com a presença do zooarqueólogo e professor doutor Albérico Nogueira de Queiroz e da bioarqueóloga e professora doutora Olívia Alexandre de Carvalho, ambos pesquisadores em Bioarqueologia do LABIARQ — UFS, estudantes da Universidade Rural de Pernambuco (UFRPE), estudantes de Antropologia da UFPB e doutorandos da UFPE.

Neste processo, foram coletados dois esqueletos, sendo dois adultos que estavam enterrados em posição fletida e decúbito lateral direito. O material ósseo encontrava-se bastante frágil e fragmentado, tendo sido encontrados também muitos fragmentos de ossos dispersos. Além disso, foram coletados vestígios líticos, cerâmicos, carvão, coprólitos, adorno (um colar de contas de cerâmica e um pingente de material malacológico) dentre outras evidências materiais (Nascimento, 2019). Segundo Binford (1971), artefatos podem indicar atividades de caça, pesca, coleta, ou atividades especializadas, assim como símbolos de autoridade.

Nesse momento da pesquisa, apresentam-se as características dos enterramentos do tipo primário, trazendo uma importante análise para o contexto

arqueológico de sepultamento (Funari, 1988), sendo que a deposição dos indivíduos inumados traz a compreensão da história da sepultura e das práticas mortuárias (Ribeiro, 2007). Nessa etapa, o número mínimo de indivíduos estimava-se entre sete a oito indivíduos e o material coletado encontra-se armazenado no LAB/NDIHR.

Em 2019, a equipe do LAB/NDIHR, novamente coordenada pelo professor Carlos Xavier, volta a campo e realiza a quarta etapa. No processo de escavação, foi coletado um esqueleto humano adulto completo, bastante frágil, com ossos fragmentados, dentes, coprólitos, conchas, carvão, restos faunísticos, sedimentos, material lítico, entre outros vestígios. De acordo, com Azevedo Netto, Matos e Souza (2023) ainda é aguardado o resultado de amostras do material do sítio Parque das Pedras que foi enviado para a datação, contudo existem sítios de sepultamentos próximos, como exemplo, o sítio arqueológico Barra com datações de 1220 ± 30 anos AP (Beta 400646).

Em relação aos grupos humanos que viveram na região, os estudos de Azevedo Netto, Matos e Souza (2023), Martin (1997), Matos (2015) atestam que a presença humana no território é indiscutível e existe há muito tempo com inúmeros grupos na região, como os indígenas da nação *Cariri* “que viviam por quase toda a atual Mesorregião da Borborema desde tempos remotos até o contato com os colonizadores portugueses na segunda metade do século XVII” (Azevedo Netto; Matos; Souza, 2023, p. 186).

Tem-se na dissertação de Silva (2023) um importante estudo sobre o sítio Parque das Pedras. Do referente estudo, foram coletados os dados e informações que caracterizam a área do sítio, as práticas funerárias, a cultura material e demais informações resultantes das escavações. Os procedimentos metodológicos adotados pela autora para elaborar sua pesquisa foram a partir da arqueologia funerária ao descrever as posições dos enterramentos, os artefatos e demais informações; através dos conceitos da bioarqueologia foram identificados alguns tipos de ossos, as ações tafonômicas e dados relacionados aos remanescentes humanos.

Silva (2023) elaborou um inventário analisando detalhadamente os materiais resultantes das escavações e identificando os materiais que poderiam ser classificados como acompanhamento funerário. Segundo a autora, foi realizada uma análise minuciosa dos materiais que estavam de algum modo associados aos enterramentos do sítio, bem como os remanescentes esqueléticos que estavam com contextos preservados. A análise ocorreu mediante as identificações em relação às

posições dos ossos, aos tipos de materiais encontrados e suas localizações. Neste sentido, a partir da documentação de campo e dos registros visuais, serão observados os tratamentos dados ao corpo, visualizando os tipos de enterramento, se primário ou secundário, direto ou indireto; posição do corpo; estrutura da sepultura quanto à profundidade, largura e os acompanhamentos funerários.

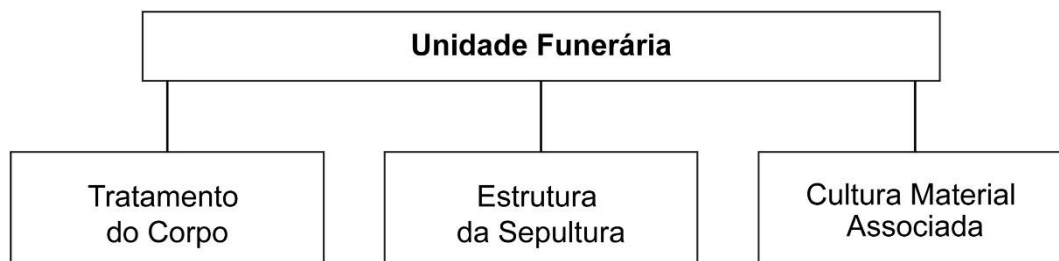
Para isso, o presente estudo tem como base o trabalho de Cisneiros (2003), que apresenta uma detalhada pesquisa sobre os enterramentos pré-coloniais no contexto do Nordeste brasileiro. Na empreitada, a pesquisadora utiliza dados arqueológicos e etnográficos para desenvolver uma investigação evidenciando como os grupos pretéritos tratavam os corpos dos mortos. De acordo com a autora, a arqueologia pré-colonial apresenta um arcabouço teórico-metodológico importante para compreender os vestígios do passado, a disciplina trata de técnicas essenciais na recuperação dos remanescentes materiais do passado, que segundo Trigger (2004) forma uma estrutura de habilidades com capacidade de fornecer informações que possam ser empregadas por várias disciplinas. Na investigação das práticas funerárias, segundo a autora, ainda são precisas mais informações não somente em relação aos aspectos materiais das práticas, como também aos aspectos contextuais onde estas foram produzidas.

Para interpretar as informações procedentes da documentação visual dos processos de escavações, será utilizada a sistematização de dados através da metodologia apresentada por Cisneiros (2003), a qual apresenta categorias que permitem examinar o tipo de enterramento, as formas, estruturas e outras características físicas, bem como a cultura material associada. Desta maneira, serão analisados os registros imagéticos da documentação do sítio em seus aspectos gerais (tipo de sítio, localização, etc.), observar os aspectos das práticas funerárias e demais contextos socioculturais.

De acordo com Cisneiros (2003), a sistematização das informações referentes às pesquisas realizadas em sítios arqueológicos que apresentam indícios de práticas funerárias foi elaborada de maneira que abarca as categorias principais relacionadas à documentação do sítio. As categorias possibilitam entender as perspectivas do sítio escavado, possibilitando uma melhor análise dos dados sobre os enterramentos coletados nos sítios, sendo que, muitas vezes, a literatura pesquisada não atribui unicamente às práticas, estando essas incorporadas às estruturas encontradas nos sítios arqueológicos.

Para a configuração dos critérios de unidades funerárias, foram propostas três categorias principais que representam os elementos de uma unidade funerária: tratamento do corpo, estrutura da sepultura e cultura material associada (**Quadro 05**).

Quadro 05 - Esquema metodológico para o estudo da unidade funerária.



Fonte: Cisneiros (2003).

Em relação ao tratamento do corpo, a categoria permite analisar os tipos de enterramentos (primário ou secundário), o acondicionamento do corpo (disposição e orientação do esqueleto), a quantidade de indivíduos por sepultura e presença de corantes utilizados nos enterramentos. A estrutura da sepultura (lugar onde o corpo é depositado) relaciona-se aos tipos desta (covas, urnas, cestas), seus padrões morfológicos (profundidade, largura, formato) e seus complementos (pedras ou restos vegetais).

É fundamental observar a existência ou não de um local reservado para os sepultamentos, a distribuição dos sepultamentos em relação a eles mesmos e a distribuição espacial de cada sepultura (unidade). Nessas categorias, pode-se observar e definir as marcas ou manifestações individuais e/ou coletivas dos enterramentos. No que diz respeito à cultura material associada, nessa categoria entram todos os objetos que acompanham o esqueleto: os artefatos (adornos, contas de colar, tembetás); objetos de uso pessoal e fogueiras.

Os tipos de enterramentos podem ser de maneira direta ou indireta. A direta ocorre quando é feita uma cavidade no solo e nela o corpo é depositado sem nenhum tipo de empacotamento. Já a maneira indireta ocorre quando o corpo é acomodado em um envoltório antes de ser depositado na cova. Esse envoltório pode ser de diferentes tipos, como esteira, cestaria ou cerâmica. Os enterramentos podem se caracterizar em individual (onde o envoltório comporta um único indivíduo), duplo ou

coletivo. Essas maneiras podem variar conforme as regras adotadas pelo grupo cultural. Os enterramentos podem ainda ser considerados primários ou secundários.

No que diz respeito aos enterramentos primários, são aqueles que representam o ritual inicial com o corpo, quando o mesmo é depositado diretamente em uma cova ou sepultura, para isso determina-se uma posição anatômica e com alguma orientação intencional. Essa orientação pode ter relação a referências geográficas ou simbólicas, como a direção de uma aldeia, a posição do sol ou um espaço cerimonial. Segundo Cisneiros (2003), a escolha da posição do corpo, a direção da cabeça e dos pés pode indicar significados simbólicos, sociais ou rituais atribuídos ao morto.

Já os enterramentos secundários são aqueles que correspondem a um tratamento posterior do corpo, após a decomposição, constituído pelos ossos. Neste tipo de sepultamento, os ossos são removidos do local onde foram previamente inumados e levados para outro espaço. Os enterramentos secundários podem ser individuais, ou somente com os ossos de um indivíduo, ou coletivos, com os ossos de vários indivíduos. Na maioria das vezes, as conexões anatômicas dos esqueletos estão comprometidas.

Segundo Cisneiros (2003), as práticas funerárias de incineração ou cremação consistem na queima total ou parcial do corpo, sendo possível diferenciar um processo de cremação e a ação do fogo, como a presença de uma fogueira por cima do enterramento. A ação do fogo provoca, parcialmente, a queima dos ossos, por vezes mudando a cor de branco para cinza. No processo de cremação, quando não decompõe a matéria completamente, a coloração dos ossos muda de branco para cinza bem escuro ou preto, e também podem provocar fissuras nos ossos que restaram.

Silva (2013) explica que a identificação da área funerária se dá mediante a interpretação em relação à maneira que o indivíduo está colocado na sepultura, nas mudanças na coloração dos sedimentos, nos elementos associados e demais informações específicas do corpo inumado. Já a identificação do tipo de inumação empregada consiste no exame de um conjunto de informações, começando principalmente na análise das conexões anatômicas do esqueleto encontrado. Neste viés, Silva (2013) aponta que as inumações são:

Classificadas enquanto frágeis (lábeis) ou permanentes (persistentes), elas indicam o modo de articulação do material ósseo, importante também para o caso de perturbações que alteram as características iniciais do indivíduo.

Esses elementos permitem que seja reconhecido o modo do enterramento e são fortes indicadores para a caracterização de uma sepultura com deposição em espaço vazio ou preenchido (p. 25)

Os enterramentos em espaços vazios são feitos no solo ou com o uso de recursos (cerâmicas, recipientes de madeira, cobertura com pedras) que acondicionam o corpo livre do contato direto com o sedimento, ao passo que os preenchidos são realizados diretamente no solo, eliminando espaços que possibilitam a desarticulação dos ossos após o começo do processo de decomposição.

É importante destacar, segundo Silva (2013), que a presença de remanescentes ósseos por si só não caracteriza uma sepultura, é preciso que se apresente uma intenção envolvendo o enterramento, motivo esse que permite que os sepultamentos sejam manipulados enquanto elementos os quais representam um comportamento humano.

Os acompanhamentos do tipo adornos encontrados em sepultamentos, geralmente no contexto regional, são produzidos em material ósseo, dentes e conchas, mas também com materiais minerais e vegetais (Silva, 2013). Os adornos e os materiais ósseos, em conjunto com as sepulturas, demonstram parte da cultura de um determinado grupo, que expressa seus valores e habilidades mediante os artefatos envolvidos em um espaço próprio, representativo e sobretudo simbólico, assim como para os que viveram na época, como para os pesquisadores que investigam os grupos humanos pretéritos por meio de suas ações e objetos.

Diante dos objetivos e com base nos métodos da arqueologia funerária, as imagens dos sepultamentos serão analisadas, buscando descrever as características identificadas nas fotografias. Com isso, serão descritos: o número da quadricula, as coordenadas, tipo e modo de sepultamento, quantidade de indivíduos, os possíveis acompanhamentos funerários, além dos vestígios ósseos evidenciados. Também será especificado o autor da imagem, sua finalidade e o momento da escavação ao qual corresponde a imagem. A inserção dessas informações permitirá organizar, documentar e visualizar as narrativas e especificidades contidas nos registros visuais.

3.5. O trabalho arqueológico à luz da Antropologia Visual

Tendo o propósito de articular a prática etnográfica com a arqueologia e antropologia, por meio dos registros visuais produzidos nas escavações do sítio Parque das Pedras, apresentam-se os percursos metodológicos, a partir da

antropologia visual, para compreender o papel das imagens no trabalho arqueológico de campo. Considerando que, de acordo com a abordagem teórica e metodológica utilizada em um estudo arqueológico, os registros visuais podem não ter sentido no projeto científico em questão, todavia podem ser significantes para outros estudos de ciências correlatas, como a antropologia visual e a história (Cisneiros; Mützenberg; Silva, 2012).

Dito isto, a antropologia visual é uma disciplina com grande potencial de atuar em diversos segmentos sociais. Desta forma, Pink (2006, p. 100, tradução nossa) afirma: “Ao invés de simplesmente produzir mais antropologia para o público acadêmico, os antropólogos visuais têm a oportunidade única de se comunicar por meio de disciplinas acadêmicas e fronteiras culturais”. Os métodos da antropologia visual são diversos e variam de acordo com o objetivo do estudo no que exploraram a relação entre as imagens e cultura, mediante narrativas visuais, audiovisuais, sonoras e digitais.

Com isso, a antropologia visual utiliza metodologias com o emprego de suportes técnicos audiovisuais em pesquisas de campo para produzir dados empíricos em contextos etnográficos. A partir da utilização de câmeras fotográficas e filmadoras, como também desenhos, croquis e hipermídia, a abordagem permite a elaboração de documentos visuais como filmes etnográficos, ensaios fotoetnográficos e etnodocumentais, entre outros.

No contexto da presente pesquisa, o qual incide sobre as imagens pré-existentes do trabalho de campo no sítio Parque das Pedras, buscou-se construir uma leitura etnográfica com a finalidade de conhecer as narrativas implícitas do trabalho arqueológico contidas nas fotografias. Com esse objetivo, foram realizadas entrevistas com dois arqueólogos e uma mestrandia que participaram das campanhas de escavação.

A metodologia escolhida para realizar as entrevistas fundamenta-se no conceito de *etnografia visual reflexiva* proposto por Pink (2001, 2006), que discute o papel das imagens na produção de significados, bem como as contribuições de Banks (2009) e o conceito de foto-elicitación, que utiliza as fotografias como instrumentos para evocar a memória, a reflexão e a fala dos sujeitos envolvidos nos eventos registrados.

Para Cisneiros, Mützenberg e Silva (2012), as investigações dos registros visuais elaborados por arqueólogos sobre seus objetos/sujeitos configuram uma

prática específica a qual caracteriza uma parcela da área correlata à antropologia visual, refletindo a construção de uma possível arqueologia visual. Com isso, tal disciplina estaria interessada nas relações entre fotografia e arqueologia, iconografia e arqueologia, sendo necessárias abordagens multidisciplinares na área da percepção humana e da semiótica. Por exemplo, os acervos de fotografias e vídeos de antigas escavações permitem experimentar as hipóteses referentes à criação de uma arqueologia visual e às viabilidades de explorar suas possibilidades como novas formas de análise, interpretação, comunicação e salvaguarda de dados e informações arqueológicas.

Diante das premissas, entende-se que a “fotografia pode ser o ponto de partida de uma reflexão antropológica ou o resultado dessa reflexão” (Guran, 2012, p. 64). Neste sentido, Pink (2001, 2006) apresenta uma visão contemporânea de como a combinação entre fotografia, vídeo e hipermídia em consonância com a etnografia possui a potencialidade de oferecer uma compreensão mais abrangente dos fenômenos sociais. A utilização de instrumentos visuais, como as fotografias, possibilita uma variedade de significados. Pink (2001) destaca:

Não há critérios fixos que determinem quais fotografias são etnográficas. Qualquer fotografia pode ter interesse, importância ou significado etnográfico em um momento específico ou por uma razão específica. Os significados das fotografias são arbitrários e subjetivos; elas dependem de quem está olhando. A mesma imagem fotográfica pode ter uma variedade de significados (talvez conflitantes) investidos nela em diferentes estágios da pesquisa e representação etnográfica, à medida que é vista por diferentes olhos e públicos em diversos contextos temporais, históricos, espaciais e culturais. (pág. 51, tradução nossa)

A autora ainda discute que a etnografia visual não é somente a utilização de fotografias e vídeos em campo para analisar os dados em conjunto com as anotações de campo. A associação das narrativas com fotografias e vídeos proporciona ao pesquisador a possibilidade de documentar e simbolizar as autorrepresentações dos participantes. Pink desenvolve estudos sobre experiências, sentidos e fenomenologias, que nos possibilitam refletir sobre os aspectos da experiência dos profissionais da arqueologia de maneira significativa.

A concepção da etnografia visual reflexiva, definida por Pink (2001, 2006), reconhece que as imagens — fotografias e vídeos — não são meros registros, e sim representações produzidas em contextos sociais específicos, imbuídas de intenções, escolhas e experiências dos sujeitos que as produziram, bem como dos sujeitos retratados. A reflexividade, neste sentido, assume um papel significativo tanto na

análise quanto na interpretação dos registros visuais. Segundo Pink (2006), trata-se de compreender o papel do pesquisador na produção e na narrativa das imagens, entendendo que os registros são produtos das relações entre os indivíduos, as situações de campo e os processos de mediação de significados.

Pink (2001) destaca que, no final do século XX, a partir dos trabalhos dos cineastas e antropólogos visuais Jean Rouch e David MacDougall, houve uma quebra de paradigma na antropologia, nas quais as produções visuais etnográficas produzidas pelos antropólogos apresentavam características mais subjetivas e reflexivas. Essa quebra de barreiras ofereceu novas formas de explorar o conhecimento etnográfico que desafiaram a antropologia — escrita — convencional da época.

De acordo com Pink (2006), a reflexividade é uma questão fundamental na literatura mais atual sobre as pesquisas visuais, tornando-se indispensável a qualquer projeto de pesquisa contemporânea. No que diz respeito à dimensão reflexiva das imagens, Pink (2006) reflete que as fotografias não devem ser vistas somente como registros ilustrativos e/ou materiais de arquivo, mas sim como elementos permeados por experiências de pesquisa e processos interpretativos.

Neste viés, a reflexividade torna-se um conceito significativo para os estudos visuais, pois além de considerar a relação entre imagem e objeto, considera-se também a relação entre pesquisador, imagem e informante. Como aponta Pink, ao entrevistar informantes com ou sobre imagens, é preciso sensibilidade para entender como os registros visuais atuam na dinâmica de uma entrevista e na produção de conhecimento. “Deve-se considerar como as imagens implicam na entrevista e como mediam a relação entre pesquisador e informante” (Pink, 2006, p. 33, tradução nossa).

Neste viés, a foto-elicitación configura-se como uma técnica que utiliza fotografias para estimular narrativas, memórias e reflexões dos participantes. Collier (1973), um dos pioneiros da técnica, aponta que o uso das fotografias em entrevistas pode evocar respostas mais detalhadas do que as abordagens convencionais, pois as fotografias permitem acessar as subjetividades dos participantes. Para Banks (2009), a foto-elicitación possibilita compreender as dimensões do conhecimento e acessar o caráter interpretativo da pesquisa etnográfica. Com isso, ao provocar reações, comentários e associações subjetivas, as imagens tornam-se instrumentos na

construção dos significados, ao passo que revelam aspectos afetivos, simbólicos e relacionais imersos nos registros visuais.

No contexto do presente estudo, a foto-elicitación foi utilizada como prática reflexiva, com a finalidade de aprofundar as análises das imagens do trabalho arqueológico, por meio da escuta das narrativas de dois profissionais que participaram das campanhas. Com base na etnografia visual reflexiva e na técnica de foto-elicitación, foi pensado um pequeno roteiro de entrevista semiestruturada a partir das três categorias temáticas: trabalho arqueológico; vestígios arqueológicos e ambiente. Foram elaboradas perguntas técnicas e reflexivas, com o intuito de articular os aspectos do trabalho arqueológico às percepções e memórias dos participantes. Neste contexto, são utilizadas técnicas de pesquisa como a observação direta, conversas informais e formais, além de entrevistas não-diretivas (Eckert; Rocha, 2010), com o intuito de reavivar a memória e compreender os aspectos técnicos da escavação, bem como as dimensões subjetivas.

Com isso, foram elaborados na categoria trabalho arqueológico, dois questionamentos seguintes: *O que estava sendo realizado exatamente nesta cena? Quais foram as decisões metodológicas aplicadas?* A pergunta reflexiva abordou o contexto subjetivo e sensorial: *O que você se lembra sobre o ambiente, o som, o calor, o ritmo do trabalho, as posturas, os gestos e as interações entre os colegas da equipe?* Para a categoria vestígios arqueológicos, o questionamento técnico foi: *Você pode descrever tecnicamente o que foi relevante neste momento da escavação? Qual era o nível estratigráfico? Como estavam dispostas as sepulturas, os indivíduos, os fragmentos ósseos, os artefatos e outros achados?* Já a pergunta reflexiva teve o intuito de acessar a experiência sensorial do participante: *O que essa imagem desperta em relação à sensação corporal e emocional? Existiu alguma impressão marcante ao escavar um sepultamento?*

Por fim, na categoria ambiente, ao que tange à pergunta técnica: *Esta imagem do entorno ajuda a compreender o contexto arqueológico? Existiu alguma influência do percurso de chegada até o sítio, a distância, o clima, a vegetação na escavação?* E o questionamento reflexivo foi: *Como era estar imerso nesse ambiente: os sons, o clima, o cheiro da terra? De que forma essas sensações influenciavam na maneira de perceber o sítio e os vestígios arqueológicos?* As perguntas foram pensadas e elaboradas enquanto dispositivos reflexivos para provocar as narrativas e evocar as memórias dos participantes.

Diante do contexto apresentado no presente estudo, compreende-se que a apropriação das fotografias pelas ciências sociais — seja como fonte de dados, meio de auxiliar na pesquisa, bem como parte do discurso conclusivo — dispõe de questões a serem analisadas, como “a articulação entre texto e foto visando à construção de um discurso científico” (Guran, 2012, p. 65). Neste viés, reconhece-se que as imagens, como discutido anteriormente, são polissêmicas; por isso, precisam de uma mediação textual, oral ou escrita. Para Guran (2012), na construção do saber científico nas ciências humanas e sociais, as imagens não possuem sentido por si só. Para ter sentido, elas precisam ser interpretadas através do contexto textual, oral e/ou escrito.

Isso significa que o viés epistemológico da imagem depende de um aporte teórico-metodológico, o qual possibilita a leitura e integra as diferentes camadas de significação ao conhecimento científico. Assim sendo, os textos que acompanharão as fotografias serão elaborados a partir das narrativas dos participantes, coletadas por meio da foto-elicitación. Com isso, a combinação entre imagem e narrativa possibilita uma leitura que articula as dimensões técnicas e os aspectos culturais da prática arqueológica.

Neste percurso, são relevantes as contribuições de Santaella; Nöth, (1997), as quais apresentam três tipos de relações possíveis entre imagem e texto: *redundância*, quando o texto reitera o conteúdo da imagem, portanto a imagem é inferior ao texto, pois simplesmente o complementa; *informatividade*, quando a imagem é superior ao texto, portanto o domina, já que ela é mais informativa que o texto; e *complementariedade*, em que a imagem e o texto tem a mesma importância, a imagem nesse caso, é integrada ao texto. Esta última será privilegiada nas fotografias por meio de trechos retirados dos diálogos com os profissionais.

Deste modo, a incorporação das narrativas às imagens não é simplesmente ilustrativa, mas sim parte da produção do discurso científico visual, o qual se alcança com esta dissertação. Por fim, entende-se que as imagens desempenham um papel significativo na compreensão das práticas de prospecção e escavação realizadas em campo. Neste sentido, as fotografias configuram-se enquanto documentos históricos, materialidade dos aspectos socioculturais e técnicos da arqueologia, como também na preservação da memória coletiva e na formação de acervos para futuras pesquisas.

4. ANÁLISES, RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1. Análise dos registros visuais do trabalho arqueológico no sítio Parque das Pedras

Este capítulo apresenta os resultados e discussões a partir das interpretações das fotografias. Para isso, as mesmas foram examinadas com o propósito de compreender os dados visuais em relação aos contextos funerários e às práticas do trabalho de campo. Desta maneira, as interpretações são apresentadas em uma linha do tempo, considerando separadamente as campanhas de 2012, 2015, 2018 e 2019, de forma a identificar as especificidades de cada fase das pesquisas de campo.

Para empreender uma narrativa analítica, descritiva e comparativa, as fotografias foram organizadas em quadros, classificadas por campanhas e separadas em três categorias principais: trabalho, vestígios arqueológicos e ambiente. A categoria trabalho apresenta as imagens que registraram a equipe em ação durante as prospecções e escavações, destacando gestos, posturas, ferramentas e técnicas utilizadas. A categoria vestígios arqueológicos aborda os registros relacionados aos contextos funerários, como os remanescentes humanos, sepulturas, fragmentos ósseos, materiais líticos, adornos e outras evidências encontradas. Já a categoria ambiente inclui as fotografias do entorno do sítio, como a paisagem, a vegetação, o abrigo rochoso e a disposição espacial da área trabalhada.

Neste sentido, para um olhar abrangente do material, foram articuladas as abordagens da semiótica peirceana e a etnografia visual reflexiva (foto-elicitación). Diante disso, os registros visuais são compreendidos como signos (ícones, índices e símbolos), como também enquanto instrumentos que evocam memórias e narrativas. Para tanto, foram realizados dois encontros com dois arqueólogos: o professor e doutor Carlos Xavier de Azevedo Netto e o pesquisador doutor Thiago Fonseca de Souza, que participaram das campanhas de sondagem, prospecção e escavações ao longo de mais de uma década, desde as primeiras intervenções até as mais recentes.

Os encontros ocorreram no LAB/NDIHR/UFPB e na coordenação de Biblioteconomia/UFPB, em julho de 2025, utilizando 47 fotografias impressas como instrumentos visuais, articuladas a um roteiro de perguntas semiestruturadas, conforme apresentado na metodologia. A partir dos diálogos com os profissionais, foi possível ampliar os significados atribuídos às imagens, articulando os signos visuais, os contextos funerários, as práticas de campo e trabalhos acadêmicos sobre o sítio arqueológico Parque das Pedras.

4.2. Campanha de prospecção realizada em 2012

A campanha de prospecção de 2012 foi realizada no sítio arqueológico Parque das Pedras nos dias 14 e 15 de fevereiro, sob a coordenação do professor doutor Carlos Xavier de Azevedo Netto. A equipe do LAB/NDIHR/UFPB, na época, contou com a colaboração do graduando em história Thiago Fonseca de Souza, do mestrando em arqueologia Francisco Matos e do filho do professor Carlos, Lucas Araújo de Azevedo, que na época era estudante secundarista. Esta etapa inicial teve como objetivo realizar a prospecção arqueológica (Funari, 1988). O trabalho foi empreendido a partir do sistema de quadrículas, onde foi realizada a prospecção estratigráfica por níveis artificiais, na qual constatou-se a presença de vestígios significativos, como fragmentos ósseos, materiais líticos e parte de um crânio humano (Azevedo Netto; Matos, 2012).

Com isso, buscou-se entender como os signos visuais contidos nas fotografias documentam e comunicam os primeiros indícios da dimensão encontrada no sítio arqueológico. As informações das imagens produzidas durante a campanha foram organizadas em quadros no *Word* (**Quadro 06**). Com o auxílio da régua proposta por Lima (1988) e Vilches (1987), as interpretações das fotografias estão articuladas às informações de publicações, como também às narrativas dos profissionais, considerando os registros visuais distribuídos nas categorias de trabalho, vestígios arqueológicos e ambiente, conforme a metodologia apresentada.

De acordo com os dados e informações publicadas em Azevedo Netto; Matos (2012), a área de trabalho do sítio arqueológico foi dividida em quatro quadrículas de 1×1m (A1, A2, A3 e A4). As fotografias documentam as ações nas unidades e evidenciam, através dos signos visuais (ícones e índices), os vestígios líticos e ósseos encontrados. Na quadrícula A1, aponta-se para a presença de material lítico e ausência de fragmentos ósseos; na unidade A2: a presença de fragmentos ósseos longos e outros fragmentos; na unidade A3: evidencia-se parte de um crânio. A quadrícula A4, de acordo com a publicação, não foi escavada. Com essas informações, é possível conceber que os registros visuais em conjunto com os dados descritivos possibilitam uma leitura espacial mais detalhada, ao passo que reforçam a importância documental das imagens na interpretação arqueológica. A seguir, apresentam-se as análises das fotografias produzidas em 2012.

Quadro 06: Organização dos metadados, informações e descrições das fotografias.

Nº	Arquivo Original	Data	Hora	Categoria	Subcategoria	Palavras-chave	Descrição
1	DSC_0004	14/02/2012	07:09	Trabalho Arqueológico	Limpeza da área	equipe; ferramentas; abrigo rochoso	Plano geral: três profissionais sob abrigo rochoso limpando demarcando a área; objetos e ferramentas para escavação.
2	DSC_0005	14/02/2012	07:50	Trabalho Arqueológico	Delimitação das quadriculas	divisão; barbante; estacas	Plano geral: profissional passando barbante pelas estacas para delimitar a quadricula.
3	DSC_0007	14/02/2012	07:59	Trabalho Arqueológico	Área de escavação	abrigo; quadriculas; placa; nome do sítio	Plano geral: área de escavação sob abrigo rochoso com quadriculas divididas e placa de identificação.
4	DSC_0015	14/02/2012	08:40	Trabalho Arqueológico	Atividade de escavação	escavação; equipe; técnica; posturas; colher de pedreiro	Plano médio: dois profissionais escavando com a ferramenta colher de pedreiro.
5	DSC_0012	14/02/2012	08:34	Trabalho Arqueológico	Área de peneiramento	balde; peneira; vegetação	Plano médio: profissional virando balde com sedimento para peneirar.
6	DSC_0013	14/02/2012	08:34	Trabalho Arqueológico	Área de peneiramento	sedimento; peneira; vegetação	Plano médio: profissional agitando a peneira com sedimento.
7	DSC00557	14/02/2012	12:13	Vestígios Arqueológicos	Registro	escala; fragmento ósseo; solo	Plano fechado: pequeno fragmento ósseo registado com escala e detalhes do solo.
8	DSC00559	14/02/2012	12:47	Vestígios Arqueológicos	Quadriculas	quadrícula; escala; fragmento ósseo	Plano fechado: fragmentos ósseos parcialmente evidenciados com escala métrica.
9	DSC00568	14/02/2012	14:36	Vestígios Arqueológicos	Quadriculas	fragmentos; ósseos; sedimento; escala	Plano fechado: fragmentos ósseos parcialmente evidenciados com escala métrica.

10	DSC00604	15/02/2012	09:37	Vestígios Arqueológicos	Quadriculas	vestígios, solo, escala, fragmento, arqueologia	Plano médio: fragmento ósseo exposto no solo com escala de métrica posicionada.
11	DSC00572	14/02/2012	14:44	Ambiente	Registro	paisagem; formações rochosas; vegetação; açude	Plano geral: vista do entrono do sítio, a vegetação, o açude e formações rochosas ao fundo.
12	DSC00578	14/02/2012	14:47	Ambiente	Registro	paisagem; entorno; vegetação; açude	Plano geral: vista do açude, entorno do sítio e vegetação.
13	DSC00610	15/02/2012	12:25	Trabalho Arqueológico	Quadrículas	escavação; quadrícula; solo	Plano médio: quadrícula escavada com sedimento parcialmente removido.
14	DSC00613	15/02/2012	12:28	Trabalho Arqueológico	Quadriculas	quadriculas; plástico; localização	Plano médio: quadrícula escavada com plástico cobrindo o solo para localizar a área.
15	DSC00624	15/02/2012	12:57	Trabalho Arqueológico	Área de escavação	abrigo; quadriculas; plástico; sedimento	Plano geral: área de escavação sob abrigo de rocha com quadriculas e plástico para localização.

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 05 - Equipe do LAB/NDIHR sob abrigo rochoso.



Fonte: Acervo do LAB/NDIHR/UFPB.

01ª fotografia com sobreposição da régua quadriculada.

A partir das propostas da semiótica para a análise visual, entende-se que o ícone diz respeito à semelhança visual entre o signo e seu objeto, assim, na primeira fotografia (**Figura 05**) em plano geral, pode-se inferir sobre o signo icônico, ao centro da imagem, três profissionais sob um afloramento rochoso (lado superior direito), inclinados em direção ao solo. No ângulo inferior esquerdo, percebem-se diferentes instrumentos, uma garrafa térmica vermelha, estacas e peneiras, sugerindo uma atividade técnica, possivelmente relacionada à prática de escavação arqueológica. No ângulo superior esquerdo, nota-se o ambiente semiárido com vegetação seca, sugerindo uma determinada estação do ano, caracterizando um período de estiagem específico da caatinga. Em relação ao índice, aponta-se para uma etapa inicial do processo, as ações, as ferramentas demonstram a limpeza da área, apontada pelas narrativas dos interlocutores: *“Essa primeira foto era o momento da limpeza do terreno. [...] Vale lembrar que, quando a gente chega, a parte superficial desse sítio é composta basicamente por fezes de caprinos, porque era uma camada bastante densa. O que provoca uma concertação desse sedimento.”* Ao nível simbólico, a cena representa a escolha de uma metodologia: os gestos, a distribuição dos corpos, as

ferramentas e a preparação do solo funcionam como símbolos de uma escolha técnica. *“Inicialmente. A gente vai conjecturar a área, vai fazer a limpeza da área a ser trabalhada.”*

Figura 06 - Delimitação das quadrículas.



Fonte: Acervo do LAB/NDIHR/UFPB.
02ª fotografia.

Na segunda fotografia (**Figura 06**), em plano geral, no que se refere ao ícone, percebe-se a presença de somente dois profissionais sob o abrigo rochoso, ocupando o centro da imagem com as ferramentas dispostas no lado esquerdo inferior. Quanto à indicialidade da imagem, são os elementos que remetem às ações dos profissionais: os gestos e posturas, onde o sujeito de blusa azul passa o barbante entre as estacas, sugerindo a técnica de delimitar as quadrículas, ao passo que indica a área a ser trabalhada, conforme pontuado por um dos profissionais. *“Essa aqui é o início do processo de delimitação”*. Em relação ao signo simbólico, a imagem pode ser compreendida como a representação da escolha de um método: *“A preferência por uma determinada metodologia.”*

Figura 07 - Área de escavação e quadrículas delimitadas.



Fonte: Acervo do LAB/NDIHR/UFPB.
03ª fotografia.

A terceira fotografia (**Figura 07**), em plano geral, quanto à iconicidade, refere-se ao local delimitado por quadrículas que são estruturas formadas por estacas e barbantes, demonstrando um método do trabalho arqueológico. Observa-se a disposição das unidades A1, A2, A3 e A4, dispostas do lado superior para o lado inferior da imagem. Ainda é notada a presença de ferramentas no lado inferior esquerdo, contudo percebe-se um novo elemento na imagem, a placa de identificação no lado inferior direito. Em seguida, pode-se inferir sobre os índices: as quadriculas, ocupando o centro da imagem, formadas por estacas e barbantes, essa configuração são indícios da ação dos profissionais apontando o método de delimitação da área a ser trabalhada. Como também a placa verde contendo uma escala em cores, sendo o índice de um procedimento técnico. Outro indício notado é a ausência dos profissionais sinalizando um intervalo entre as atividades e isso pode indicar algo como o andamento técnico da prospecção, assim, representando uma ação em curso. Ao que tange ao aspecto simbólico, as quadriculas são símbolos da escolha técnica, ao demonstrarem uma organização e um controle do contexto arqueológico. “A prospecção foi processada segundo o sistema de quadrículas.”

Figura 08: Profissionais em atividades.



Fonte: Acervo do LAB/NDIHR/UFPB.
04ª fotografia.

A quarta fotografia (**Figura 08**), em plano geral, em relação ao ícone, visualiza-se ao centro da imagem uma cena de escavação arqueológica: dois profissionais manipulando o solo com ferramentas, um deles ajoelhado fora da quadrícula A3 (lados inferiores esquerdo e direito) enquanto o outro está agachado na quadrícula A2 (lado superior direito e esquerdo). Na imagem, nota-se uma placa verde com escala colorida fixada em uma estaca no lado inferior direito da imagem. O abrigo e o cenário semiárido apresentam o contexto ambiental do sítio. Os elementos indiciais são identificados a partir da postura dos profissionais, como também do solo delimitado em quadrículas, no que apresenta uma técnica; cada profissional em uma quadrícula mostra que o trabalho segue um método; as ferramentas, a pá, o balde, indicam que os profissionais estão retirando o sedimento. Esses indícios mostram o processo de escavação em andamento. Como símbolo, a imagem representa a escolha da técnica, a disposição das quadrículas, as posturas dos sujeitos mostram uma prática coletiva: *“A organicidade da equipe se dá quase de forma orgânica, são passadas as atividades que têm que ser feitas e cada um vai assumindo uma atividade. Cada um ficou responsável pela sua quadrícula, cada um era responsável pelo equipamento da sua quadrícula.”*

Figura 09 - Área de peneiração as margens do açude.



Fonte: Acervo do LAB/NDIHR/UFPB.
05ª fotografia.

A quinta fotografia (**Figura 09**), em plano médio, ao nível icônico, apresenta um jovem profissional, às margens de um curso de água (lado superior da imagem), na eminência de despejar o sedimento do balde na peneira que está pendurada em uma árvore. A vegetação seca aponta para uma possível estação do ano e/ou período sem chuvas. Quanto à indiciabilidade da imagem, pode ser compreendida através da ação do profissional que carrega o balde, indicando o processo de peneiração do sedimento retirado da quadricula. Na fotografia anterior (**Figura 08**), nota-se a presença do balde e de uma pá ao seu lado. Outro índice que se pode inferir é o aspecto seco da vegetação, que indica a vegetação de uma região semiárida. Em relação ao símbolo: o balde e a peneira apresentam funções que podem ser associadas ao rigor técnico da escavação. No contexto arqueológico, esses instrumentos simbolizam uma prática minuciosa, que busca recuperar pequenos vestígios que podem passar despercebidos na retirada do sedimento. Um dos interlocutores aponta: *“Na peneira, há um controle estratigráfico. Não só de quadricula, mas há um controle estratigráfico também.”*

Figura 10 - Profissional manuseando a peneira.



Fonte: Acervo do LAB/NDIHR/UFPB.
06ª fotografia.

Na sexta fotografia (**Figura 10**), em plano médio, em relação ao ícone, nota-se claramente que é a continuação da ação do profissional da imagem anterior, percebida pela presença do mesmo sujeito e do cenário. Contudo, nesta cena, a peneira, sendo o objeto em uso; o modo como a profissional segura a peneira e o movimento do caimento do sedimento apontam para uma ação correspondente à atividade de escavação. A continuação da ação de carregar o balde (fotografia 05) e agitar a peneira (fotografia 06) é uma indicialidade do processo de escavação, no que a ação consiste em recuperar pequenos vestígios e controlar os níveis estratigráficos, com isso entende-se que existe uma intenção em peneirar os sedimentos. Um dos interlocutores destaca: *“Todo sedimento é reservado para cobrir novamente a área escavada.”* Ao nível simbólico, pode-se inferir que a técnica de peneiração no contexto arqueológico são instrumentos que apontam para uma escolha metodológica.

Figura 11 - Pequeno fragmento ósseo.



Fonte: Acervo do LAB/NDIHR/UFPB.
07ª fotografia.

A sétima fotografia (**Figura 11**), em plano fechado, apresenta a iconicidade em relação ao fragmento ósseo (centro da imagem), que por sua forma e cor se diferencia do solo. Identifica-se também a escala métrica colorida, demonstrando um caráter científico ao registro. O enquadramento e o foco no vestígio apontam para a importância da evidência documentada. Quanto à indiciabilidade da imagem, ocorre em relação à presença da escala, que pode ser entendida como um índice do caráter científico da escavação, mostrando a intenção de documentar o tamanho, a posição e as cores do vestígio ósseo. Pode-se entender que o próprio fragmento ósseo é um índice material, uma evidência de que na área existe a possibilidade de encontrar outros vestígios de remanescentes humanos. Ao signo simbólico, pode-se inferir que o pequeno fragmento ósseo carrega em si um simbolismo que aponta para uma possível presença de remanescentes humanos enterrados no local. *“O fragmento ósseo não está aqui aleatoriamente. E isso já é um outro nível de percepção. E se é uma área sepulcral com sepultamentos humanos, um terceiro nível pode ser entendido: o nível simbólico”.*

Figura 12 - Vestígios ósseos.



Fonte: Acervo do LAB/NDIHR/UFPB.
08ª fotografia.

A oitava fotografia (**Figura 12**), em plano médio, registra a unidade A2 e parcialmente a unidade A3 (no lado superior da imagem), com a presença de fragmentos ósseos. No que se refere ao ícone, a imagem reproduz a superfície escavada, evidenciando a compactação do sedimento na superfície do sítio, descrito pela equipe como muito duro, além de relevos, texturas, cores e fragmentos ósseos parcialmente expostos. A escala métrica presente ao centro da imagem reforça o viés documental e comparativo. Os fragmentos ósseos no lado superior esquerdo e no lado inferior direito da imagem evidenciam que os vestígios estão sendo encontrados. No plano indicial, compreende-se que o arranjo do solo, as marcas de ferramentas, as ondulações, as partes rebaixadas indicam a ação dos profissionais, ao modo que se infere como um índice do processo de escavação. Os fragmentos ósseos parcialmente expostos são indícios da presença de remanescentes humanos no local. *“Fizemos uma varredura mais superficial para saber o que tinha na área. Tanto que a gente consegue encontrar alguns materiais como pequenos fragmentos ósseos, ossos longos e fragmentos de calota craniana.”* No nível simbólico, a narrativa de um

dos interlocutores pode ser entendida como um momento em que os primeiros indícios da presença humana são encontrados.

Figura 13 - Vestígios ósseos longos.



Fonte: Acervo do LAB/NDIHR/UFPB.
09ª fotografia.

A nona fotografia (**Figura 13**), em plano médio, está relacionada ao registro anterior e mostra a unidade A2, com a presença de fragmentos ósseos. Ao nível icônico, a imagem apresenta uma superfície escavada em solo bastante compacto, com fragmentos ósseos longos (centro da imagem) parcialmente expostos. Nota-se a escala métrica colorida utilizada para fins de registros documentais. A área delimitada por barbantes indica que o material está na quadrícula demarcada. No tocante ao indicial, pode-se dizer que a presença dos fragmentos ósseos, o solo escavado, a escala, a quadrícula são índices da prática de escavação. Ainda é possível inferir que o estado dos fragmentos ósseos indica uma ação do tempo e de processos tafonômicos. Em relação ao símbolo, entende-se que o sistema de quadrícula (unidades) é a escolha de uma técnica, ao passo que se torna símbolo do trabalho arqueológico.

Figura 14 - Fragmentos de calota craniana.



Fonte: Acervo do LAB/NDIHR/UFPB.
10ª fotografia.

A décima fotografia (**Figura 14**) em plano fechado, tem relação com as duas imagens anteriores (Figuras 12 e 13), apresentando uma sequência visual. No tocante ao signo icônico, encontra-se um fragmento ósseo em formato arredondado bastante fragmentado com a coloração e textura diferentes do sedimento — descrito pela equipe como muito compacto — apresentando características de uma porção óssea de calota craniana. O solo ainda apresenta texturas que remetem ao sedimento retirado. A escala métrica colorida e o barbante também podem ser inferidos como ícones. Em relação à indicialidade, o fragmento ósseo pode ser considerado um forte indício da possível presença de remanescentes humanos inumados no local. A escala métrica e o barbante ainda sinalizam para o caráter técnico da escavação. No tocante ao signo simbólico, a fotografia em si é um símbolo, por ser compreendida como escolha metodológica.

Figura 15 - Quadrícula apresentando material rochoso *in situ*.



Fonte: Acervo do LAB/NDIHR/UFPB.
11ª fotografia.

A décima primeira fotografia (**Figura 15**), em plano médio, refere-se à unidade A1. Quanto à semelhança, apresenta uma quadrícula delimitada por barbantes presos nas estacas de madeira nos quatro cantos e nota-se a compactação do sedimento do solo. O enquadramento da imagem mostra o interior da unidade parcialmente escavada. Percebe-se a presença de blocos rochosos, onde se vê um afloramento no lado superior esquerdo da imagem. No lado direito da imagem, na quadrícula ao lado, observa-se, parcialmente, um plástico transparente, no que se pode inferir o uso para cobertura ou para separar os materiais. No tocante ao signo indicial, a ausência de ferramentas e da equipe indica um momento de paralisação da escavação e/ou um registro da quadrícula após a retirada de parte do sedimento. A diferença no nível do solo, mais profundo no lado superior direito da imagem, indica o avanço na escavação. O arranjo do material rochoso sugere que as rochas podem estar *in situ* ou ainda que foram mantidas na posição original por terem algum significado arqueológico. “Inicialmente, nessa primeira prospecção mesmo, já dava para perceber uma configuração das rochas que chamou bastante atenção.” Em relação ao símbolo, a quadrícula em si configura não somente a delimitação da área, mas pode ser percebida como um signo do procedimento arqueológico. Bem como a disposição das

rochas que, de acordo com a narrativa de um dos interlocutores, pode ser inferida como símbolo. *“Posteriormente, em uma escavação mais aprofundada, quando a gente começa a ver essa disposição de rochas, já começa a acender um alarme, dando a essas rochas um caráter mais simbólico. Elas não estão ali aleatoriamente. Não é um acidente geográfico. Houve uma intenção de colocá-las ali.”*

Figura 16 - Quadricula coberta por plástico para proteger a área e trabalhos posteriores.



Fonte: Acervo do LAB/NDIHR/UFPB.
12ª fotografia.

Na décima segunda fotografia (**Figura 16**), em plano médio, corresponde à unidade A2 e tem relação com a imagem anterior. Quanto ao ícone, a imagem atual apresenta a quadrícula ao lado da imagem anterior (Figura 15). Na unidade encontra-se um plástico sobre o solo preso com pequenas rochas, contendo marcações brancas (muito provavelmente fita adesiva). A estrutura da quadricula segue o mesmo padrão das outras unidades: barbantes e estacas de madeira, e percebe-se também o solo escavado. Contudo, a presença do plástico é central. Quanto à indiciabilidade, apresenta-se uma pausa intencional na escavação, levando a inferir que tem algo relevante sob o solo, ao passo que exige uma proteção e/ou uma posterior análise. A utilização do plástico e das rochas como pesos pode ser entendida como um índice

da prática arqueológica que pode apontar para formas de localização e/ou delimitação de área de interesse na unidade. Conforme a narrativa de um dos arqueólogos: *“Aqui é a série de plástico. Porque a gente indicou que poderia ter mais coisas ali. E nessa área tinha sim.”* Em relação ao símbolo, pode-se inferir uma simbologia ao plástico transparente, entendendo que, para o método arqueológico, torna-se uma convenção de que o plástico funciona como um marcador, ao passo que protege a área e aponta que ali pode existir algo significativo.

Figura 17 - Vista geral da área escavada sob o abrigo rochoso.



Fonte: Acervo do LAB/NDIHR/UFPB/UFPB.
13º: fotografia.

A décima terceira fotografia (**Figura 17**) apresenta a vista geral da área de escavação, ainda delimitada pelas estacas, entretanto sem a presença dos barbantes ao centro da imagem. Como ícone, nota-se as quadrículas por outro ângulo, das fotografias anteriores (Figuras 15 e 16) com o solo parcialmente escavado. Um dos interlocutores diz: *“Nessa primeira campanha, como falei, a gente ficou mais restrito à etapa de limpeza. Descemos até cerca de 5 centímetros na primeira camada [...] porque nesse sítio a presença de matéria orgânica (fezes de caprino) provoca uma concretude que fica difícil até escavar. Quando tirava aquela primeira camada de*

fezes, tinha exatamente uma outra camada de fezes que chegava ao solo. Vamos dizer que é uma formação sedimentar dos solos, característicos ali, [...] já na segunda camada, aprofundamos por volta dos 10 a 12 centímetros e começamos a encontrar as primeiras evidências”. Quanto ao índice, pode-se perceber no arranjo das quadrículas e pela razão de que as unidades estão cobertas com plástico, como já mencionado, indicam a preocupação com o registro, a proteção e a sinalização de locais específicos. No que se refere ao símbolo, a área escavada, o plástico, o entorno sem a presença das ferramentas representam um registro fotográfico mais técnico, ao passo que as estacas não estão mais conectadas pelos barbantes, o que pode ser interpretado como o trabalho possivelmente estava chegando à fase final.

Figura 18 - Vista geral do entorno do sítio arqueológico.



Fonte: Acervo do LAB/NDIHR/UFPB.
14ª fotografia.

A décima quarta fotografia (**Figura 18**) apresenta um plano geral do entorno do sítio arqueológico, nota-se a vegetação típica da caatinga e a presença de curso de água formado por um açude. Em relação ao ícone, a imagem representa a semelhança direta com a vegetação seca, o açude e as formações rochosas ao fundo da imagem. No nível indicial, os elementos naturais (o tipo de vegetação, a topografia e o açude) podem ser entendidos como indicadores do ambiente no qual o sítio está

inserido. Esses índices permitem inferir que o contexto ambiental pode ter influenciado o modo de vida dos grupos humanos que ali habitaram, visto que, antes da formação do açude, o sítio apresentava boa visibilidade do rio Monteiro. Como refletido por um dos arqueólogos: *“A imagem do entorno ajuda a compreender o contexto arqueológico, porque permite pensar na opção que eles tiveram em escolher aquele espaço para realizar seus sepultamentos. Era um espaço muito próximo ao leito do rio, em matéria de metragem e em linha reta. Havia uma visibilidade muito grande do rio. E também de outros sítios.”* Quanto ao símbolo, a própria imagem pode ser concebida como uma representação da paisagem e da relação simbólica entre o ambiente e a possível cultura dos habitantes do pretérito.

Figura 19 - Vista do açude formado pelo rio Monteiro.



Fonte: Acervo do LAB/NDIHR/UFPB.
15ª fotografia.

A décima quinta fotografia (**Figura 19**), em plano geral, mostra a paisagem do sítio arqueológico. Quanto ao nível icônico, observa-se na imagem a geografia do local marcada pelos relevos rochosos, pela vegetação seca e a presença do açude formado pelo rio Monteiro. Em relação ao índice, a presença do açude, conforme observado na imagem anterior, pode ser compreendida como um marcador ambiental, que permite interpretar a possível ocupação humana no passado, uma vez que a

existência de recursos naturais está intimamente relacionada às escolhas de assentamentos e/ou práticas rituais como os sepultamentos. Assim, é possível inferir que antes da formação do açude, o sítio apresentava boa visibilidade do rio Monteiro, aspecto relevante para a inserção ambiental do sítio e para a compreensão da relação espacial com o entorno. Ao que tange ao símbolo, a imagem não somente documenta o entorno do sítio, mas simboliza a relação da equipe com o contexto ambiental. Um dos nossos interlocutores reflete: *“É preciso lidar com o próprio ambiente e o calor ao ter todo um processo de preparação da campanha. Acho que a dificuldade maior tem mais a ver com a questão, com a escolha do método que a gente define, pois uma característica da arqueologia é que as escolhas metodológicas são influenciadas por questões como o transporte de ferramentas, por exemplo. No primeiro dia costuma ser mais complicado, porque é preciso carregar todos os materiais e equipamentos necessários para iniciar o trabalho.”*

As fotografias analisadas da campanha de 2012 possibilitaram identificar aspectos importantes sobre as primeiras atividades de prospecção no sítio Parque das Pedras. Através da análise semiótica dos registros visuais, foi possível compreender como os registros arqueológicos documentados representam as práticas do trabalho, bem como os aspectos indiciais e simbólicos que permeiam o fazer arqueológico. As narrativas dos profissionais que participaram da campanha reforçam o viés etnográfico destas imagens, ao relembrem os desafios nos primeiros dias de campo — como a limpeza da área, o transporte de ferramentas e as estratégias adotadas. Assim, a campanha de 2012 marca o início das investigações no sítio e evidencia a técnica de prospecção, a organicidade, os gestos e as escolhas da prática arqueológica. Para dar continuidade às análises imagéticas, na próxima seção são apresentadas as fotografias produzidas durante a campanha de 2015.

4.3. Campanha de escavação realizada em 2015

A primeira campanha de escavação no sítio arqueológico Parque das Pedras aconteceu entre os dias 03 e 06 de fevereiro de 2015, sob a coordenação do professor doutor Carlos Xavier de Azevedo Netto. A equipe na época contou com a participação dos mestrandos em arqueologia Jaciara Andrade Silva, Érica Ortsac e Francisco Matos, dos estudantes de graduação em antropologia Carlos Humberto Santos Gomes, Silvana Moreira da Silva e das doutorandas em ciências da informação, Geysa Flávia Câmara de Lima, Thaís Catoira e da mestrandia em ciências da informação, Eliane Epifane Martins (Catoira, 2018).

As publicações de Catoira (2018) e Santos (2018) apresentam dados e informações que permitem ampliar o conhecimento sobre os remanescentes humanos encontrados no sítio arqueológico Parque das Pedras. Com base nos dados obtidos durante a escavação realizada pelo LAB/NDIHR/UFPB na campanha de 2015, Santos (2018) produziu um estudo a partir da bioarqueologia, trazendo uma análise acerca dos fragmentos ósseos encontrados, em que apresentou uma breve análise antropológica do possível modo de vida e morte dos grupos que habitaram a região.

Com isso, foi possível identificar características importantes sobre os contextos funerários no sítio, como a ocorrência de sepultamentos primários e a predominância de indivíduos adultos entre os remanescentes analisados. Estas informações sugerem uma possível diferenciação espacial na utilização da área: “um local onde se enterravam preferencialmente indivíduos adultos, enquanto outro local pode ter sido escolhido para o enterramento de indivíduos não adultos” (Santos, 2018, p. 66).

Para a análise semiótica das fotografias produzidas durante a campanha de 2015, foi adotada a mesma dinâmica com a organização de quadros (**Quadro 07**). A partir dessa organização, buscou-se compreender a forma como os signos visuais contidos nas fotografias documentam e comunicam os registros arqueológicos identificados no sítio, bem como o trabalho em campo. Este conjunto de imagens possibilita-nos compreender os avanços das pesquisas, assim como as dinâmicas da equipe contando com a participação de novos colaboradores, além de evidenciar outros remanescentes ósseos. A comparação entre as campanhas permite-nos refletir sobre as transformações do registro arqueológico, buscando compreender o trabalho arqueológico em diferentes momentos.

Quadro 07: Organização dos metadados, informações e descrições das fotografias.

Nº	Arquivo Original	Data	Hora	Categoria	Subcategoria	Palavras-chave	Descrição
16	DSC_0100	03/11/2015	09:57	Trabalho Arqueológico	Área de escavação	equipe; mulheres; ferramentas; abrigo rochoso	Plano geral: cinco profissionais, majoritariamente mulheres, sob abrigo rochoso em atividade de escavação.
17	DSC_0113	03/11/2015	10:19	Trabalho Arqueológico	Área de escavação	registro fotográfico; equipe; posturas; gestos	Plano geral: profissional realizando registro fotográfico; equipe em atividade.
18	DSC02993	06/11/2015	08:31	Trabalho Arqueológico	Área de escavação	equipe; atividades; ferramentas; pincéis; posturas	Plano geral: profissionais em atividade na área de escavação.
19	DSC_0010	06/11/2015	08:40	Trabalho Arqueológico	Atividade de escavação	abrigo rochoso; equipe; posturas;	Plano médio: equipe em atividade e dimensão do afloramento rochoso.
20	DSC_0059	05/11/2015	09:31	Vestígios Arqueológicos	Vestígios ósseos	fragmentos; rochas; escala; seta	Plano médio: fragmentos ósseos dispersos, presença de rochas, escala métrica colorida e seta amarela.
21	DSC_0079	05/11/2015	10:25	Vestígios Arqueológicos	Vestígios ósseos	fragmentos de osso longo; escala; seta; ferramentas	Plano fechado: fragmento ósseo longo parcialmente evidenciado, registrado com escala e seta.
22	DSC_0083	05/11/2015	10:27	Vestígios Arqueológicos	Vestígios ósseos	fragmentos ósseos; papel alumínio	Plano fechado: fragmentos ósseos longos e pequenos sobre papel alumínio.
23	DSC_0055	05/11/2015	09:29	Vestígios Arqueológicos	Vestígios ósseos e líticos	vestígios ósseos; material lítico	Plano fechado: fragmento ósseo aparentemente de uma mandíbula parcialmente evidenciado e material lítico.

24	DSC_0098	05/11/2015	11:03	Vestígios Arqueológicos	Vestígios ósseos	fragmento ósseo; ferramentas; pincel	Plano fechado: fragmento frontal de um crânio sendo limpo com pincel.
25	S/N	05/11/2015	11:06	Vestígios Arqueológicos	Registro	documentação; etiquetas	Modelo de etiqueta de identificação do material do sítio Parque das Pedras.
26	DSC_0101	05/11/2015	11:07	Vestígios Arqueológicos	Vestígios ósseos	registro; fragmento; limpeza; pincel	Plano fechado: limpeza com pincel de um fragmento ósseo.
27	DSC02928	04/11/2015	12:30	Vestígios Arqueológicos	Quadrículas	quadrícula; material lítico; pinceis; escala; seta	Plano médio: quadrícula com material lítico evidenciado com a presença de escala, seta e pinceis.
28	DSC02936	04/11/2015	13:44	Trabalho Arqueológico	Quadrículas	quadrícula; material lítico; escala; seta	Plano médio: quadrícula com material lítico evidenciado com a presença de escala e seta.
29	DSC_0027	05/11/2015	08:16	Ambiente	Registro	abrigo; equipe;	Plano geral: vista geral do abrigo e equipe.
30	DSC_0120	06/11/2015	10:10	Ambiente	Registro	paisagem; vegetação; açude	Plano geral: vista do açude, entorno do sítio e vegetação.

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 20 - Equipe em atividade de escavação.



Fonte: Acervo do LAB/NDIHR/UFPB.
16ª fotografia.

A análise semiótica da décima sexta imagem do *corpus*. (**Figura 20**) e a primeira fotografia selecionada da escavação de 2015, em relação ao ícone, apresentam a clara semelhança visual que mostra um momento do trabalho arqueológico. Na imagem, nota-se a presença de cinco pessoas sob abrigo rochoso. Todas utilizam máscaras, luvas, pincéis em uma área delimitada. A disposição corporal e as ferramentas (colher de pedreiro, trena, pincéis) nos lados inferior direito e inferior esquerdo funcionam como ícones do trabalho, os quais podem ser reconhecidos facilmente por pessoas que estão familiarizadas com o campo arqueológico. A vegetação seca e a luz solar intensa (ângulo superior esquerdo da imagem) são representações que remetem ao clima nordestino, e podem ser inferidas como índices de um horário do dia, bem como do contexto ambiental típico do semiárido. A presença de um caderno (lado inferior direito) é um indício da prática científica. A delimitação da superfície em quadrículas com estacas e barbantes demarca a unidade, o que pode ser entendido como índice da técnica arqueológica para delimitar o espaço. O uso de máscaras e luvas é um índice de medidas de segurança. No lado inferior direito da imagem, na parte com a coloração de sedimento

mais escura, são percebidos fragmentos ósseos, o que pode ser compreendido como índices de remanescentes humanos na área. Quanto ao símbolo, a presença majoritária de mulheres simboliza uma relação de gênero e a prática científica. Outro símbolo que pode ser inferido são os calçados pendurados em um galho seco (lado superior esquerdo da imagem) que possivelmente representam uma proteção contra animais como cobras, aranhas ou escorpiões, que podem entrar nos calçados. Confirmado pela narrativa de um dos interlocutores: *“É uma prática recorrente, é uma proteção. Porque pode acontecer de você colocar os calçados no solo, parados ali, e entrar algum tipo de bicho.”*

Figura 21 - Equipe em atividade e registro fotográfico.



Fonte: Acervo do LAB/NDIHR/UFPB.
17ª fotografia.

A décima sétima fotografia (**Figura 21**) em plano médio, no que se refere ao ícone, observa-se três integrantes da equipe em ação, todos utilizando máscaras e luvas. No lado direito da imagem, nota-se duas integrantes sentadas e manuseando instrumentos e ferramentas (colher de pedreiro, pincel, pá, baldes) posicionados dentro de uma quadrícula delimitada por barbantes e estacas mais finas. A integrante de blusa azul, em destaque no lado esquerdo, está inclinada em direção ao solo e realiza um registro fotográfico com uma câmera digital, onde percebe-se uma escala

métrica colorida e uma seta amarela dispostas ao lado de um provável vestígio arqueológico. Esta ação pode-se inferir como um ícone da técnica de documentação no campo da arqueologia. Quanto à indiciabilidade da imagem, as posturas e gestos corporais apontam diretamente para a prática em execução. No lado direito, ainda é notada a presença de fragmentos ósseos, o que pode ser compreendido como índices de remanescentes humanos no local. Nota-se que na superfície trabalhada os sedimentos estão revolidos, a disposição das ferramentas, os gestos corporais e a concentração das profissionais são indícios da técnica em andamento. A superfície escavada, as pegadas impressas e as ferramentas são índices de uma ação do trabalho. A divisão do local é perceptível pelo barbante ao centro da imagem, ao passo que também atua como um índice do método arqueológico. Ao nível simbólico, o gesto fotográfico realizado pela integrante simboliza a escolha metodológica, a importância dos registros visuais para a arqueologia.

Figura 22 – Escavação sob abrigo rochoso.



Fonte: Acervo do LAB/NDIHR/UFPB.
18ª fotografia 18.

Na décima oitava fotografia (**Figura 22**), em plano médio, observa-se ao nível icônico, a representação de uma cena do trabalho arqueológico em andamento. Percebem-se seis pessoas distribuídas em volta de uma quadrícula sob um abrigo rochoso, em que estão utilizando luvas, máscaras e pincéis, de modo que configura uma cena de um processo técnico no contexto arqueológico. A formação da quadrícula é notada pelas estacas e barbantes que delimitam a área trabalhada, na qual pode-se compreender ao nível icônico como uma prática arqueológica. Os gestos e o manuseio minucioso com pincéis apresentam-se como ícones de uma técnica que requer cuidado. No que se refere ao índice, os gestos e as posições corporais dos integrantes, inclinados em direção ao solo, indicam uma ação em andamento. O solo revolvido, os fragmentos ósseos e líticos parcialmente emergindo do solo (lado superior esquerdo e superior direito), apresentam uma relação direta com a técnica de escavação arqueológica. Quanto ao símbolo, o uso dos pincéis como instrumentos representa a delicadeza e o cuidado para limpar os fragmentos ósseos. Outro símbolo inferido é de que o profissional e as profissionais que estão dentro da quadricula estão de meias, enquanto uma integrante fora da quadricula permanece de tênis, e isso pode-se deduzir como símbolo do cuidado com a área trabalhada, visto que no local existe a forte evidência da presença de remanescentes humanos. Um dos arqueólogos pontua: *“Acho que isso também tem a ver com o próprio impacto. Quando está só de meia, você sente mais diretamente o solo. O tênis é mais grosso, é um perigo você pisar e não sentir, porque o tênis atrapalha essa sensação. É uma questão de segurança da escavação.”*

Figura 23 - Afloramento rochoso que compõe o abrigo.



Fonte: Acervo do LAB/NDIHR/UFPB.
19ª fotografia

A décima nona fotografia (**Figura 23**), em plano médio, tem relação com a imagem anterior, observa-se uma continuidade narrativa da cena. Na fotografia anterior, a cena representa a ação da equipe, enquanto na fotografia atual o foco está no contexto espacial do abrigo. Quanto ao ícone, a fotografia apresenta elementos visuais que permitem reconhecer o contexto da escavação, as roupas da equipe e o abrigo rochoso. No que se refere ao índice, as posturas corporais dos integrantes, sentados ou ajoelhados, funcionam como índices da limitação espacial do sítio. Em relação à imagem, quando indagado, um dos arqueólogos responde: *“Acredito que esse registro foi feito para dar noção da dimensão e da natureza dessa rocha que cobre o sítio. Para documentar se era um gnaiss ou um granito, para entender o tipo de formação que compõe o teto do abrigo. A imagem mostra o espaço, essa questão espacial é um dado importante do sítio arqueológico.”* No tocante ao símbolo, o registro visual, conforme apontado por um dos arqueólogos, permite identificar a natureza da rocha (gnaisse ou granito), ou seja, para identificar a composição geológica e a estrutura do sítio, caracterizando assim uma escolha intencional na documentação.

Figura 24 – Fragmentos ósseos dispersos.



Fonte: Acervo do LAB/NDIHR/UFPB.
20ª fotografia.

A vigésima fotografia (**Figura 24**) em plano fechado, insere-se na categoria vestígios arqueológicos. Em relação ao nível icônico, observa-se uma superfície com uma concentração significativa de vestígios ósseos desarticulados e espalhados (lados inferiores esquerdo e direito), em especial, a parte frontal de um crânio (ângulo inferior esquerdo), como também a presença de material rochoso (ângulo superior direito). Ao ver o registro, um dos nossos interlocutores reflete: *“Nessa campanha, a gente começou a ver muitos vestígios ósseos soltos, principalmente na parte de trás do abrigo. Tudo desarticulado. A gente tirou muito material. Foi uma caixa de isopor grande que foi para o laboratório de Bioarqueologia da UFS. O material foi analisado pela Gabriela Santos, em seu trabalho de conclusão de curso, o que gerou um estudo relevante sobre os remanescentes humanos coletados.”* Em relação ao índice, a presença da escala métrica colorida e da seta amarela (lado superior esquerdo) aponta para uma área específica do solo, evidenciando a etapa do processo de registro e documentação. Ainda na indicialidade do registro, infere-se que a dispersão dos fragmentos ósseos aponta para um possível contexto funerário bastante perturbado, seja por ações naturais ou antrópicas. A presença da escala e da seta

amarela mostra o viés da documentação científica, esses elementos podem ser entendidos como índices do momento em que os vestígios estão sendo evidenciados e registrados. Ao que tange ao símbolo, o registro visual é uma escolha do procedimento técnico de recuperação dos remanescentes ósseos. Conforme a narrativa de um dos arqueólogos presentes na campanha, a imagem não só registra visualmente os fragmentos ósseos, mas documenta uma etapa importante da memória e da escolha técnica da escavação.

Figura 25 – Vestígio ósseo longo.



Fonte: Acervo do LAB/NDIHR/UFPB

Legenda: Fotografia 21

Na vigésima primeira fotografia (**Figura 25**), em plano fechado, o ícone apresenta semelhança com o objeto, assim pode-se identificar um vestígio de osso longo (ao centro) com uma das epífises partidas (lado superior), disposto verticalmente no solo, em que no lado superior esquerdo nota-se uma seta amarela de orientação e no lado superior direito, uma escala métrica colorida. No ângulo inferior direito, observa-se a mão de uma pessoa segurando uma colher de pedreiro, ferramenta bastante utilizada em escavações arqueológicas, e no lado superior esquerdo percebe-se parcialmente uma ferramenta vermelha. Ao nível indicial, o

plano fechado da fotografia mostra o estado de preservação do material, de modo que pode ser entendido como índice de um registro técnico, assim como a escala métrica e a seta amarela funcionam como índices da documentação visual. O fragmento ósseo ainda está parcialmente enterrado no sedimento, com isso pode-se inferir que a mão que segura a colher de pedreiro sugere uma ação contínua, tornando-se indício do gesto arqueológico. Na camada simbólica, o registro visual documenta, mas também representa uma técnica de escavação, ao passo que simboliza o método, a descoberta da evidência e a memória do trabalho.

Figura 26 - Vestígios ósseos acondicionados em papel alumínio.



Fonte: Acervo do LAB/NDIHR/UFPB.
22ª fotografia.

A vigésima segunda fotografia (**Figura 26**), em plano fechado, apresenta vestígios ósseos (entre os lados inferior direito e esquerdo) onde observa-se um osso longo com as epífises preservadas, vértebras e outros pequenos fragmentos ósseos dispostos sobre papel alumínio. No ângulo superior esquerdo, nota-se a presença de um instrumento amarelo, muito possivelmente um pincel. Ainda no lado superior, percebe-se o contraste entre o papel alumínio e a coloração terrosa da superfície. No que diz respeito ao índice, a disposição do material sobre papel alumínio indica um procedimento técnico, como apontado na fala de um arqueólogo: “*Para evitar a*

umidade que o plástico pode acumular.” A imagem ainda indica o momento da retirada dos vestígios de remanescentes humanos. A presença de diferentes tipos de ossos também pode ser inferida como índice de uma técnica, compreendida na narrativa de um dos interlocutores: *“O bloco é retirado inteiro para manter a integridade e registrar a mesma coordenada.”* No plano simbólico, pode-se inferir que o papel alumínio aponta para a escolha metodológica em relação a materiais orgânicos e frágeis, pensando na integridade dos vestígios entre as etapas de campo e, posteriormente, no laboratório. Como um dos arqueólogos afirma: *“O acondicionamento procura também evitar contaminação ou alterações provocadas pelo sol ou hidratação do material.”*

Figura 27 - Modelo de etiqueta de identificação do material do sítio Parque das Pedras.

Sítio: _____		
Tipo de material: _____		
Setor: _____	Corte: _____	
Coordenadas: X _____	y _____	Z _____
Pesquisador: _____		
Data: ____/____/____		
Observações:		

Fonte: Silva (2023).

Conforme Silva (2023), os vestígios arqueológicos coletados no sítio Parque das Pedras, estão acompanhados de etiquetas (**Figura 27**), contendo informações que possibilitam o controle do material e o processamento de dados em laboratório. Um dos arqueólogos afirma: *“O material é retirado do solo, identificado com etiqueta contendo coordenadas, profundidade e demais informações.”* Nas etiquetas são registrados: o nome do sítio, o tipo de material, setor e corte, as coordenadas tridimensionais (X, Y, Z), o nome do pesquisador responsável, a data da coleta e observações complementares.

Figura 28 - Fragmento de mandíbula com dentes.



Fonte: Acervo do LAB/NDIHR/UFPB.
24ª fotografia.

A vigésima quarta fotografia (**Figura 28**) na camada icônica, a imagem apresenta fragmentos ósseos parcialmente expostos na superfície. No lado inferior direito, identifica-se uma mandíbula humana com a presença de dentes. No lado inferior esquerdo, observa-se um pé com meia de uma pessoa da equipe posicionado na área escavada. No ângulo superior esquerdo, nota-se parcialmente um pincel fino amarelo. Ao centro e no lado superior direito da imagem, visualizam-se fragmentos de ossos e rochas, parcialmente cobertos por sedimentos.

Ao nível indicial, a evidência da mandíbula, parcialmente exposta, torna-se um índice da possível presença de outros remanescentes humanos e apresenta uma perturbação do material *in situ*. A presença do pincel fino é um índice da metodologia aplicada, com gestos delicados, cuidadosos e técnicos, confirmado na fala de um dos arqueólogos: “O vestígio foi pincelado, devidamente pincelado, com pincéis mais finos.” Ao que tange ao símbolo, a imagem representa não somente o vestígio ósseo, mas também documenta o gesto arqueológico.

Figura 29 – Limpeza do fragmento de um crânio e pequenos fragmentos dispersos.



Fonte: Acervo do LAB/NDIHR/UFPB.
25ª fotografia.

A vigésima quinta fotografia (**Figura 29**), em plano fechado, em relação ao ícone, mostra duas mãos com luvas, uma segurando um pincel e a outra uma espátula fina, ao passo que limpam a parte frontal de um crânio humano (lado inferior direito), ainda são notados fragmentos ósseos ao redor. É percebida também a presença de um instrumento amarelo no lado inferior esquerdo da imagem, possivelmente um pincel. Ao nível indicial, infere-se na ação de limpar com pincel e espátula, a presença do crânio e a posição das mãos com luvas indicam o processo de exumação de vestígios humanos, no qual exige delicadeza e técnica para manusear. Outro índice da imagem é a utilização de luvas (lado superior esquerdo e direito), ao entenderem como um forte índice tanto da metodologia quanto das condições do ambiente de trabalho. A reflexão de um dos arqueólogos nos ajuda a interpretar a cena: *“Essa luva não protege quase nada. Mas ela possibilita pegar a ferramenta sem escorregar da mão por causa do suor [...]. Então, o uso da luva também é uma questão de segurança na aplicação do método e o cuidado com o material”*. Em relação ao símbolo da imagem, compreende-se que o processo de escavação dos remanescentes humanos requer um conjunto de protocolos técnicos e éticos, compreendidos pelo uso das ferramentas e, sobretudo, pelos gestos delicados dos profissionais.

Figura 30 – Limpeza de fragmento ósseo.



Fonte: Acervo do LAB/NDIHR/UFPB.
26ª fotografia.

A vigésima sexta fotografia (**Figura 30**) em plano fechado, ao que tange ao ícone, remete a uma profissional segurando um fragmento ósseo com a mão direita descoberta (lado superior direito), enquanto a mão esquerda com luva (lado superior esquerdo) limpa o fragmento com um pincel amarelo. Observa-se que a ação ocorre na quadrícula devido à coloração do sedimento (lado superior e inferior direito). Ainda na cena, é percebida a presença de um instrumento amarelo e um plástico. Quanto ao índice, o gesto de limpar o fragmento sem o uso da luva causa um contato direto com o material, o que pode ser entendido como um índice da quebra de protocolo técnico, apontado pela narrativa de um dos interlocutores: *“Não devia estar sem a luva, ao ser entendido como contágio. Porque a própria umidade da mão dela, a própria gordura da nossa pele, vai provocar reações no material. Não esquecendo que esse material está ressecadíssimo. Então, ele absorve qualquer coisa.”* Ao nível simbólico, entende-se que a presença da luva em uma mão e a ausência na outra mostram um contraste entre a norma e prática, entre cuidado e o contágio do material.

Figura 31 - Quadrícula com vestígios líticos e instrumentos de escavação.



Fonte: Acervo do LAB/NDIHR/UFPB.
27ª fotografia.

A vigésima sétima fotografia (**Figura 31**), em plano médio, quanto a iconicidade, apresenta uma quadricula delimitada por barbantes presos em estaca (lado superior e ângulos superior e inferior esquerdo) parcialmente escavada com a presença de escala métrica colorida, seta amarela de orientação sinalizando um pequeno vestígio lítico (ao centro), no lado superior direito são observados instrumentos (pinéis de diferentes tamanhos, colher de pedreiro, espátula fina) sobre a superfície revolvida, no lado inferior direito, percebe-se o material rochoso e parte do pé de um dos integrantes da equipe, provavelmente do que estava produzindo o registro. Em relação ao índice, a presença da escala e da seta alinhadas ao fragmento indica o registro visual de um vestígio lítico considerado relevante. Essa interpretação valida a fala de um dos profissionais: *“É material lítico. Provavelmente, para estar registrado assim, seria de origem de quartzo e está muito polido. Por que estão sendo considerados destaque? Aí vem a dimensão simbólica [...] porque, se o material estivesse natural, em cima da serra, não teria sofrido esse polimento, estaria todo angulado. Até os bodes poderiam lascas o quartzo na pisada. Mas não iam realizar esse polimento. Esse material foi retirado de algum lugar e levado para lá.”* A “dimensão simbólica” descrita pelo arqueólogo em relação ao polimento do material

lítico remete às práticas tecnológicas dos indivíduos do pretérito e a presença do material em um contexto de escavação funerária pode sugerir significados atribuídos aos grupos que ali habitaram. Ainda no que remete ao símbolo, a disposição das ferramentas pode significar que a escavação ainda terá continuidade, compreendendo uma pausa na ação com a possível intenção de produzir o registro fotográfico.

Figura 32 - Vestígio lítico e pequenos fragmentos ósseos dispersos em superfície escavada.



Fonte: Acervo do LAB/NDIHR/UFPB.

28ª fotografia.

A vigésima oitava fotografia (**Figura 32**) em plano médio, no que diz respeito ao ícone, observa-se um vestígio lítico arredondado (ao centro), ao lado observa-se a escala métrica colorida e a seta amarela, elementos da documentação técnica. No ângulo inferior esquerdo, nota-se parte de um calçado e no ângulo superior direito, aparece parcialmente o que aparenta ser um balde. A superfície do solo está relativamente revolvida, com marcas de pegadas e presença de fezes caprinas, identificáveis no lado superior esquerdo. Ao nível indicial, a fotografia apresenta um registro técnico com o vestígio evidenciado, a escala métrica posicionada e a orientação geográfica indicada pela seta, mostrando um indício de que o material foi concebido como relevante. Diante da imagem, um dos arqueólogos afirma: *“Embora o vestígio esteja devidamente coordenado, fotografado com a escala, com a seta*

virada para o Norte, essa foto não está na norma da técnica arqueológica. Tem que estar tudo limpo. Aqui tem o bico de um pé, o balde, tinha que estar visualmente limpo.” Pode-se inferir como símbolo a composição do registro técnico: a escala, a seta orientando o Norte e o vestígio lítico, ao passo que representa a escolha do método, mesmo com alguns desacertos cometidos no trabalho de campo.

Figura 33: Vista geral do sítio Parque das Pedras e da equipe.



Fonte: Acervo do LAB/NDIHR/UFPB.
29ª fotografia.

A vigésima nona fotografia (**Figura 33**) em plano geral, ao nível icônico, pode-se reconhecer na imagem uma cena do trabalho arqueológico facilmente compreendida por pessoas familiarizadas com o contexto. No lado superior da imagem, identifica-se a dimensão do abrigo rochoso. Ao centro da imagem, nota-se a presença dos profissionais, alguns na área delimitada e outros em pé observando, enquanto um profissional no lado superior direito aparece sentado. Percebem-se também os equipamentos. No lado inferior, nota-se a aridez do solo, algumas rochas soltas e galhos secos. No lado inferior esquerdo, visualiza-se um par de calçados pendurados em um galho seco. No lado inferior direito, observa-se a incidência da luz solar em contraste com a sombra formada pelo afloramento rochoso. A partir da reflexão de um dos interlocutores: *“No sítio não havia vegetação. Isso, possivelmente,*

tem a ver com a questão dos caprinos. Como os animais circulavam naquela região, acabavam impedindo o crescimento da vegetação. Ali virava um abrigo para os animais, tanto do sol quanto da chuva.” — É possível inferir na imagem em relação aos índices, a ausência da vegetação, a exposição do sol e a aridez do cenário que revelam aspectos importantes do ambiente e do contexto arqueológico. Ao que tange ao símbolo, pode-se inferir que a disposição dos profissionais: alguns em pé, outros na área de escavação, pode ser interpretada como uma escolha na organicidade do trabalho em equipe, visto que as exigências físicas e o calor são intensos.

Figura 34 - Paisagem do entorno do sítio Parque das Pedras.



Fonte: Acervo do LAB/NDIHR/UFPB.
30ª fotografia.

A trigésima fotografia (**Figura 34**) em plano geral, quanto ao ícone, pode-se inferir a paisagem do entorno do sítio, remetendo a um ambiente semiárido. Nos ângulos superior esquerdo e direito, observa-se o céu com nuvens, ao centro, a presença do açude e nos ângulos inferior esquerdo e direito, a vegetação seca. Em relação à indicialidade da imagem, os elementos visuais podem ser inferidos como indícios de uma determinada estação do ano, compreendidos na fala de um dos arqueólogos: *“No mês de novembro, é uma época em que a seca já é mais intensa, e influencia diretamente no trabalho arqueológico, tanto pelo calor quanto pela logística.*

Com a vegetação mais seca e aberta, o transporte de materiais é mais fácil, pois o caminho fica mais livre. Quando a vegetação está mais verde, mais úmida, o acesso é complicado, porque tem que abrir.” A partir da fala do arqueólogo, é possível identificar na imagem (lado inferior direito) um caminho visivelmente acessível. Ao nível simbólico, pode-se entender que, mesmo com o clima seco e o calor intenso, sendo aparentemente um obstáculo, pode favorecer na escolha da época do ano para realizar o trabalho arqueológico devido ao acesso ao sítio, entre outras condições.

A interpretação das fotografias da campanha de 2015 permitiu identificar questões importantes sobre as primeiras atividades de escavação sistemática no sítio. Por meio da análise semiótica dos registros visuais, foi possível compreender não somente as escolhas técnicas da escavação, mas também entender como os registros evidenciam a complexidade do trabalho, dos aspectos subjetivos e simbólicos que fazem parte do universo arqueológico. A partir da narrativa de um dos interlocutores, constata-se que a escavação é uma continuidade da campanha anterior: *“A área trabalhada é a mesma da prospecção de 2012, porém amplifica a parte do fundo. São três quadriculas na frente e mais duas atrás. As quadriculas não estão subdivididas, mas a área trabalhada tem a medida de dois por seis metros. Só não houve a subdivisão, mas cada integrante sabia onde estava trabalhando.”*

Um dos arqueólogos reflete: *“O Parque das Pedras é incrível, ele é ‘sui generis’. Quando olhei, a primeira vez, na primeira sondagem que a gente foi fazer em 2010, achamos quase nada, somente alguns vestígios avulsos. Tanto que só em 2012 realizamos uma prospecção mais detalhada, aí percebemos uma configuração das rochas bastante interessante, começamos a perceber a complexidade do sítio e encontrar evidências mais significativas. Aí mostrei o material para o professor Albérico, que sugeriu que poderia ter mais alguma coisa. Em 2015, retornamos ao sítio com a presença de duas alunas que trabalhavam com a professora Olívia. Foi nesse momento que encontramos uma quantidade significativa de material e começamos a compreender o potencial arqueológico do sítio.”*

Como mencionado anteriormente, Santos (2018) apresenta os resultados das análises dos remanescentes humanos retirados do sítio Parque das Pedras na campanha de 2015. Em relação ao Número Mínimo de Indivíduos (NMI), a pesquisadora chega ao resultado de 4 indivíduos, em que se identifica pelo menos 2 do sexo masculino, um não adulto e um de sexo indeterminado. A autora ainda

constata que, além dos remanescentes humanos, também contém remanescentes de animais (envolvendo pequeno, médio e grande porte) no material coletado no sítio.

Por fim, as narrativas dos profissionais, os dados publicados e os registros visuais da campanha de 2015 documentam uma etapa relevante do trabalho de campo e da interpretação do sítio, evidenciando vestígios associados à ocupação humana pretérita. Na seção seguinte, apresentam-se as análises das fotografias da campanha de 2018, dando continuidade à abordagem etnográfica e interpretativa do trabalho arqueológico no sítio Parque das Pedras.

4.4. Campanha de escavação realizada em 2018

A campanha de escavação realizada no ano de 2018, ocorreu entre os dias 25 a 30 de julho, novamente coordenada pelo professor Carlos Xavier, contando com um número maior de participantes, com a presença do zooarqueólogo e professor doutor Albérico Nogueira de Queiroz e da bioarqueóloga e professora doutora Olívia Alexandre de Carvalho ambos professores e pesquisadores da Universidade Federal de Sergipe (UFS), Silvana Moreira da Silva e Djiuliane do Nascimento, na época graduandas em antropologia pela UFPB, Thiago de Souza e Francisco Matos doutorandos em arqueologia pela UFPE, o pesquisador doutor Conrad Rosa, e três estudantes da Universidade Rural de Pernambuco (UFRPE), os quais infelizmente, não foram localizados os nomes. Essa fase da campanha é, em especial, significativa, por ser o momento em que se descobriram as práticas funerárias do sítio, com a identificação de dois enterramentos primários de indivíduos adultos e artefatos associados a um dos sepultamentos.

Silva (2023) apresenta um inventário analisando detalhadamente os materiais resultantes das escavações da campanha de 2018 e identificando os materiais que poderiam ser classificados como acompanhamento funerário, as posições dos esqueletos, os tipos de materiais encontrados e suas localizações. Neste sentido, a partir da documentação de campo e dos registros visuais, serão observados os tratamentos dados ao corpo, os tipos de enterramento, se primário ou secundário, direto ou indireto. Na tentativa de compreender as informações contidas na documentação visual relacionada às práticas funerárias, foram utilizados a sistematização de dados através da metodologia apresentada por Cisneiros (2003), a qual dispõe de categorias que possibilitam analisar o tipo de enterramento, as formas,

estruturas e outras características físicas, assim como a cultura material associada aos sepultamentos.

De acordo com as informações fornecidas por um dos arqueólogos que participou da campanha, foram identificadas três camadas sedimentares distintas na área do sítio: *“Observa-se três camadas de sedimentos no sítio: uma superficial de aproximadamente 3 a 5 cm de espessura, com textura concretada devido a ação das chuvas, raios solares e dejetos de animais (cabras); uma segunda camada que tem dois componentes estratigráficos, o sedimentos mais arenosos, com pequenos fragmentos de rochas, onde foram encontrados ossos e fragmentos dispersos, inclusive com ossos muito jovens, situada ao fundo do abrigo (quadrícula 4 e a transição para a 2), já os sedimentos mais argilosos se encontram na boca do abrigo nas quadrículas 1, 2 e 3; com aproximadamente entre 6 a 15 cm, onde foram encontrados sepultamentos articulados, com a presença de blocos de rochas delimitando às áreas de sepultamento, nos dois tipos de sedimentos foram encontrados raros vestígios de cultura material (fragmentos líticos, cerâmico, adorno de concha e uma cordão situado no pescoço do sepultamento 1 (com maior desgaste); a terceira camada é aquela com sedimento entrecortado por blocos de rochas mais encorpados, com sedimentos mais grosseiros, com pouco sedimento mais fino, encontrados abaixo dos 15 cm de profundidade”.*

Para as análises das fotografias elaboradas durante a campanha de 2018, foi utilizada a mesma dinâmica com a organização de quadros (**Quadro 08**). Através dessa organização, buscou-se interpretar a maneira como os signos visuais presentes nas fotografias documentam e comunicam os registros arqueológicos, assim como o trabalho de escavação. O conjunto de imagens permite-nos identificar os avanços dos trabalhos e a equipe na qual contou com a participação de novos colaboradores. A análise comparativa entre as campanhas possibilita-nos pensar sobre as mudanças do registro arqueológico e permite-nos realizar uma interpretação do trabalho arqueológico em diferentes etapas da investigação. A seguir, apresenta-se a interpretação das fotografias, articuladas às narrativas dos arqueólogos e dados fornecidos por Cisneiros (2003) e Silva (2023).

Quadro 08: Organização dos metadados, informações e descrições das fotografias.

Nº	Arquivo Original	Data	Hora	Categoria	Subcategoria	Palavras-chave	Descrição
31	DSC_00033	25/07/2018	06:46	Trabalho Arqueológico	Área de escavação	equipe; delimitação; ferramentas; posturas	Plano médio: quatro profissionais agachados, fazendo as medições para delimitar quadrículas.
32	DSC_0040	25/07/2018	08:01	Trabalho Arqueológico	Área de escavação	área escavação; quadrículas	Plano geral: área de escavação delimitada por quadrículas.
33	DSC_0073	26/07/2018	06:08	Trabalho Arqueológico	Atividade de escavação	equipe; atividades; ferramentas; posturas	Plano geral: sete profissionais em atividade na área de escavação.
34	DSC_0130	27/07/2018	12:25	Vestígios Arqueológico	Sepultamento	sepultura; remanescente humano; registro; quadrícula	Plano médio: remanescente humano com maxilar parcialmente exposto e início da sepultura, registro com escala.
35	DSC_0135	27/07/2018	12:25	Vestígios Arqueológicos	Sepultamento	sepultura; remanescente humano; registro; quadrícula	Plano médio: remanescente humano com maxilar parcialmente exposto e início da sepultura, registro com escala.
36	DSC_0288	29/07/2018	08:37	Trabalho Arqueológico	Atividade de escavação	equipe; quadrícula; remoção	Plano fechado: três profissionais em atividade, realizando remoção em bloco.
37	DSC_0295	29/07/2018	08:38	Trabalho Arqueológico	Atividade de escavação	equipe; atividades; ferramentas; posturas; sepultamento	Plano médio: equipe em atividade no sepultamento.

38	DSC_0301	29/07/2018	08:49	Vestígios Arqueológicos	Sepultamento	sepultamento; tratamento corpo; registro; escala; seta	Plano fechado: remanescente humano inumado em decúbito fletido lateral registrado com escala e seta orientadora.
39	DSC_0314	29/07/2018	09:06	Vestígios Arqueológicos	Vestígios remanescente humano	remanescente humano; tórax; contas colar; escala; seta	Plano fechado: crânio e parte torácica retirados pela técnica de bloco, contas de semente próximos registrado com escala e seta.
40	DSC_0349	30/07/2018	12:19	Vestígios Arqueológicos	Artefato	artefato; concha; material orgânico escala	Plano fechado: concha sobre superfície rochosa, registrada com escala.
41	DSC_0355	30/07/2018	06:43	Vestígios Arqueológicos	Sepultamento	sepultamento; tratamento corpo; registro; escala; seta	Plano médio: remanescente humano inumado em decúbito fletido lateral registrado com escala e seta orientadora.
42	DSC_0380	30/07/2018	12:30	Trabalho Arqueológico	Área de escavação	área escavada; plástico; sedimentos	Plano médio: área de escavação com sedimento revolvido com a presença de plástico para sinalizar locais para trabalhos futuros.
43	IMG_20180729	2018		Vestígios Arqueológicos	Sepultamento	sepultura; material rochoso; ferramenta	Plano médio: delimitação de sepultura com material rochoso.
44	IMG_20180730	2018		Vestígios Arqueológicos	Artefato	colar; sedimento; escala	Plano fechado: registro com escala de colar ainda incrustado no sedimento.
45	PNG	2018		Vestígios Arqueológicos	Artefato	pingente; concha; escala	Plano fechado: adorno de concha sobre superfície rochosa, registrada com escala.

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 35 – Equipe realizando a delimitação da área.



Fonte: Acervo do LAB/NDIHR/UFPB.
31ª fotografia.

A trigésima primeira fotografia (**Figura 35**) do *corpus* selecionado, em plano médio, apresenta uma cena de delimitação de superfície, facilmente identificada por pessoas que estão familiarizadas com o assunto. Ao nível icônico, observam-se quatro profissionais (uma mulher e três homens), em atividade, cujos gestos e o manuseio das ferramentas levam-nos a inferir que estão medindo a área a ser trabalhada. Ao centro da imagem, nota-se uma trena amarela estendida, uma régua e uma estaca de madeira. No lado superior da imagem, percebe-se o afloramento rochoso e entre os lados superior e inferior esquerdo, a luz solar intensa e alguns instrumentos de medição de superfície. Em relação aos índices da imagem, infere-se que a disposição dos corpos e gestos dos profissionais apontam para uma organização e ação técnica do trabalho arqueológico. As máscaras utilizadas pelos profissionais podem ser apontadas como índices de equipamento de proteção. No nível simbólico, a imagem aponta para uma escolha metodológica, na qual observa-se na disposição dos corpos e nos gestos a colaboração entre os membros da equipe.

Figura 36 – Área de escavação com as quadrículas delimitadas.



Fonte: Acervo do LAB/NDIHR/UFPB.
32ª fotografia.

A trigésima segunda fotografia (**Figura 36**) em plano geral, quanto ao ícone, apresenta a área de trabalho delimitada, observa-se a disposição das unidades formadas por estacas e barbantes. O solo, os sedimentos e as rochas expostas indicam que o momento fotografado antecede a escavação propriamente dita, de modo que se pode inferir como um ícone da preparação do trabalho. Diante da narrativa de um dos arqueólogos: *“Foram identificados na superfície fragmentos de rochas, caracterizados como deslocamento do afloramento rochoso que forma o abrigo”* — é possível observar ao nível indicial da imagem, a presença dos fragmentos das rochas na superfície na base do afloramento (lado superior e inferior direito). No que diz respeito ao símbolo, as quadriculas formadas por estacas e barbantes podem ser entendidas como uma escolha técnica, tornando-se um símbolo da prática científica da escavação. A análise da fotografia pode ser ainda relacionada com as informações publicadas por Silva (2023), na qual destaca que o solo do Parque das Pedras apresenta pouca profundidade, cerca de 0,85 m, sem identificação de uma alteração na estratigrafia natural. Para indicar a profundidade geral das unidades e do sítio,

foi feito um levantamento altimétrico da superfície para distribuir as áreas de escavação e identificar o ponto zero (PZ) de referência das setorizações da superfície do sítio. As nomenclaturas seguem o padrão alfanumérico entre unidades (1, 2, 2B, 3, 3B, 4, 5 e 6). Sendo assim, os registros visuais apresentam o ordenamento espacial e técnico da área a ser trabalhada.

Figura 37 - Equipe em atividade.



Fonte: Acervo do LAB/NDIHR/UFPB.
33ª fotografia.

A trigésima terceira fotografia (**Figura 37**) em plano geral, ao que tange a camada icônica, representa um momento de atividades da equipe na área de trabalho, no lado inferior esquerdo observa-se a presença de três profissionais (uma mulher e dois homens) onde dois deles estão com roupas de proteção (calça laranja com faixas refletivas), máscaras e luvas manipulando as ferramentas, no lado inferior direito, nota-se a presença de outros quatro integrantes (três mulheres e um homem) em atividade, com o equipamento de proteção individual (luvas e máscaras). No lado superior da imagem, observa-se o afloramento rochoso que forma o abrigo, já no lado inferior percebe-se a luz solar. Ao nível indicial, a utilização de luvas e máscaras por todos os integrantes da equipe é um índice de proteção e dos aspectos ambientais do local, como

apontado por um dos interlocutores: *“A máscara é uma proteção para quem está escavando. Em um ambiente semiárido, chega um momento em que a poeira começa a acumular e pode formar um ‘cimento’ no nariz. Além disso, a poeira resseca a boca e as vias aéreas”*. Quanto ao símbolo, pode-se entender que a escolha pela utilização das máscaras simboliza um cuidado individual em meio à prática de escavar. Outro símbolo que se pode inferir são as quadrículas que demonstram a organização espacial e o rigor técnico da prática arqueológica.

Figura 38 – Primeiro sepultamento humano identificado.



Fonte: Acervo do LAB/NDIHR/UFPB.
34ª fotografia.

A trigésima quarta fotografia (**Figura 38**) em plano médio, no que diz respeito ao ícone, representa uma linha delimitando a superfície (lados inferior e superior direito), um fragmento de um maxilar parcialmente exposto (entre os lados superior esquerdo e direito), a escala métrica colorida, percebe-se ainda blocos de rochas, a superfície revolvida e a seta amarela de orientação e pequenos fragmentos ósseos aparentemente de falanges (lado inferior). Em relação à indicialidade, pode-se inferir que o desnível do solo resultante da retirada de sedimento (no lado inferior direito), o maxilar humano, a presença da escala métrica e da seta amarela, apontam para um momento significativo da

escavação em que foram encontradas evidências de remanescentes humanos. Como relata um dos arqueólogos: *“Esse é o primeiro sepultamento. No começo aparece o maxilar do esqueleto. Eu não esperava, acho que ninguém esperava encontrar um sepultamento organizado.” E a gente vinha com a premissa de que não havia um arranjo, até porque a gente encontrou na escavação de 2015, aquele material muito mexido no fundo do abrigo. Ao nível simbólico, o registro visual permite interpretar o início da descoberta de um padrão de enterramentos no local, simbolizando para a equipe uma possível organização cultural dos grupos que ali habitaram. A narrativa de um dos interlocutores aponta para uma interpretação em que é possível identificar aspectos importantes: “Quando a gente começou a achar, quando o Chico achou, foi até o Chico que achou, percebemos ter indício de sepultamento organizado em decúbito lateral direito. Quando, então, os outros começaram a se confirmar nas outras quadrículas, sempre na boca do abrigo. Isso aí tem um arranjo, não é aleatório. Os jovens estão no fundo e os mais velhos estão na boca. Os mais velhos com acompanhamento funerário, não é à toa que depois a gente vai encontrar também, adornos associados a este enterramento.”*

Figura 39 - Delimitação de sepultura com blocos rochosos.



Fonte: Silva (2023).
35ª fotografia.

A trigésima quinta fotografia (**Figura 39**), em plano médio, foi retirada do trabalho de Silva (2023). Embora não se configure como um registro técnico, a

imagem permite uma leitura interpretativa do sepultamento. Como ícone, a imagem mostra fragmentos de um crânio parcialmente escavado (ao centro), observa-se a presença de rochas naturais em diferentes tamanhos (lados superior e inferior esquerdo) delimitando a área da sepultura, nota-se ainda uma ferramenta (ângulo inferior esquerdo). Como apresenta Silva (2023), o primeiro esqueleto identificado apresentava um mau estado de conservação. Ainda assim, foi possível inferir que se tratava de uma sepultura primária simples, em decúbito lateral direito. Na sepultura, ainda foram encontrados os únicos adornos diretamente associados ao corpo. Identificou-se que o crânio estava bastante fragmentado e que conservava alguns dentes, inclusive com sinais de patologias dentárias. Apesar da grande perturbação e dispersão óssea, foram identificados e coletados alguns ossos da coluna vertebral, ossos da mão bem preservados e ossos longos como fêmures, tíbias e fíbulas fragmentadas. Observa-se que o entorno da sepultura foi marcado por pedras naturais, que delimitavam a área do sepultamento. Quanto ao índice, o crânio, outros fragmentos ósseos e as rochas que delimitam o espaço podem ser entendidos como indícios de uma prática funerária passada, ao passo que o remanescente humano parcialmente exposto representa a ação da escavação arqueológica. Em relação ao símbolo, a identificação da sepultura, o tratamento do corpo e a cultura material associada podem ser inferidos com base nos significados culturais e nas metodologias do trabalho arqueológico.

Figura 40 - Contas de colar associadas ao primeiro sepultamento no momento da retirada.



Fonte: Silva (2023).
36ª fotografia.

A trigésima sexta fotografia (**Figura 40**), em plano fechado, também faz parte do trabalho de Silva (2023). Quanto ao ícone, a imagem apresenta vestígios arqueológicos, retirados do solo, claramente visíveis para pessoas familiarizadas com o contexto. Observam-se mãos com luvas (lado superior esquerdo e inferior direito) segurando um fragmento de sedimento com pequenas contas alinhadas (ao centro), também se nota contas soltas (lado superior esquerdo) e uma escala métrica colorida (ângulo inferior esquerdo). Conforme exposto por Silva (2023), as contas de colar estavam sobrepostas no pescoço do primeiro esqueleto. “A forma como as contas foram encontradas, em volta do pescoço, perfeitamente alinhadas, permitiu entender o uso enquanto colar, reforça a ideia de intencionalidade” (p. 113). Em relação ao índice, as contas encontradas no pescoço do indivíduo apontam para evidências de uma prática intencional, percebida como uma ação cultural dos sujeitos do pretérito. As luvas, a escala, o plano da fotografia apresentam a intenção do registro técnico. Ao que tange ao símbolo, a imagem mostra a escolha técnica de coleta do adorno; a escala métrica e as luvas podem ser inferidas como elementos simbólicos da técnica arqueológica.

Figura 41 – Escavação em bloco.



Fonte: Acervo do LAB/NDIHR/UFPB.
37ª fotografia.

A trigésima sétima fotografia (**Figura 41**), em plano médio, a iconicidade, mostra uma cena de atividade arqueológica, no lado superior esquerdo, percebe-se um integrante da equipe com vestimenta azul e luvas, no lado superior direito, a presença de outro profissional com luvas, camisa listrada e calça de proteção laranja, ao centro da imagem observa-se o fragmento do crânio sendo manipulado e nota-se também a estaca e fio delimitando a quadricula, no ângulo inferior direito, a presença de uma profissional com camisa azul e calça laranja. O cenário, os gestos e as posturas dos profissionais são ícones do trabalho arqueológico de escavação. Quanto à indicialidade, tem-se na descrição de Silva (2023) que o material ósseo foi retirado de campo em bloco, metodologia empregada para melhor resgate, visto que o material estava completamente fragmentado. Com isso, na imagem, infere-se como indício da técnica o sedimento retirado ao redor do crânio. Ainda pode-se pontuar como índices da técnica, a estaca e o barbante delimitando a quadrícula, como também, os gestos e corpos dos integrantes como índices de uma atividade minuciosa. Pode-se inferir como símbolos da cena a configuração da atividade como uma escolha técnica de retirada dos remanescentes ósseos, assim como a ação coletiva (os três profissionais trabalhando juntos), que pode simbolizar a dimensão mútua da prática de escavação.

Figura 42 – Retirada em bloco do crânio, fragmentos de costelas e contas de um colar.



Fonte: Acervo do LAB/NDIHR/UFPB.
38ª fotografia.

A trigésima oitava fotografia (**Figura 42**), em plano médio, quanto à iconicidade, apresenta a técnica de retirada em bloco dos remanescentes ósseos, claramente inferida por pessoas da área. No ângulo inferior esquerdo, observa-se a escala métrica colorida e a seta amarela orientadora e algumas contas sinalizando que estão associadas ao enterramento. Nota-se dois blocos dos remanescentes ósseos, sendo um dos blocos o crânio (lado direito) e outro a parte das costelas (ao centro). No ângulo inferior direito, observa-se também uma rocha. Quanto aos índices, os fragmentos ósseos expostos em bloco podem ser entendidos como marcadores da técnica, da decisão metodológica decidida no momento da escavação, como narrado por um dos arqueólogos: *“Nesse caso, o crânio e alguns ossos do primeiro sepultamento estavam muito friáveis e, com isso, optou-se por preservar o molde do crânio. Por isso, a gente achou melhor escavar a volta, tirar o bloco e manter esse bloco inteiro para ser analisado em laboratório”*. A escala e a seta de orientação são índices do registro científico, assim como textura e coloração dos sedimentos da superfície, são índices da prática arqueológica de escavação. No nível simbólico, a escolha técnica de remover o material devido à fragilidade dos vestígios mostra um gesto que simboliza o cuidado extremo com a preservação do registro arqueológico.

Figura 43 - Equipe em atividade.



Fonte: Acervo do LAB/NDIHR/UFPB.
39ª fotografia.

A trigésima nona fotografia (**Figura 43**), em plano médio, apresenta uma cena de escavação arqueológica. O cenário, a superfície da quadrícula revolvida, os gestos e as posturas corporais dos integrantes remetem claramente ao contexto. No lado superior esquerdo, observa-se um integrante de camisa listrada e calça laranja de costas. No lado inferior esquerdo, nota-se um integrante com luvas, camisa verde e de boné azul manipulando o solo revelando a presença de vestígios ósseos, no lado superior direito, uma integrante de luvas e camiseta vinho, com uma pá próxima ao corpo, apontando para a retirada do sedimento, ao centro da imagem, observa-se vestígios de ossos longos na quadrícula formada por barbantes e estaca (lado superior direito), no lado superior esquerdo ainda é percebida a presença de outra pessoa, em que aparece parcialmente as mãos com luvas e instrumentos dispostos no entorno da quadrícula. Quanto aos índices, os gestos, as ferramentas e a quadrícula delimitada com os sedimentos revolvidos, podem ser inferidos como índices da escavação em andamento. Os vestígios parcialmente expostos indicam a presença de um remanescente humano inumado no local. Em relação ao símbolo, a quadrícula e as ferramentas apontam para os métodos e a técnica da prática de escavação. A disposição dos integrantes ao redor dos vestígios pode ser interpretada como símbolo da prática de campo e da atividade coletiva.

Figura 44 - Exumação de esqueleto humano em escavação arqueológica.



A quadragésima fotografia (**Figura 44**), em plano médio, no que diz respeito ao ícone, apresenta o início da exumação arqueológica de um esqueleto humano. No lado superior direito, observa-se a escala e a seta de orientação; no lado superior esquerdo, fragmentos de ossos longos, ao centro da imagem, destacam-se o crânio e partes do esqueleto ainda articuladas. No lado inferior esquerdo, percebe-se a presença de ossos longos e material rochoso. No ângulo inferior esquerdo, nota-se um pequeno fragmento ósseo; no lado inferior direito, visualiza-se a profundidade da superfície escavada. A imagem registra o segundo enterramento identificado, conforme Silva (2023), trata-se de um enterramento simples e primário, os ossos estavam em estado de conservação ruim, tendo em vista que o crânio se mantinha melhor preservado. Quanto ao símbolo, a fotografia remete ao processo técnico da escavação, onde a escala e a seta de orientação sinalizando o Norte simbolizam o rigor metodológico do registro.

Figura 45 – Segundo sepultamento humano identificado.



Fonte: Acervo do LAB/NDIHR/UFPB.
41ª fotografia.

A quadragésima primeira fotografia (**Figura 45**), em plano médio, apresenta ao nível icônico, a representação de um sepultamento humano. O

tratamento do corpo revela uma inumação em decúbito lateral direito, com os membros superiores e inferiores em posição flexionada. No lado superior direito, visualiza-se o crânio articulado ao tronco; no lado superior esquerdo, observa-se membro superior sobre uma rocha; no lado inferior direito, nota-se as costelas, vértebras e membros inferiores flexionados, bastante fragmentados; visualiza-se também a escala colorida e a seta de orientação. Em relação à indicialidade, a imagem remete a indícios de práticas funerárias e a possíveis alterações que ocorrem após o enterramento, como destaca um dos interlocutores: *“O braço saindo aqui por cima da rocha pode significar alguma perturbação, que até mexeu no corpo.”* Outro signo indicial é a presença de material lítico no entorno do corpo, entretanto a associação ao sepultamento não é evidente, como o arqueólogo aponta: *“Você tem a presença de material lítico, mas não necessariamente como acompanhamento funerário.”* Quanto ao símbolo, pode-se inferir que os marcadores visuais (escala e seta de orientação) simbolizam uma escolha técnica mediante o registro arqueológico.

Figura 46 – Adorno produzido em concha.



Fonte: Acervo do LAB/NDIHR/UFPB.
42ª fotografia.

A quadragésima segunda fotografia (**Figura 46**), em plano fechado, no que tange à iconicidade, mostra um artefato (ao centro) cuja forma, textura (ranhuras paralelas) e perfuração são facilmente percebidas. O artefato está posicionado horizontalmente sobre uma base rochosa (lado superior esquerdo e direito), no lado inferior verifica-se a presença da escala métrica em preto e branco. Ao nível indicial, Silva (2023) destaca que o artefato encontrado foi manipulado e produzido em concha, em que se observou que o comprimento da peça é menor que a largura, com sistema de suspensão situado na parte central superior, feito com uma única perfuração, caracterizando um pingente. A perfuração citada pela autora apresenta a função do artefato, muito possivelmente um pingente. O material, o formato, a textura do artefato apontam para uma ação técnica na confecção do artefato. Em relação ao símbolo, o plano fechado da fotografia simboliza uma escolha técnica para o registro arqueológico.

Figura 47 - Fragmento de concha.



Fonte: Acervo do LAB/NDIHR/UFPB.
43ª fotografia.

A quadragésima terceira fotografia (**Figura 47**), em plano fechado, no que se refere ao ícone, apresenta um artefato (ao centro) cujo aspecto remete a uma concha. O material está posicionado de maneira horizontal sobre uma superfície rochosa (lado superior esquerdo e direito), no lado inferior observa-se uma escala métrica em preto e branco. Em relação à indiciabilidade, a imagem mostra o registro do fragmento de concha posicionado em paralelo à escala, no que se pode inferir como índice do processo técnico de documentar o artefato. A presença do fragmento, de acordo com a narrativa de um dos arqueólogos: *“Isso aqui é uma concha, possivelmente um fragmento de concha de um gastrópode, que não poderia estar nunca ali, não tem como subir. A altura do abrigo em relação ao rio é de cerca de quatro a cinco metros, acho que até mais. Então, o gastrópode não poderia subir nunca ali. Então ele foi levado por mãos humanas, não tinha primata para fazer isso, nenhum outro animal teria levado isso para lá”* — torna-se indício da possível ação dos indivíduos em tempos pretéritos. De acordo com Silva (2023), não foi possível definir o fragmento como parte do ritual, já que não estava em conjunto com nenhuma sepultura identificada. Quanto ao símbolo, a preocupação do registro técnico infere para a possível ação dos sujeitos pretéritos, mesmo sem a associação direta com um enterramento, concebe-se importância ao artefato.

Figura 48 - Vista da área ao fim da escavação.



Fonte: Acervo do LAB/NDIHR/UFPB.
44ª fotografia.

A quadragésima quarta fotografia (**Figura 48**), em plano médio, quanto à iconicidade, mostra a área de escavação (ao centro) com a superfície bastante revolvida. No lado inferior direito, observa-se a presença de plásticos transparentes; no lado superior, visualiza-se o afloramento rochoso que compõe o abrigo e fragmentos de rochas. Em relação ao índice, o aspecto revolvido do sedimento e a presença de plásticos transparentes indicam áreas protegidas e sinalizadas para trabalhos posteriores. Outro índice significativo é o aspecto da superfície escavada, compreendendo que os sedimentos retirados foram novamente inseridos na área. No nível simbólico, a imagem representa a finalização da escavação, o solo revolvido e os plásticos sobre a superfície podem ser entendidos como símbolos das técnicas aplicadas nas fases finais do trabalho.

Figura 49 - Vista do rio Monteiro.



Fonte: Acervo do LAB/NDIHR/UFPB.
45ª fotografia.

A quadragésima quinta fotografia (**Figura 49**), em plano geral, no nível icônico, mostra uma representação da paisagem do entorno do sítio arqueológico. No lado superior esquerdo, observam-se as formações rochosas e o céu com poucas nuvens. No lado inferior esquerdo, destacam-se a vegetação seca, com cores amareladas. Ao centro da imagem, visualiza-se o açude formado pelo rio Monteiro. Já nos lados direito superior e inferior, nota-se a continuidade da cena, o céu, a geografia e a vegetação. Em relação ao índice, a captura dos elementos, a espacialidade da paisagem apresenta um plano abrangente, confirmado na narrativa de um dos arqueólogos participantes: *“Essa aqui foi tirada de cima do afloramento, dá para ver pelos galhos. A intenção era justamente pegar o máximo de informação ambiental possível, porque na boca do abrigo é mais difícil registrar o entorno”*. No que diz respeito ao símbolo, a fotografia simboliza o ambiente do sítio, como também a forma de registrar os marcadores da paisagem. Na fala de um dos interlocutores, compreende-se que houve uma escolha técnica ao realizar o registro de cima do abrigo.

Nas análises das fotografias da campanha de 2018, foi possível interpretar aspectos significativos do processo de escavação no sítio ao longo do tempo. Nessa etapa, foram encontrados dois enterramentos humanos dispostos em sepulturas delimitadas por blocos de rocha, onde um deles apresentava cultura material associada. A articulação dos registros fotográficos, os dados extraídos de publicações e os relatos de dois arqueólogos da equipe possibilitaram-nos lançar um olhar etnográfico, tanto para os contextos funerários quanto para a prática arqueológica em si. Neste sentido, compreende-se que a produção do conhecimento arqueológico pode ser concebida como uma prática social, imbuída de escolhas metodológicas, simbolismos e experiências subjetivas dos sujeitos em campo. Na próxima seção serão apresentadas as interpretações das fotografias da campanha de 2019.

4.5. Campanha de escavação realizada em 2019

A terceira etapa de escavação realizada no sítio arqueológico ocorreu entre os dias 16 e 20 de maio de 2019. A equipe coordenada mais uma vez pelo professor Carlos Xavier, vai a campo contando com a presença da pesquisadora que vos escreve e também com as graduandas em Antropologia pela UFPB, Djiuliane do Nascimento e Silvana M. Silva, Conrad Rosa, doutor em Geotécnica pela UNB, e Thiago F. de Souza, doutor em Arqueologia pela UFPE. A etapa teve como objetivo a recuperação do terceiro sepultamento identificado no ano anterior. Na ocasião, foi identificada uma sepultura delimitada por blocos de rocha, contendo um esqueleto humano adulto completo, bastante frágil. Na exumação, foram recuperados ossos fragmentados, coprólitos, fragmentos de carvão, restos faunísticos, sedimentos, material lítico, entre outros vestígios.

Para a campanha de 2019, foram utilizadas somente duas fotografias na análise deste estudo retiradas das publicações de Vieira (2022) e Silva (2023), embora tenha sido produzido um vídeo etnográfico desta etapa, optou-se, enquanto recorte metodológico, trabalhar unicamente com as fotografias, por isso foram analisadas duas imagens as quais se teve acesso, assim sendo pela quantidade de fotografias ser reduzida, não foi elaborado o quadro no *Word* com a organização das imagens, como feito nas campanhas anteriores.

Apesar da quantidade de fotografias analisadas, foi possível observar o padrão sepulcral do sítio, indícios das práticas funerárias, assim como os integrantes da equipe, onde alguns deles participaram desde os primeiros trabalhos de campo. Além disso, é possível observar a presença de outros remanescentes ósseos, verificar as nuances do ambiente e a dinâmica da equipe. Nesse sentido, os elementos identificados do trabalho arqueológico de escavação, assim como as intervenções realizadas pelos indivíduos do passado no ambiente, podem ser compreendidos como signos das práticas sociais e culturais dos grupos humanos que as produziram (Preucel, 2006). Em seguida, apresenta-se a interpretação das duas fotografias — uma relacionada ao sepultamento humano e outra apresentando o ambiente e a equipe em atividade — articuladas às narrativas dos arqueólogos e às informações dos trabalhos de Vieira (2022) e Silva (2023).

Figura 50 - Terceiro sepultamento humano identificado.



Fonte: Silva (2023).
46ª fotografia.

A quadragésima sexta fotografia (**Figura 50**), em plano médio, no que se refere ao ícone, a imagem mostra o sepultamento de um indivíduo humano, facilmente identificado por pessoas familiarizadas com o contexto. Ao centro,

observa-se o esqueleto fletido em decúbito lateral direito, nota-se o crânio bastante fragmentado, partes das costelas e da coluna vertebral deterioradas, no lado superior direito percebe-se a seta amarela de orientação indicando para o Norte, mais abaixo, encontra-se a escala métrica. No ângulo superior direito, nota-se a presença de blocos de rocha e, no ângulo inferior direito, observa-se a superfície, a profundidade, a coloração e textura do sedimento. No lado superior esquerdo, observam-se os ossos dos membros superiores e inferiores; no lado inferior esquerdo, notam-se os ossos dos pés, fragmentos de rochas. Na imagem, também se observa o enquadramento dos fios (cruzados) delimitando os espaços das quadrículas. Em relação à indicialidade, pode-se inferir tanto nos marcadores do trabalho arqueológico, como nas práticas funerárias. Observa-se a posição lateral e fletida do esqueleto, que pode ser compreendida como um gesto intencional, assim como a orientação do crânio voltado para o norte, apontado pela seta de orientação, sugere uma intenção na disposição do corpo. A escala colocada próxima ao crânio, associada ao entrelaçamento dos fios delimitando a quadrícula, pode ser entendida como índices do método arqueológico. Ainda no que diz respeito aos índices, os blocos de rocha dispostos em volta do indivíduo revelam uma possível estrutura funerária. Ao nível simbólico, a fotografia em si ganha um sentido no discurso arqueológico, ao entenderem que a imagem representa tanto o indivíduo sepultado, como também simboliza um registro científico e cultural. A presença de marcadores como a escala e a seta aponta para as escolhas técnicas. A sepultura, por sua vez, pode ser inferida como um signo simbólico das práticas rituais de grupos humanos do passado. Neste contexto, a fotografia não só representa o sepultamento, mas também documenta uma etapa irreversível da técnica de escavação, como apontado na narrativa de um dos arqueólogos: *“Uma fotografia, nesse caso arqueológica, tem que ter o enquadramento, o foco, a disposição da foto, tudo isso tem que ser pensado pelo arqueólogo. A fotografia passa pelo processo de experiências em campo, mas também de método, de uma foto limpa, sem instrumentos. E sempre é a perspectiva do fotógrafo. Como a ação arqueológica é destrutiva, você tem que ter essa documentação para comprovar aquilo que você viu, para preservar aquelas informações.”*

Figura 51 - Vista geral do sítio Parque das Pedras e equipe.



Fonte: Vieira (2022).
47ª fotografia.

A quadragésima sétima fotografia (**Figura 51**), em plano geral, ao nível icônico, mostra uma cena do trabalho arqueológico, o abrigo rochoso, as posturas corporais dos profissionais, as estacas de madeira e as ferramentas são prontamente identificadas por pessoas familiarizadas com a arqueologia. No lado superior da imagem, nota-se a dimensão do abrigo rochoso. Ao centro da imagem, nota-se a presença de profissionais (uma mulher e três homens), com os corpos inclinados para a área delimitada e outros em pé observando. No lado inferior, aponta-se a presença de folhas verdes em primeiro plano. No lado inferior direito, nota-se a incidência da luz solar. No que se refere à indiciabilidade da imagem, a disposição dos profissionais em torno da área, os corpos curvados podem ser inferidos como índices da prática em andamento. A máscara usada por uma das integrantes pode ser entendida como um índice de proteção individual. As estacas de madeira e o balde podem ser apontados como índices dos procedimentos técnicos, como também a vegetação com folhas verdes pode indicar que a escavação ocorreu durante um período chuvoso. Quanto ao símbolo, a imagem apresenta a dimensão simbólica do trabalho em equipe, onde a prática coletiva depende da escuta e da troca entre os integrantes da equipe.

Este ponto de vista pode ser compreendido na narrativa de um dos nossos interlocutores: *“O trabalho de campo bom é quando começa a criar uma parceria. Você vai ser o parceiro do outro, o êxito da tua atividade também depende do êxito da atividade do outro. [...] Quem vai te dizer como escavar vai ser o sítio. É preciso também esse diálogo contínuo.”* Nesse sentido, a fotografia documenta as escolhas e também aponta para uma configuração do universo arqueológico.

Por fim, embora a campanha de 2019 apresente um número reduzido de fotografias, elas revelam informações relevantes sobre o contexto funerário e o trabalho arqueológico. Os registros visuais permitem observar o padrão sepulcral, o abrigo rochoso e os gestos e as relações colaborativas da equipe em campo, possibilitando compreender essa etapa como parte de um processo contínuo de pesquisa no sítio Parque das Pedras. A análise das imagens produzidas ao longo de mais de uma década permite-nos refletir sobre a evolução do trabalho de campo, das práticas metodológicas, do registro arqueológico e das interpretações dos contextos funerários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como proposta contribuir para a produção acadêmica, para o acesso e a salvaguarda da informação, como também para a comunicação sobre o patrimônio arqueológico paraibano. Para isso, como objetivo, buscou-se descrever os contextos funerários a partir das informações contidas nas fotografias produzidas nas campanhas de prospecção e de escavações no sítio Parque das Pedras, no Cariri Ocidental Paraibano. Para além disso, buscou-se compreender qual o papel das imagens na construção de uma etnografia do trabalho arqueológico de escavação, considerando o potencial das imagens na produção de conhecimento científico. A partir da análise de 47 fotografias provenientes do acervo digital do LAB/NDIHR/UFPB, foi possível verificar que as imagens são documentos visuais significativos, os quais permitem identificar os padrões sepulcrais, as práticas funerárias e as mudanças metodológicas no desenvolvimento da pesquisa de campo ao longo do tempo.

À luz da abordagem metodológica proposta por Cisneiros, Mützenberg e Silva (2012), os quais contribuem para o uso sistemático das fotografias na arqueologia, as imagens foram interpretadas a partir das análises semiótica e etnográfica, as quais evoluem as etapas descritas no fluxograma: como registros documentais produzidos em campo, onde cumprem as funções de ilustrar, mensurar, informar e comparar, podendo ser concebidas como elementos de análise e reconstrução dos contextos funerários e do trabalho arqueológico. Com isso, ao serem apresentados neste estudo, os registros visuais são entendidos como instrumentos analíticos na pós-produção e recepção, ao passo que apontam o potencial informativo para uma historiografia da arqueologia, revisão de estratégias de campo e nos processos de devolutiva para a sociedade (Cisneiros; Mützenberg; Silva, 2012).

A organização das imagens em categorias temáticas (trabalho, vestígios e ambiente) e as análises através da abordagem da semiótica peirceana mostram que os registros visuais podem ser compreendidos enquanto signos — ícones, índices e símbolos — que apontam tanto a materialidade dos registros arqueológicos quanto as ações humanas que as produziram. Em relação aos contextos funerários, o estudo identificou, por meio das fotografias e das

publicações dos trabalhos sobre o sítio Parque das Pedras, três sepulturas com o mesmo padrão de enterramento, conforme os critérios descritos por Cisneiros (2003). Assim sendo, todos os sepultamentos apresentam características de enterramento primário, com os indivíduos posicionados em decúbito lateral direito, com a parte de trás do crânio voltada para o Norte. Também se verificou a delimitação das sepulturas com blocos de rochas e, em um dos enterramentos, a presença de cultura material associada, como as contas de um colar.

De acordo com Azevedo Netto, Miranda e Rosa (2011), embora as fotografias registrem os contextos arqueológicos, as dimensões simbólicas dessas imagens não estão necessariamente contidas nas fotografias em si, mas sim no olhar do arqueólogo e na interpretação que se faz sobre os vestígios. Como destacou um dos profissionais: *“Todo contexto arqueológico é simbólico, porque ele representa ações humanas em primeiro lugar.”* Com isso, o processo interpretativo, a partir da etnografia visual reflexiva, permitiu-nos acessar as memórias e as experiências dos arqueólogos que participaram das campanhas.

Nesta perspectiva, entende-se que as escolhas metodológicas devem ser compreendidas como construções sociais, como refletem Latour e Woolgar (1997). Os autores discutem que a ciência não se distingue de outras práticas sociais, que os fatos científicos são produções coletivas e culturais. Esta concepção corresponde ao que Geertz (1978) discute, ao propor que, por meio da prática da observação etnográfica, é que se pode começar a compreender o que, de fato, representa a análise antropológica como forma de conhecimento.

Por fim, o presente estudo buscou refletir sobre o papel das imagens na construção do conhecimento arqueológico. Como discute Shanks (1997), as fotografias não são meros registros do passado, mas sim elementos ativos na interpretação e na produção de significados no presente. Com isso, as imagens apresentam tanto as ações dos sujeitos do pretérito quanto do trabalho arqueológico de escavação no presente. Para Preucel (2006), a investigação dos signos e dos significados é fundamental para interpretar as práticas sociais e a materialidade do passado, assim a arqueologia, articulada à teoria semiótica, constitui uma abordagem interpretativa significativa na tentativa de compreender os universos culturais de diferentes grupos humanos que habitaram o passado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, R. T. *A arte Rupestre nos cariris velhos*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1979.

ANJOS, A. M.; SILVA, G. E. G. *Tecnologias digitais da informação e da comunicação (TDIC) na educação*. – Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, Secretaria de Tecnologia Educacional, 2018.

AUGUSTO, G. TOUTAIN, L. B. *A semiótica da imagem fotográfica digital em preto e branco*. Ponto de Acesso, Salvador, v. 10, n. 3, p. 136-146, dez. 2016.

AUMONT, J. *A Imagem*. São Paulo. Editora Papirus, 2016, Campinas.

AZEVEDO NETTO, C. X. *Preservação do patrimônio arqueológico: reflexões através do registro e transferência da informação*. Inf., Brasília, v. 37, n. 3, p. 7-17, set./dez. 2008.

_____. *Representação e interpretação de um antigo sistema de informação: os grafismos rupestres no Brasil*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

AZEVEDO NETTO, C. X.; MATOS, F. A. S. *Tratamento da Informação Rupestre: Uma ação interdisciplinar*. João Pessoa: Biblionline/UFPB v. 8, n. esp., p. 35-54, 2012.

AZEVEDO NETTO, C. X.; KRAISCH, A. M. P. O.; ROSA, C. R. *Territorialidade e arte rupestre – inferências iniciais acerca da distribuição espacial dos sítios de arte rupestre na região do Cariri paraibano*. Revista de Arqueologia, n. 20, p. 51-65, 2007.

AZEVEDO NETTO, C. X.; ROSA, C. R.; MIRANDA, P. G. *Semiótica dos sítios cerâmicos da Região do Cariri Ocidental – PB*. CLIO- Série Arqueológica, Recife, v. 2, n. 1, p. 265- 288, 2011.

AZEVEDO NETTO, C. X.; ROSA, C. R.; SOUZA, T. F. *Situação Geomorfológica dos Sítios Arqueológicos no município de Camalaú - Paraíba*. In Revista de Arqueologia, V. 34, N. 1, P. 177-195, 2021.

AZEVEDO NETTO, C. X., MATOS, F. A. S., SOUZA, T. F. *Panorama pré-histórico sobre as pesquisas arqueológicas no estado da Paraíba*. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, 2023.

AZEVEDO NETTO, C. X., MATOS, F. A. S., SOUZA, T. F. *Un método propositivo de registro documental en modelación tridimensional y calco digital: Estudio de caso de sítios arqueológicos con arte rupestre en Camalaú, estado da Paraíba, Brasil*. Arqueología, 30(3), 13343, 2024.

BANKS, Marcos. *Dados visuais para a Pesquisa Qualitativa*. Artmed: Porto Alegre, 2009.

BARKER, P. *Techniques of Archaeological Excavation*. New York: Universe Books, p. 96-160, 1977.

BARS, C. R. *Semiótica aplicada à Arqueologia – um estudo de caso na Área Andina*. Revista de História da Arte e da Cultura, Campinas, SP, n. 14, p. 21–37, 2021.

BARTHES, R. *A Câmara Clara*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. 1984.

BINFORD, L. R. *Mortuary practices: their study and their potential*. In: BROWN, J. A. *Approaches to the social dimensions of mortuary practices*. SAA Memoirs, Washington D.C, n. 25, p. 6-29, 1971.

BOURDIEU, P. *Outline of a Theory of Practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

BUIKSTRA, J. E.; BECK, L. A. *Bioarchaeology: the contextual analysis of human remains*. Amsterdam: Elsevier, 2006.

CASTAÑEDA, Q. E. *The “ethnographic turn” in archaeology: research positioning and reflexivity in ethnographic archaeologies*. In: CASTAÑEDA, Quetzil E.; MATTHEWS, Christopher N. (eds.). *Ethnographic Archaeologies: reflection on stakeholders and archaeological practices*. Lanham: AltaMira Press, 2008.

CASTAÑEDA, Q; MATTHEWS, C. (eds.). *Archaeologies: Ethnographic reflections on stakeholders and archaeological practices*. Lanham: AltaMira Press, p. 1-23, 2008.

CASTRO, V. M. C. *Marcadores de identidades coletivas no contexto funerário pré-histórico no Nordeste do Brasil*. 2009. 309 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

CASTRO, V. M; DE OLIVEIRA, C. A.; SILVA, S. F. S. M.; PEDROZA, I. *et al. Práticas funerárias dos grupos ceramistas pré-históricos do sítio Serra do Evaristo I, município de Baturité, Ceará*. MNEME-Revista de Humanidades, Caicó, v. 16, n. 36, p. 201-227, 2015.

CATOIRA, T. *Patrimônios em Devir, A fruição da informação dos patrimônios arqueológicos juntos aos seus atores no município de Camalaú/PB*. Tese de Doutorado em Ciência da Informação, UFPB, João Pessoa, 2018.

CISNEIROS, D. *Práticas Funerárias na Pré-história no Nordeste do Brasil*. Dissertação de mestrado. Departamento de História, UFPE, Recife. 2003.

CISNEIROS, D.; MÜTZENBERG, D.; SILVA, S.F.S.M. *Arqueologia Visual: o Uso das Imagens Fotográficas na Produção do Conhecimento Arqueológico e Historiografia da Arqueologia*. R. Museu Arq. Etn., São Paulo, 22: 137-156, 2012.

COELHO NETTO, J. T. *Semiótica, informação e comunicação - Coleção Debates*. São Paulo: Editora Perspectiva, nº 168. 1989.

COLLIER J. J. *Antropologia Visual: a fotografia como método de pesquisa*. São Paulo: EDUSP, 1973.

_____. *Photograph and Visual Antropology*. In: HOCKINGS, P (ed.) *Principles of the Visual Antropology*. 2 ed. New York: Mouton de Gruyter, p. 235-253, 1995.

CONLON, V.M. *Camera Techniques in Archaeology*. London: University of London, 1971.

COOKSON, M B. *Photography for Archaeologists*. London: Max Parrish, 1954.

DAMÁSIO, A. *O mistério da consciência*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

DEETZ, J. *Invitation to Archaeology*. Garden City, New York: The Natural History Press, 1967.

DERRIDA, J. *Of Grammatology*. Baltimore: Johns Hopkins University Press. 1976.

DORRELL, P G. *Photography in Archaeology and Conservation*. 2 ed. Cambridge: Cambridge Manuals in Archaeology, 1995.

DUBOIS, P. *O Ato Fotográfico*. São Paulo: Papirus, 1990.

DUPREE, L. The artificial small group and archaeological excavation. *American Antiquity* 20 (vol. 3), 1955.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. *Antropologia da Imagem no Brasil: Experiências fundacionais para a construção de uma comunidade interpretativa*. Porto Alegre: Iluminuras, V. 17, N. 41, P. 277-297, 2010.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. *A preeminência da imagem e do imaginário nos jogos da memória coletiva em coleções etnográficas*. 1. ed. Brasília: ABA, 2015.

ECO, U. *Tratado Geral de Semiótica- Coleção Estudos*. Tradução de Gilson C. C. de Souza. São Paulo: Editora Perspectiva, nº 37, 1980.

_____. *Semiotics and the philosophy of language*. Bloomington: Indiana Univ. Press, 1984.

EDGEWORTH, M. *Acts of Discovery. An Ethnography of Archaeological Practice*. BAR International Series 1131. Oxford: Archaeopress, 2003.

FAHLANDER, F.; OESTIGAARD, T. *Material Culture and Other Things*. Public Archaeology, New York, Routledge, 2004.

FESTER, H. *O que é: Documentação arqueológica e sua importância*. *Historic Text*, 14 nov. 2024.

FLUSSER, V. *O mundo codificado: Por uma filosofia do design e da comunicação*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

FOUCAULT, M. *The Order of Things: An Archaeology of the Human Sciences*. New York: Vintage Books, 1970.

FUNARI, P. P. *Arqueologia*. Ática: São Paulo, 1988.

GEERTZ, C. J. *A interpretação das Culturas*. Tradução de Fanny Wrolbel. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Tradução de Vera Joscelyne. 14. ed. p. 150-166. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

GURAN, M. *Documentação Fotográfica e Pesquisa Científica: Notas e Reflexões*. Brasília: Funarte, 2012.

HARP, E. (Ed) *Photography in archaeological research*. Albuquerque: University of New Mexico Press. p. 3-15, 345-365, 1975.

HEIZER, R. F.; GRAHAM, J. A. *Archaeological Field Photography*. In *A Guide to Field Methods in Archaeology (Approaches to the Anthropology of the Dead)*. California/Palo Alto: The National Press, p. 148-157, 1967.

HISSA, S. *A Fotografia Arqueológica: entre a Mimese e a Criação*. Revista *Habitus - Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia*, Goiânia, Brasil, v. 13, n. 2, p. 71–88, 2016.

HODDER, I. *Interpretación en Arqueología*. 2ª. ed. Barcelona: Crítica, 1994.

HODDER, I. *The Archaeological Process: An Introduction*. Oxford: Blackwell, 1999.

HODDER, I. *Towards Reflexive Method in Archaeology: the example at Çatalhöyük*. Cambridge: McDonald Institute Monographs, 2000.

HOOTON, E.A. *The Indians of Pecos Pueblo: a study of their skeletal remains: Papers of the Southwestern expedition*. New Haven: Yale University Press, 1930.

JOLY, M. *Introdução à análise da imagem*. Tradução de José Eduardo Rodil. Lisboa: Edições, 2007.

JOUKOWSKY, M. *Field Photography*. In: *A Complete Manual of Field Archaeology (tools and techniques of field work for archaeologists)*. New York: Prentice Hall Press, p. 427-442, 1986.

KLEIN, A. *Imagem: Arqueologia e Conceitos*. Significação: Revista de Cultura Audiovisual, vol. 32, núm. 23, pp. 175- 194, São Paulo, 2005.

KOSSOY, B. *Fotografia e História*. São Paulo: Ática, 1989.

LAMING-EMPARIE, A. *L'Archaeologie Prehistorique*. Paris: Editions du Seul, 1973.

LARSEN, C. S. *Bioarchaeology: The Lives and Lifestyles of Past People*. Journal of Archaeological Research, v. 10, n. 2, p. 119–166, 2002.

LATOUR, B. *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

_____. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade*. Tradução de Ivone C. Benedetti; revisão de tradução Jesus de Paula Assis. São Paulo. Editora UNESP, 2000.

LATOUR, B.; WOOLGAR, S. *A Vida de Laboratório: a produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro, Relume Dumará. 1997.

LEMO, M. L. *Registros Visuais na Arqueologia: uma abordagem técnica da linguagem da imagem*. Tese de doutorado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP, 1992.

LEROI-GOURHAN, A. *Le geste et la Parole*, Paris, Albin-Michel, 1964.

LIMA, I. *A Fotografia é a sua Linguagem*. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. Espaço e Tempo, 1988.

LLOBERA, M. *Archaeological Visualization: Towards na Archaeological Information Science (AISC)*. Journal of Archaeological Methods and Theory, v. 17, n. 4, Springer, p. 1-31, 2010.

LUCAS, G. *Critical approaches to fieldwork*. Londres: Routledge, 2001.

MANGUEL, A. *Lendo Imagens*. Companhia das Letras, 2006, São Paulo.

MARTIN, G. *Pré-história do Nordeste do Brasil*, UFPE, Recife, 1997.

MARTIN, G.; ASON, I. *A tradição Nordeste na arte rupestre do Brasil*. Clio Arqueológica. n. 14, p. 99-109, 2000.

MATOS, F. A. S. *Os antropomorfos no registro rupestre do semiárido paraibano: caracterização das representações na microrregião do Cariri Ocidental*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Arqueologia, UFPE, Recife. 2015.

MATTHEWS, S.K. *Photography in Archaeology and Art*. London: John Bake Publications, 1968.

MENDOÇA DE SOUZA, A. *Dicionário de Arqueologia*. Rio de Janeiro: Adesa, 1997.

MENDONÇA DE SOUZA, S. M. F. *Lesões traumáticas como indicadores de atividades físicas na população da Furna do Estrago, Pernambuco, Brasil*. In: ARAUJO, A.J.G.; FERREIRA, L.F., eds. *Paleopatologia & Paleoepidemiologia – estudos multidisciplinares*. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública, 1992.

MENDONÇA DE SOUZA, S. M. F. *Bioarqueologia e Antropologia Forense*. In: 1º Encontro de Arqueologia do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2009. Anais [...]. Campo Grande: UFMS, p. 89-113, 2009.

MENDONÇA DE SOUZA, S. M. F.; RODRIGUES-CARVALHO, C. “Ossos no chão”: *para uma abordagem dos remanescentes humanos em campo*. Boletim do Museu Paranaense Emilio Goeldi, Belém, v. 8, n. 3, p. 551- 566, 2013.

MIGNON, M. R. *Dictionary of Concepts in Archaeology*. London: Greenwood Press, p. 204-209. 1994.

MOBERG, C. A. *Introdução à Arqueologia*. Lisboa: Edições 70, 1986.

MOLYNEAUX, B.L. *The Cultural Life of Images: Visual Representation in Archaeology*. London: Routledge/ TAG, 1997.

NASCIMENTO, D. M. B. *A espacialidade nas formas de ocupação espacial dos grafismos rupestres e a possível formação de territórios/ Os Agenciamentos Semióticos na Constituição dos Painéis Rupestres: A dinâmica entre os grafismos reconhecíveis e puros, no Cariri Ocidental Paraibano*. Relatório Final do Programa Institucional de Bolsas Iniciação Científica, UFPB, 2019.

NÖTH, W. *Panorama da semiótica: de Platão a Peirce*. Annablume, 4ª ed. São Paulo, 2003.

NÖTH, W. *Fundamentos semióticos do estudo das imagens*. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens*, Salvador: Universidade do Estado da Bahia – UNEB, n. 5, p. 1–27, dez. 2012.

NÖTH, W. *Semiótica visual*. *Tríade: Comunicação, Cultura e Mídia*: Sorocaba, SP, v. 1, n. 1, p. 13–40, jun. 2013.

OLIVEIRA, M. A. S. *Práticas funerárias na arqueologia: Pluralidade e patrimônio*. *Clio Arqueológica*, Recife, v. 33, n. 2, p. 1–43, 2018.

PALLESTRINI, L.; PERASSO, J. A. *Arqueologia: Método y Técnicas en Superfícies Amplias*. Paraguay: Biblioteca Paraguaya de Antropología/Centro de Estudios Antropológicos de la Universidad Católica N. S. de la Asunción, 1984.

PEIRCE, C. S. *Values in a Universe of Chance: Selected Writings of Charles S. Peirce*, ed. P. P. Weiner. Garden City, NY: Doubleday, 1958.

PEIRCE, C. S. *Semiótica – Coleção Estudos*. Tradução de J. T. Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, no 46. 1977.

PEIRCE, C. S. *Peirce Edition Project - The Essential Peirce: Selected Philosophical Writings*, Vol. 2: 1893–1913. Bloomington: Indiana University Press. 1998.

PESSIS, A. M. *Métodos de Documentação Cinematográfica em Arqueologia*. in *Clio Revista do Curso de Mestrado em História*, nº 5, UFPE, Recife, p. 129-138, 1982.

PINK, S. *Doing Visual Ethnography: Images, Media and Representation in Research*. London: SAGE Publications, 2001.

PINK, S. *The Future of Visual Anthropology: Engaging the Senses*. London: Routledge, 2006.

POUGET, F. M. C. *Práticas arqueológicas e alteridades indígenas*. 2010. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

PREUCEL, R. W. *Archaeological Semiotics*, Oxford, Blackwell Publishing, 2006.

PREUCEL, R. W.; BAUER, A. A. *Archaeological Pragmatics*. Norwegian Archaeological Review 34, pp. 85–96, 2001.

REYERO, S. G. *Los usos de la fotografía en la arqueología como ciencia moderna*. Francia 1850-1914. Madri: CuPAUAM, n.27, p.163-182, 2001.

RIBEIRO, M. S. *Arqueologia das Práticas Mortuárias: Uma Abordagem Historiográfica*. São Paulo: Alameda. 2007.

RIBEIRO, E. S. *Um estudo sobre o símbolo, com base na semiótica de Peirce*. Estudos semióticos, semestral, vol. 6, no 1, p. 46 –53, 2010.

RIBEIRO, K. A. *Arqueologia da imagem e arte rupestre: estudo dos originais fotográficos históricos de Ramón Sobrino Buhigas (1888-1946)*. Dissertação (Mestrado). Instituto Politécnico de Tomar, Unidade departamental Arqueologia, Conservação, Restauro e Património, Portugal, 2020.

RODRIGUES-CARVALHO, C.; LESSA, A.; MENDONÇA DE SOUZA, S. M. F.; WESOLOWSKI, V. *Escavar e interpretar lugares de deposição de mortos*, in Abordagens estratégicas em sambaquis. Erechim, RS: Habilis Editora, 2013.

ROUILLÉ, A. *A fotografia entre documento e arte contemporânea*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.

SANTAELLA, L. *O que é semiótica – Coleção Primeiros Passos*. Brasiliense, 2ª ed. São Paulo, 1983.

SANTAELLA, L.; NÖTH, W. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. 1 ed. São Paulo: Iluminuras, 1997.

SANTAELLA, L.; FRANCO, J. O. R.; BONA, C. M.; ESPÍNOLA, V. *Por uma semiótica não-tergiversante: análise do site Conductor - MTA*. Líbero: São Paulo, v. 14, n. 28, p. 67–76, dez. 2011.

SANTOS, G. A. *Bioarqueologia Aplicada ao Estudo dos Remanescentes humanos do sítio Parque das Pedras-PB: Uma Contribuição para a Arqueologia no Nordeste do Brasil*. Trabalho de Conclusão de Curso. Departamento de Arqueologia, UFS, Laranjeiras, 2018.

SHANKS, M. *Postprocessual archaeology and after*. In: BENTLEY, R. A.; MASCHNER, H. D. G.; CHIPPINDALE, C. (orgs.). *Handbook of Archaeological Theories*. Lanham: AltaMira Press, p. 133–144, 2008.

SHANKS, M. *Photography and Archaeology*. In: MOLYNEAUX, B.L. (ed.) *The Cultural Life of Images: Visual Representation in Archaeology*. London: Routledge/ TAG, p. 73-107, 1997.

SHANKS, M., TILLEY, C. *Re-Constructing Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

SILVA, S. F. S. M. S. *Arqueologia das Práticas Mortuárias em Sítios Pré-históricos do Litoral do estado de São Paulo*. 2005. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

SILVA, S. F. “*Arqueologia das Práticas Funerárias: Resumo de uma estratégia*”. Revista do Museu de Arqueologia de Xingó, n. 10, p. 99–142, 2007.

SILVA, J. A. *O corpo e os adereços: Sepultamentos humanos e as especificidades dos adornos funerários*. Dissertação Mestrado. Departamento de Arqueologia, UFS, Laranjeiras, 2013.

SILVA, M. V. P. S. *Arqueologia e Fotografia: Balanço e perspectivas*. Trabalho de Conclusão de Curso. Departamento de Arqueologia, UFS, Laranjeiras, 2018.

SILVA, S. M. S. *Espaços para os vivos e para os mortos: sítios com remanescentes osteológicos humanos e suas diversidades artefatuais em Camalaú/PB*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Arqueologia, UNIVASF, São Raimundo Nonato, 2023.

SILVA, F. A. *Etnografando a Arqueologia: dado etnográfico, prática etnográfica e conhecimento arqueológico*. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2024.

SILVEIRA, L. F. B. *Semiótica peirceana e produção poética*. Revista Trans/Form/Ação, São Paulo, v. 6, p. 13–23, 1983.

SIMON, C.; CHAIX, L.; CARVALHO, O. A; QUEIROZ, A. N. Enterramentos na Necrópole do Justino – Xingó. PAX/UFS, 1999.

SIMONDON, G. *El modo de existencia de los objetos técnicos*. Buenos Aires, Prometeo Libros, 2007.

SINGER, M. *For a Semiotic Anthropology*. In Sebeok, T. A. (ed.), Sight, Sound and Sense. Indiana University Press, Bloomington, 1978.

SONTAG, S. *Ensaio sobre Fotografia*. Rio de Janeiro: Labor, 1981.

SOUZA, T. F. *Paisagem arqueológica e pintura rupestre zoomórfica no semiárido do Nordeste brasileiro: ensaio sobre espaços persistentes mediante ocupações pré-históricas nos altos cursos dos Rios Moxotó e Paraíba*. Tese (Doutorado em Arqueologia). Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Recife, 2020

STOLLMEIER, L. A. *Diante da foto, uma arqueóloga: imagens-fenômeno, fototículas e outras subversões disciplinares da arqueologia da imagem gráfica*. Vestígios – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica, v. 18, n. 2, p. 153-176, jul./dez. 2024.

STRAUSS, A. *Possibilidades e limitações interpretativas da Hipótese Saxe/Goldstein*. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. hum. 7 (2), ago., 2012.

STRUEVER, S. *The Role of Film in Archaeology*. In HOCKINGS, P (ed.). *Principles of Visual Anthropology*. New York: Mouton de Gruyter, p. 193-99. 1995.

TRIGGER, B. G. *História do Pensamento Arqueológico* – 2ª edição. São Paulo: Odysseus, 2004.

VIEIRA, M. G. “*Eu tive uma intuição*”: *Um filme etnográfico sobre o trabalho arqueológico no Cariri Ocidental Paraibano*. Trabalho de Conclusão de Curso em Antropologia, UFPB: Rio Tinto, 2022.

VILCHES, L. *Teoría de la Imagem Periodística*. Barcelona: Ediciones Paidós, 1987.